



MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Manual de Campanha

BATALHÃO LOGÍSTICO

1ª Edição
1984

C29-15



MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Manual de Campanha

BATALHÃO LOGÍSTICO

1ª Edição
1984

Preço: Cr\$,

CARGA

EM.....

Portaria Nº 013 – EME, de 20 de fevereiro de 1984

MANUAL DE CAMPANHA C 29–15

BATALHÃO LOGÍSTICO

O CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, usando da atribuição que lhe confere o Art. 55 das “Instruções Gerais para as Publicações do Ministério do Exército” (IGPMEx), aprovadas pela Portaria Ministerial Nº 1335, de 04 de setembro de 1975,

R E S O L V E

Aprovar o Manual de Campanha C 29–15 – BATALHÃO LOGÍSTICO, 1ª Edição, 1984.

Gen Ex JOSÉ MAGALHÃES DA SILVEIRA
Chefe do E M E

NOTA

Solicita-se aos usuários deste manual a apresentação de sugestões que tenham por objetivo aperfeiçoá-lo ou que se destinem à supressão de eventuais incorreções.

As observações apresentadas, mencionando a página, o parágrafo e a linha do texto a que se referem, devem conter comentários apropriados para seu entendimento ou sua justificação.

A correspondência deve ser enviada diretamente ao EME, de acordo com o Art 71 das IGPMEx, podendo ser utilizada a carta-resposta constante do final desta publicação.

ÍNDICE DOS ASSUNTOS

		Prf	Pag
CAPÍTULO	1 – INTRODUÇÃO	1– 1	1– 1
CAPÍTULO	2 – BATALHÃO LOGÍSTICO		
ARTIGO	I – Generalidades	2– 1 e 2– 2	2– 1
ARTIGO	II – Subunidades	2– 3 a 2– 6	2– 3
ARTIGO	III – Emprego geral do batalhão	2– 7 a 2–15	2–17
CAPÍTULO	3 – COMANDO E CONTROLE		
ARTIGO	I – Comando	3– 1 a 3–10	3– 1
ARTIGO	II – Estudo de situação	3–11 a 3–14	3–10
ARTIGO	III – Documentos de estado-maior	3–15 e 3–16	3–16
CAPÍTULO	4 – ZONAS DE REUNIÃO	4– 1 a 4– 4	4– 1
CAPÍTULO	5 – ÁREA DE APOIO LOGÍSTICO		
ARTIGO	I – Desdobramento	5– 1 e 5– 2	5– 1
ARTIGO	II – Reconhecimento, escolha e ocupação	5– 3 a 5– 7	5– 3
ARTIGO	III – Mudança de área	5– 8 a 5–10	5– 8
CAPÍTULO	6 – OPERAÇÕES OFENSIVAS		
ARTIGO	I – Movimentos preparatórios	6– 1 e 6– 2	6– 1
ARTIGO	II – Marcha para o combate	6– 3 a 6– 9	6– 2
ARTIGO	III – Ataque coordenado	6–10 a 6–15	6– 8
ARTIGO	IV – Aproveitamento do êxito	6–16 e 6–17	6–15
ARTIGO	V – Reconhecimento e segurança	6–18 e 6–19	6–16
CAPÍTULO	7 – OPERAÇÕES DEFENSIVAS	7– 1 a 7– 7	7– 1

		Prf	Pag
CAPÍTULO	8 – MOVIMENTOS RETRÓGRADOS .	8– 1 a 8– 6	8– 1
CAPÍTULO	9 – OPERAÇÕES COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS		
ARTIGO	I – Contraguerrilha.	9– 1 a 9– 6	9– 1
ARTIGO	II – Operações em selva	9– 7 a 9–10	9– 7
ARTIGO	III – Operações aeromóveis e aeroterrestres.	9–11 a 9–14	9–14
CAPÍTULO	10 – LIGAÇÕES E COMUNICAÇÕES. .	10– 1 a 10– 6	10– 1
CAPÍTULO	11 – SEGURANÇA		
ARTIGO	I – Segurança da unidade.	11– 1 a 11– 5	11– 1
ARTIGO	II – Segurança de área de retaguarda . . .	11– 6 e 11– 7	11– 4
ARTIGO	III – Defesa de área de retaguarda	11– 8 a 11–12	11– 6
ARTIGO	IV – Controle de danos	11–13 a 11–15	11–10
ANEXO	A – MEMENTO DE ESTUDO DE SITUAÇÃO DE LOGÍSTICA – 1ª FASE		A– 1
ANEXO	B – MEMENTO DE ESTUDO DE SITUAÇÃO DE LOGÍSTICA – 2ª FASE		B– 1
ANEXO	C – MODELO DE ORDEM DE OPERAÇÕES DO B Log (COM CALCO DE DESDOBRAMENTO)		C– 1
ANEXO	D – MEMENTO DO PARÁGRAFO 4º – ADMINISTRAÇÃO DA ORDEM DE OPERAÇÕES DE GU (DE).		D– 1

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1-1 FINALIDADE

Este manual estabelece os fundamentos doutrinários para o emprego operacional dos batalhões logísticos (B Log) adotado no Exército Brasileiro.

- a. Batalhão Logístico de Divisão de Exército (B Log/DE).
- b. Batalhão Logístico de Brigada de Infantaria (B Log/Bda Inf).
- c. Batalhão Logístico de Brigada de Infantaria Motorizada (B Log/Bda Inf Mtz).
- d. Batalhão Logístico de Brigada de Infantaria Blindada (B Log/Bda Inf Bld).
- e. Batalhão Logístico de Brigada de Infantaria de Selva (B Log/Bda Inf SI).
- f. Batalhão Logístico de Brigada de Infantaria Pára-quedista (B Log/Bda Inf Pqdt).
- g. Batalhão Logístico de Brigada de Cavalaria Blindada (B Log/Bda C Bld).
- h. Batalhão Logístico de Brigada de Cavalaria Mecanizada (B Log/Bda C Mec).

CAPÍTULO 2

BATALHÃO LOGÍSTICO

ARTIGO I

GENERALIDADES

2-1. CONCEITUAÇÃO

O batalhão logístico é a unidade básica de apoio logístico no escalão brigada e divisão de exército.

2-2. BATALHÃO LOGÍSTICO

a. **Missão** — Proporcionar apoio logístico a todos os elementos orgânicos da Bda (DE).

b. **Designação** — Um por DE e Bda.

c. **Mobilidade** — 100% motorizado.

d. **Possibilidades e limitações.**

(1) Assegurar apoio logístico à Bda (DE) nas classes de suprimento de subsistência (I); combustíveis e lubrificantes (III); itens completos, peças e conjuntos de reparação (II, IV, V (A), VI, VII, IX e X); e material de saúde (VIII), com as respectivas capacidades, além do transportado pelas unidades.

(a) CI I — O necessário para até dois dias de suprimento; até cinco dias de suprimento no B Log/Bda Inf SI.

(b) CI III — O suficiente para a Bda C Mec se deslocar, em estradas, até 200 km e as demais Bda até 150 km; até cinco dias de suprimento no B Log SI.

(c) Demais classes — Até 35 t de suprimento; no B Log/Bda Inf SI, até cinco dias.

(2) Estocar e distribuir os suprimentos citados, inclusive por via fluvial nos B Log/Bda Inf SI. No B Log/Bda Inf Pqdt realizar, também, o suprimento pelo ar.

(3) Prestar apoio de manutenção de 3º escalão em 80% das necessidades, exceto nos materiais orgânicos de: comunicações e eletrônica das Cia e B Com; engenharia das Cia e BE Cmb; e de saúde. O B Log SI assume, também, os encargos de manutenção de embarcações fluviais e de motores marítimos.

(4) Prestar apoio de manutenção de 2º escalão em material de saúde.

(5) Prestar assistência médica de urgência, inclusive tratamento dentário de emergência, e instalar até dois postos de triagem (P Trg). O B Log/Bda C Mec pode instalar até três P Trg. O B Log/Bda Inf SI pode instalar e operar até quatro P Trg.

(6) Realizar a evacuação de pessoal das unidades até o B Log; no B Log/Bda Inf SI, inclusive por via fluvial.

(7) Complementar a evacuação do material salvado e capturado, das unidades até o B Log; no B Log/Bda Inf SI, inclusive por via fluvial.

(8) Desdobrar, quando necessário, uma subárea de apoio logístico (SA Ap Log); os B Log de DE e Bda (exceto o B Log/Bda C Mec e o B Log/Bda Inf SI) só podem fazê-lo por período limitado de tempo. O B Log/Bda Inf SI pode desdobrar, efetivamente, duas subáreas de apoio logístico e o da Bda C Mec, uma subárea.

(9) Exercer o controle operacional sobre a companhia de administração (Cia Adm) no que se refere a deslocamento, desdobramento e segurança.

(10) Assegurar, com limitações, a sua própria defesa e de suas instalações; seu pessoal, eventualmente, poderá combater como infantaria.

(11) Receber e enquadrar reforços de outras organizações de apoio logístico, a fim de aumentar sua capacidade de apoio, quando necessário.

(12) Destacar equipes para reforçar a capacidade de apoio de outros B Log.

(13) Remover e destruir engenhos falhados (granadas e bombas) quando reforçado por equipes especializadas do escalão superior.

e. Organização do B Log (exceto o B Log/Bda Inf SI) — Conforme Fig 2-1.

f. Organização do B Log/Bda Inf SI — Conforme Fig 2-2. Será atribuído ao B Log, quando necessário, uma companhia de mão-de-obra, para o transporte de suprimento e evacuação de pessoal e material, através da selva. Obs.: O B Log/Bda Inf SI, quando em operações, recebe em reforço a Companhia de Administração e o Hospital Portátil.

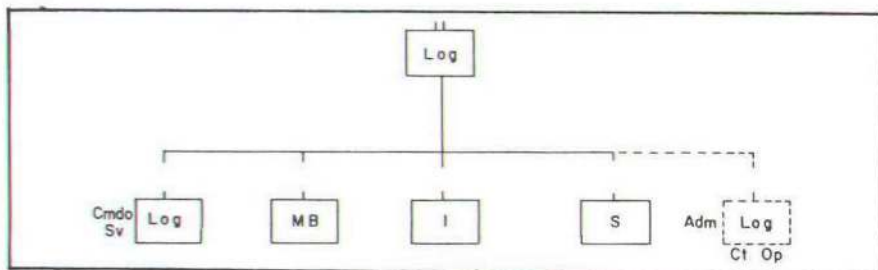


Fig 2-1. B Log (exceto B Log/Bda Inf SI)

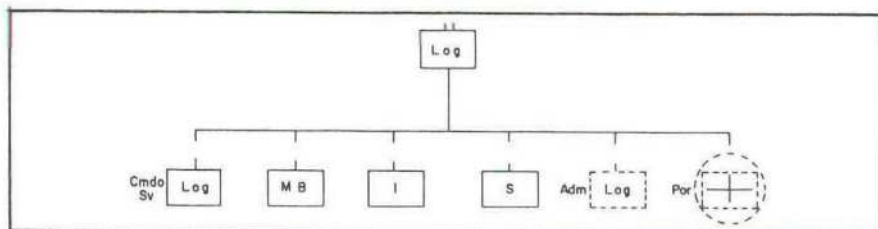


Fig 2-2. B Log/Bda Inf SI

ARTIGO II

SUBUNIDADES

2-3. COMPANHIA DE SAÚDE

a. Missão

(1) Prestar assistência médica de urgência, inclusive tratamento dentário de emergência, instalar postos de triagem e realizar, com seus próprios meios, a evacuação de feridos, doentes e acidentados.

(2) Realizar o suprimento e a manutenção de 2º escalão de todo o material de saúde da GU.

b. Organização — A companhia de saúde (Cia S) estrutura-se em um comando e seção de comando (Cmndo e Sec Cmndo), um pelotão de ambulâncias (Pel Amb) e um pelotão de triagem (Pel Trg) (Fig 2-3).

c. Possibilidades — Possui meios suficientes de transporte, pessoal e equipamento para:

- (1) executar tratamento médico e cirúrgico transitório;
- (2) prestar serviço odontológico de emergência;
- (3) instalar e operar até dois P Trg, por ocasião de deslocamentos por curtos períodos de tempo e quando da abertura de SA Ap Log; nas Bda C Mec, pode instalar até três P Trg; nos B Log/Bda Inf SI, tem possibilidades de instalar até quatro P Trg, podendo reter, em cada um, 40 baixas;

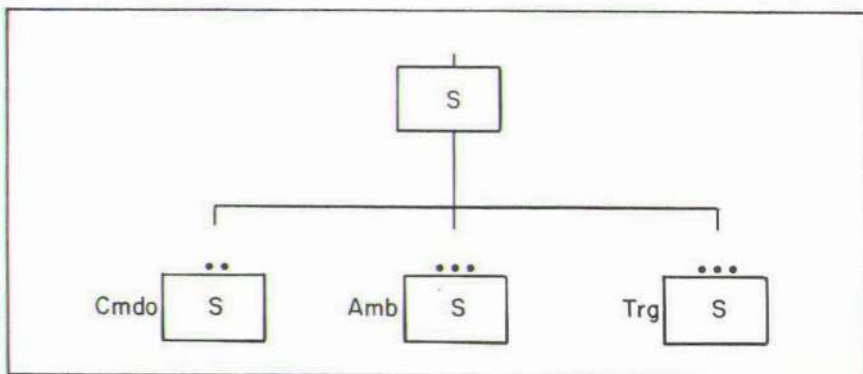


Fig 2-3. Cia S do B Log

(4) evacuar baixas das instalações de saúde das unidades (inclusive por via fluvial nos B Log/Bda Inf SI);

(5) estocar e distribuir suprimento classe VIII, mediante a instalação de um posto de distribuição de suprimento classe VIII (P Distr Cl VIII);

(6) realizar a manutenção de 2º escalão de seu próprio material de saúde e de todas as unidades;

(7) realizar exames de laboratório (emergência).

d. Comando

(1) O Cmt Cia S é o principal assessor do Cmt B Log para os assuntos relativos à atividade de saúde.

(2) O Cmt Cia S assessora o Cmt do batalhão e propõe o plano de saúde para apoiar as operações da GU. Durante o combate, assegura que todas as tropas, na zona de ação da GU, estejam providas de assistência de saúde adequada.

e. Emprego geral da companhia

(1) A Cia desdobra-se na entrada da área de apoio logístico (A Ap Log).

(2) Em princípio, instala e opera um único P Trg na A Ap Log com o material de uma das Sec Trg e com a totalidade do pessoal do Pel Trg.

(3) Quando da abertura de SA Ap Log, uma das Sec Trg é destacada para instalar um P Trg na mesma.

(4) Em princípio, a subunidade opera com seus meios centralizados; nas operações de movimento, como a marcha para o combate, aproveitamento do êxito e movimentos retrógrados, a descentralização dos meios de triagem e de evacuação deve ser a menor possível para atender às necessidades. Entretanto, admite-se o reforço de meios de evacuação (ambulâncias) às unidades, particularmente nos movimentos retrógrados.

(5) Na defensiva, a Cia pode desdobrar parte dos seus meios fora da A Ap Log, para apoio cerrado aos PAG.

(6) As DE e as Bda recebem sob controle operacional, um pelotão cirúrgico móvel (Pel Cir Mv) que se destina ao tratamento dos feridos graves. Entretanto, as Bda Bld e Bda C Mec, normalmente, não o recebem devido às suas características de grande mobilidade e fluidez. Essas Bda recebem maior apoio em evacuação aeromédica (Ev Aem). A Bda Inf SI não recebe o Pel Cir Mv por já contar com um hospital portátil orgânico.

(7) Pormenores sobre o emprego da Cia S são encontrados no Manual de Campanha C 8-37 - Cia S do B Log.

2.4. COMPANHIA DE INTENDÊNCIA

a. Missão

(1) Suprir a GU e elementos eventualmente em reforço, realizar o transporte de suprimento e prestar apoio de serviços em campanha de panificação, refrigeração, banho e lavanderia.

(2) Na missão de distribuição de suprimento, incluem-se os das classes I, III e produtos acabados de outras classes.

b. Organização — A companhia de intendência (Cia Int) estrutura-se em um comando e seção de comando (Cmndo e Sec Cmndo), um pelotão de suprimento (Pel Sup), um pelotão de transporte (Pel Trnp) e um pelotão de serviços (Pel Sv). Na Cia Int do B Log/Bda Inf Pqdt, o pelotão de serviços é substituído por um pelotão de suprimento pelo ar. Na Cia Int do B Log/Bda Inf SI, o pelotão de transporte é acrescido de uma seção de transporte fluvial (Fig 2-4).

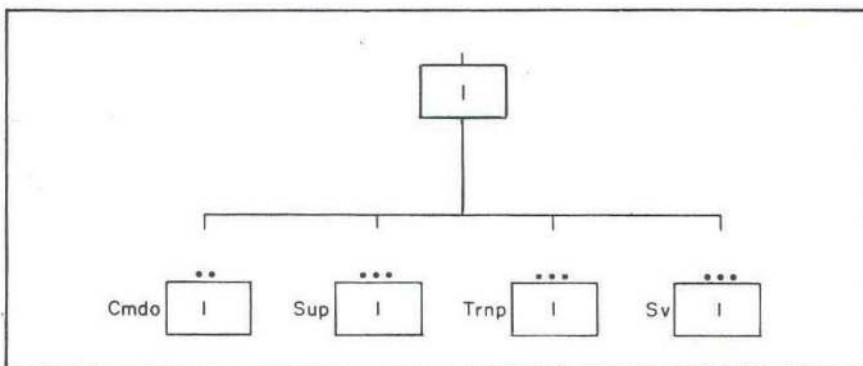


Fig 2-4. Cia Int do B Log

c. Possibilidades

(1) Instalar e operar os P Distr CI I, III e produtos acabados das classes II, IV, V(A), VI, VII, IX e X.

(2) Transportar a reserva orgânica da GU dos Sup CI I, II, III e de outras classes.

(3) Instalar e operar até dois postos de banho (P Ban).

- (4) Instalar e operar um posto de lavanderia (P Lav).
- (5) Fornecer elementos para prestar apoio logístico quando da abertura de uma SA Ap Log.
- (6) Fazer o lançamento de cargas leves e média no B Log/Bda Inf Pqdt.
- (7) Realizar o transporte por via fluvial no B Log/Bda Inf SI.
- (8) Instalar e operar o PCM.
- (9) Na Bda Inf Pqdt, instalar e operar, por curto período de tempo, com pessoal específico de material bélico, um P Distr Cl V (munições), quando do estabelecimento da C Pnt Ae.

d. Comando

- (1) O Cmt Cia Int é o principal assessor do Cmt do B Log para os assuntos às atividades de intendência (suprimento, transporte e serviço em campanha).
- (2) Apresenta propostas quanto à localização e funcionamento dos P Distr Cl I, III, e de outras classes, P Ban e P Lav, horários de suprimento e de prestação de serviços, organização da atividade de transporte e coordenação e emprego das cantinas móveis e demais instalações afetas à companhia de intendência localizadas nas A Ap Log.

e. Emprego geral da companhia

(1) A Cia Int desdobra-se na A Ap Log da GU, imediatamente após a Cia S, onde instala os P Distr Cl I, III, e de outras classes, os P Ban e o P Lav.

(2) Quando for aberta uma SA Ap Log, a Cia Int desdobra um P Ban e os P Distr Cl I e III nessa subárea, sendo que o P Distr Cl I encarrega-se, também, da distribuição de suprimento de outras classes.

(3) Para a localização e instalação do PCM, são considerados os seguintes aspectos:

(a) desdobramento em local de passagem obrigatória das viaturas de munição que se dirigem às instalações de suprimento do escalão superior;

(b) instalação a cavaleiro da EPS, próximo ao P Col Mortos/GU;

(c) possibilidade de desdobramento fora da A Ap Log.

— Quando o Ex Cmp instala um P Sup Cl V (munições) no interior da A Ap Log, o PCM é instalado junto ao mesmo.

— Quando do estabelecimento da C Pnt Ae, o PCM se localiza justaposto ao P Sup Cl V (munições), instalado e operado pela Sec Cl V (munições) do Pel Sup.

— Funcionamento do PCM — As viaturas de munição das unidades que se dirigem ao P Sup Cl V do Ex Cmp, ao P Sup Cl V (munições) do Ex Cmp ou P Distr Cl V (munições) da GU (no estabelecimento da C Pnt Ae), passam pelo posto para autenticação da ordem de transportes. O chefe do posto ou o graduado do mesmo, por delegação, verifica o total do pedido da unidade com a quantidade de munição disponível para o elemento considerado e autentica a ordem de transporte ou a modifica segundo as diretrizes recebidas do oficial de munição da GU (adjunto do S3). Com a ordem de transporte autenticada a viatura dirige-se à insta-

lação de suprimento para o recebimento da munição. No retorno à sua unidade, a viatura carregada fica dispensada de passar pelo posto, salvo se o pedido não for atendido integralmente.

(4) Pormenores sobre o emprego da Cia Int são encontrados no Manual de Campanha C 10-7 - Cia Int do B Log.

2-5. COMPANHIA DE MATERIAL BÉLICO

a. Missão

(1) Proporcionar apoio de manutenção de 3º escalão, realizar a coleta e a evacuação do material salvado e capturado, o suprimento de peças e conjuntos de reparação das classes II, IV, V (A), VI, VII, IX e X, e o transporte da reserva orgânica desse material, no âmbito da GU.

(2) Realizar, também, a prestação de assistência técnica e informações técnicas do MB.

(3) Excluem-se de sua missão, a manutenção de 3º escalão referente aos materiais e equipamentos de: comunicações e eletrônica orgânicos da Cia Com de Bda e do B Com Div; engenharia orgânicos da Cia E Cmb de Bda e do BE Cmb Div e equipamentos de saúde da GU.

b. Organização — A companhia de material bélico (Cia MB) estrutura-se em um comando e seção de comando (Cmdo e Pel Cmdo), um pelotão de suprimento e evacuação (Pel Sup EV), um pelotão pesado de manutenção (Pel P Mnt), um pelotão leve de manutenção (Pel L Mnt) e um pelotão de manutenção e suprimento de material de comunicações e eletrônica (PMSMCE) (Fig 2-5).

c. Possibilidades

(1) Complementar a manutenção de 2º escalão das unidades.

(2) Realizar cerca de 80% da manutenção de 3º escalão de todo o material da GU (inclusive embarcações, nas Bda Inf SI), com exceção do material de engenharia orgânico da Cia E Cmb/Bda (BE Cmb/DE), do material de comunicações orgânico da Cia Com/Bda (B Com/DE) e do material de saúde da GU. No B Log SI a manutenção é realizada, inclusive, nas embarcações fluviais e nos motores marítimos.

(3) Complementar a evacuação de viaturas sobre rodas ou lagartas das unidades, quando for necessário.

(4) Instalar e operar um posto técnico de material bélico (P Tec MB), um posto de distribuição de suprimento de peças de reparação de material bélico (P Distr MB) e um posto de coleta de salvados (P Col Siv).

(5) Estocar e distribuir limitada quantidade de suprimento de peças e conjuntos de reparação de material das classes II, IV, V (A), VI, VII, IX e X.

(6) Transportar a reserva orgânica de suprimento de material bélico da GU (peças e conjuntos de reparação).

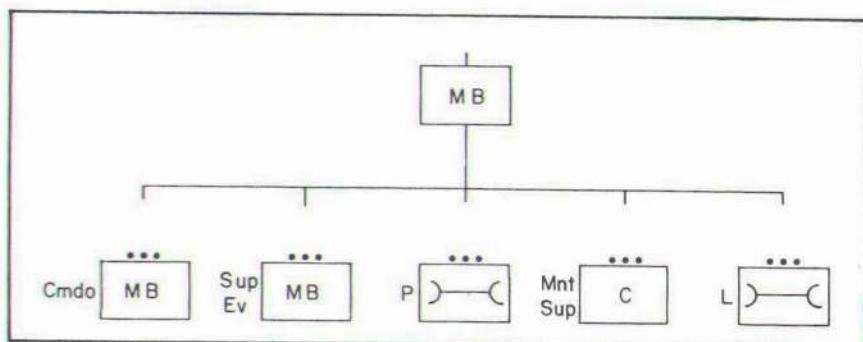


Fig 2-5. Cia MB do B Log

- (7) Prestar assistência técnica de MB.
- (8) Prestar informações técnicas de MB.

d. Comando

(1) O Cmt Cia MB é o principal assessor do Cmt B Log para assuntos relativos às atividades de material bélico.

(2) Apresenta propostas para o emprego da companhia e de suas frações e para localização e funcionamento do P Distr MB e do P Col Slv. Exerce, a supervisão técnica no âmbito da GU, sobre as operações de manutenção e suprimento de peças e conjuntos de reparação das classes II, IV, V (A), VI, VII, IX e X e quanto à identificação e emprego do material inimigo (inclusive explosivos, munições e agentes químicos).

e. Emprego geral da companhia

(1) A Cia MB desdobra-se numa faixa central, adjacente à Cia Int, dentro da A Ap Log, mantendo nesta, além de seus órgãos de comando, o grupo de recepção e controle da produção (GRCP), o Pel P Mnt, o Pel L Mnt (menos os elementos destacados para as unidades de primeiro escalão que tenham tido necessidade de receber apoio cerrado em suas áreas de operações), o PMSMCE e o Pel Sup Ev.

(2) A Cia MB do B Log desdobra, normalmente, uma Sec Mnt do Pel L Mnt na área de trens das unidades de combate, empregando-a sob a forma de apoio direto ou reforço a essas unidades e a outras que estejam nas proximidades, particularmente as de apoio ao combate.

(3) O apoio ao conjunto no âmbito da GU é, normalmente, atribuído à Cia MB reduzida dos elementos empregados em apoio direto ou em reforço às peças de manobra. A Cia MB (—), portanto, realiza os trabalhos de interesse da GU como um todo.

(4) O complemento de manutenção no âmbito das Bda e DE, é fornecido

pelo Pel P Mnt. Em geral, esse emprego do pelotão importa na execução de tarefas específicas para liberar os elementos em apoio direto de trabalhos mais demorados, particularmente nas operações de movimento.

(5) Os elementos da companhia não ficam em reserva. A flexibilidade na conduta do combate (como o apoio às reservas) é conseguida mantendo-se meios leves de manutenção centralizados na companhia (em apoio ao conjunto). Quando necessário, a totalidade ou parte desses meios poderá receber missões de atender às necessidades decorrentes da evolução do combate.

(6) Quando o R C Mec da DE for atribuído a uma das brigadas, a Cia MB da DE reforça a Cia MB da brigada com uma Sec L Mnt.

(7) Em certas operações, a Cia MB da GU pode ser apoiada pelo escalão superior de MB (Gpt Log). Esse apoio é traduzido pelo emprego de meios de MB em reforço ou em apoio ao conjunto (para complementar a manutenção de 3º escalão).

(8) Nas Bda Bld e Mec, devido às suas características de fluidez, velocidade, descentralização e mudanças constantes de situação, de direção de atuação e de organização para o combate, os Cmt Cia MB devem realizar um planejamento minucioso do apoio e manterem-se atentos às evoluções do combate. Nessas brigadas, as Cia MB contam com maior quantidade de meios, particularmente de evacuação de material e de elementos leves de Mnt, o que em parte possibilita maior flexibilidade no emprego da subunidade.

(9) Pormenores sobre o emprego da Cia MB são encontrados no Manual de Campanha C 9-17 — Cia MB do B Log.

2-6. COMPANHIA DE COMANDO E SERVIÇOS

a. **Missão** — Prover os meios para o comando e a administração do B Log, as comunicações e a segurança da A Ap Log, particularmente do PC e da companhia de saúde (Fig 2-10).

b. **Organização** — A companhia de comando e serviços (Cia C Sv) estrutura-se em um comando e seção de comando (Cmdo e Sec Cmdo), um pelotão de comando (Pel Cmdo), um pelotão de administração (Pel Adm) e um pelotão de segurança (Pel Seg) (Fig 2-6).

Normalmente, desdobra-se numa região central dentro da A Ap Log, a fim de instalar e operar o PC/B Log, prover o apoio administrativo e a segurança da unidade.

c. Possibilidades

(1) Prover pessoal e material para as diversas seções de estado-maior e das frações encarregadas da administração do batalhão.

(2) Prover comunicações por fio e rádio para o batalhão.

(3) Executar a manutenção orgânica e reparações gerais no material do batalhão.

(4) Instalar o PC do batalhão e prover a sua segurança.

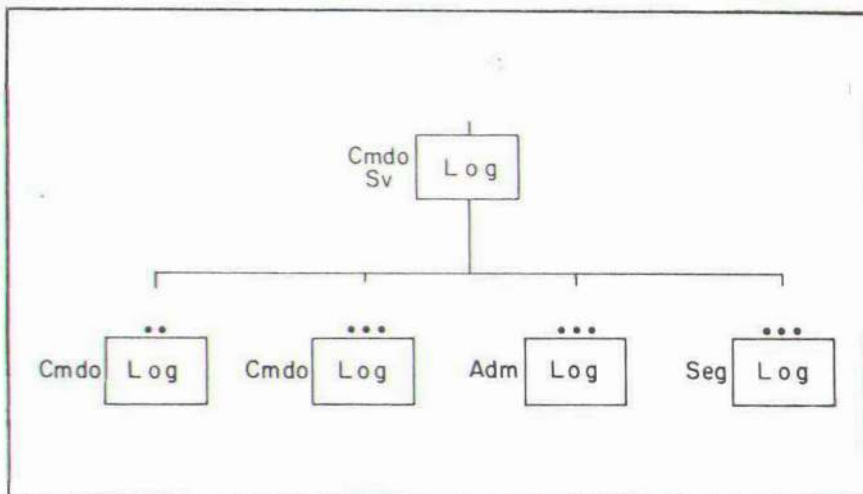


Fig 2-6. Cia C Sv do B Log

- (5) Instalar e operar o posto de socorro (PS).
- (6) Instalar e operar o posto de remunciação (P Rem).
- (7) Prover a segurança da A Ap Log combatendo como infantaria, se necessário.

d. Comando

(1) O comandante da Cia C Sv tem as mesmas atribuições normais de qualquer comandante de subunidade incorporada, com as peculiaridades decorrentes da missão e organização da sua companhia e do material de que dispõe.

(2) Para planejar, coordenar e executar seus encargos, deverá manter estreito contato com o EM da unidade. Com o S1 e o S4 coordenará as suas missões de apoio administrativo, e com o S2 e o S3 a parte relativa ao emprego da subunidade, dos meios de comunicações e de segurança do PC e das instalações logísticas.

(3) Devido à própria natureza dos encargos que lhe são atribuídos, permanece a maior parte do tempo junto ao PC do B Log. Recebe a responsabilidade de instalação e deslocamento do PC do B Log e encargos relativos ao apoio administrativo, orgânico da unidade, particularmente manutenção e transporte.

(4) O Cmt da Cia determina a localização específica de todos os elementos desdobrados na AT da unidade e o controle nos deslocamentos, conforme orientação do S4 do B Log.

e. Seção de comando

(1) A seção de comando da Cia tem a missão de prover os meios para o funcionamento do PC da companhia e proporcionar-lhe o apoio administrativo. Organiza-se em um grupo de comando e um grupo de serviços (Fig 2-7).

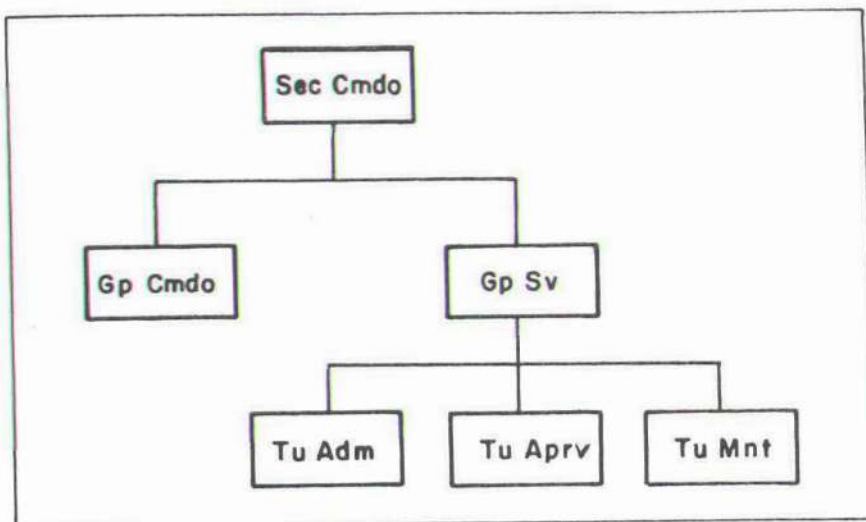


Fig 2-7. Seção de comando da Cia C Sv

(2) O grupo de comando opera o PC e o grupo de serviços executa o apoio administrativo da companhia.

f. Pelotão de comando

(1) O pelotão de comando tem a missão de prover pessoal e material para a instalação e funcionamento do PC do batalhão.

(2) Estrutura-se em um comando e grupo de comando (Cmdo e Gp Cmdo), seção de pessoal (Sec Pes), seção de informações (Sec Info), seção de operações (Sec Op) e seção de comunicações (Sec Com) (Fig. 2-8).

(3) Atribuições.

(a) O Cmt Pel é responsável, perante o Cmt Cia C Sv, pela disciplina, instrução e administração de seu pelotão. O emprego funcional das praças, entretanto, é responsabilidade dos respectivos chefes de seção do estado-maior do batalhão.

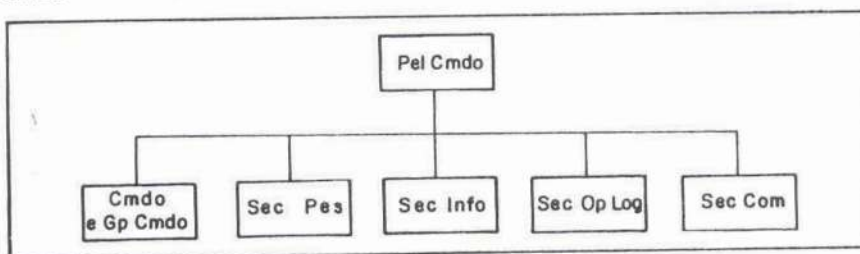


Fig 2-8. Pelotão de comando da Cia C Sv

(b) Como oficial de comunicações do batalhão, ele faz parte do estado-maior especial da unidade, devendo assessorar o comandante em tudo que se refere às comunicações no âmbito do batalhão. Suas principais atribuições como oficial de comunicações são:

- assessorar o comandante do batalhão e seu estado-maior sobre assuntos relacionados com as comunicações e localização do PC;
- apresentar sugestões relativas à obtenção e reacomodamento do pessoal de comunicações;
- auxiliar na preparação de diretrizes de instrução relativas às comunicações, e na fiscalização da instrução técnica de todo o pessoal de comunicações do batalhão;
- planejar e supervisionar a instalação e exploração do material de comunicações distribuído ao seu pelotão;
- coordenar o deslocamento das instalações de comunicações, quando o PC se desloca;
- providenciar para que a documentação de comunicações seja mantida em dia e em ordem;
- providenciar para que suas ordens e instruções, como oficial de comunicações, sejam cumpridas no âmbito da unidade.

(c) O grupo de comando é composto pelos elementos que servem diretamente ao Cmt B Log.

(d) A seção do pessoal é constituída pelo pessoal que compõe a 1ª seção do EMG do B Log.

(e) A seção de informações é constituída pelo pessoal que compõe a 2ª seção do EMG do B Log.

(f) A seção de operações é constituída pelo pessoal que compõe a 3ª Seção do EMG do B Log. Esta seção instala, mobília e opera o COAL.

(g) A seção de comunicações é constituída pelo pessoal que instala e opera o sistema de comunicações da unidade e realiza a manutenção de segundo escalão do material orgânico do B Log. A seção é empregada diretamente subordinada ao oficial de comunicações do B Log. São missões dessa seção:

- instalar a rede de comando do B Log, fornecendo o pessoal e material necessários;
- instalar os circuitos-tronco ligando o PC do B Log aos PC das subunidades orgânicas e elementos de apoio administrativo postos em reforço ou sob controle operacional; nessa missão pode ser reforçada por elementos do B Com/DE ou Cia Com/Bda, se necessário;
- participar do serviço de mensageiros da Bda ou DE;
- fornecer elementos e meios para a instalação e a operação das comunicações nas SA Ap Log, quando da sua abertura;
- instalar a rede de defesa de área de retaguarda (DEFAR) com o mesmo pessoal e material, desdobrando postos junto aos elementos empregados, quando estes não dispuserem dos meios necessários.

g. Pelotão de administração

(1) O pelotão de administração tem a missão de prover pessoal e material para o funcionamento do apoio administrativo do batalhão.

(2) Estrutura-se em um comando (Cmdo), uma seção de administração (Sec Adm), uma seção de suprimento (Sec Sup), uma seção de saúde (Sec S), uma seção de munição (Sec Mun) e uma seção de manutenção (Sec Mnt) (Fig 2-9).

(3) A organização dispõe de elementos para controlar e distribuir os suprimentos de todas as classes. O pelotão recebe os pedidos das subunidades, consolida-os e encaminha um pedido único ao comando do próprio B Log. Ao receber o suprimento pedido, reparte-o conforme as necessidades e faz a distribuição no âmbito da unidade.

(4) Atribuições.

(a) O Cmt Pel Adm é o responsável, perante o Cmt Cia C Sv, pela disciplina e administração do seu pelotão. Como oficial de manutenção do batalhão é o assessor do S4 para esse assunto, no que se refere ao 2º escalão de manutenção.

(b) O subcomandante do Pel Adm é o almoxarife e aprovisionador do batalhão. É, também, o oficial de transporte do batalhão. No desempenho de suas funções, assessora o S4 em tudo aquilo que se refere ao controle de suprimento, particularmente, de classe I.

(c) A Sec Adm é responsável pela administração financeira do batalhão.

(d) A Sec Sup realiza o suprimento interno da unidade.

(e) A Sec Mnt executa a manutenção de 2º escalão das viaturas, do armamento e dos instrumentos (IDCT) da unidade.

(f) A Sec Mun recebe, armazena e distribui a munição da unidade.

(g) A Sec S instala e opera o posto de socorro da unidade.

(h) O Cmt Sec S é o oficial de saúde do B Log. Funciona sob a supervisão de estado-maior do S4, nos assuntos que afetam diretamente o estado sanitário da unidade, a assistência médica à tropa e o emprego do pessoal, equipamento e suprimento de saúde. Suas atribuições específicas são:

- propor a localização do PS do B Log e supervisionar o seu funcionamento;

- manter o Cmt do Btl informado sobre a situação sanitária da tropa;

- supervisionar a evacuação dos feridos até o P Trg do B Log;

- assessorar o comandante em relação aos efeitos dos agentes

QBN;

- propor a localização do posto de saúde, no interior da AT do

B Log;

- propor as normas para a execução dos primeiros socorros, para a coleta, a triagem e a evacuação dos feridos e para a prevenção de doenças.

h. Pelotão de segurança

(1) O pelotão de segurança tem a missão de prover a segurança aproxima-

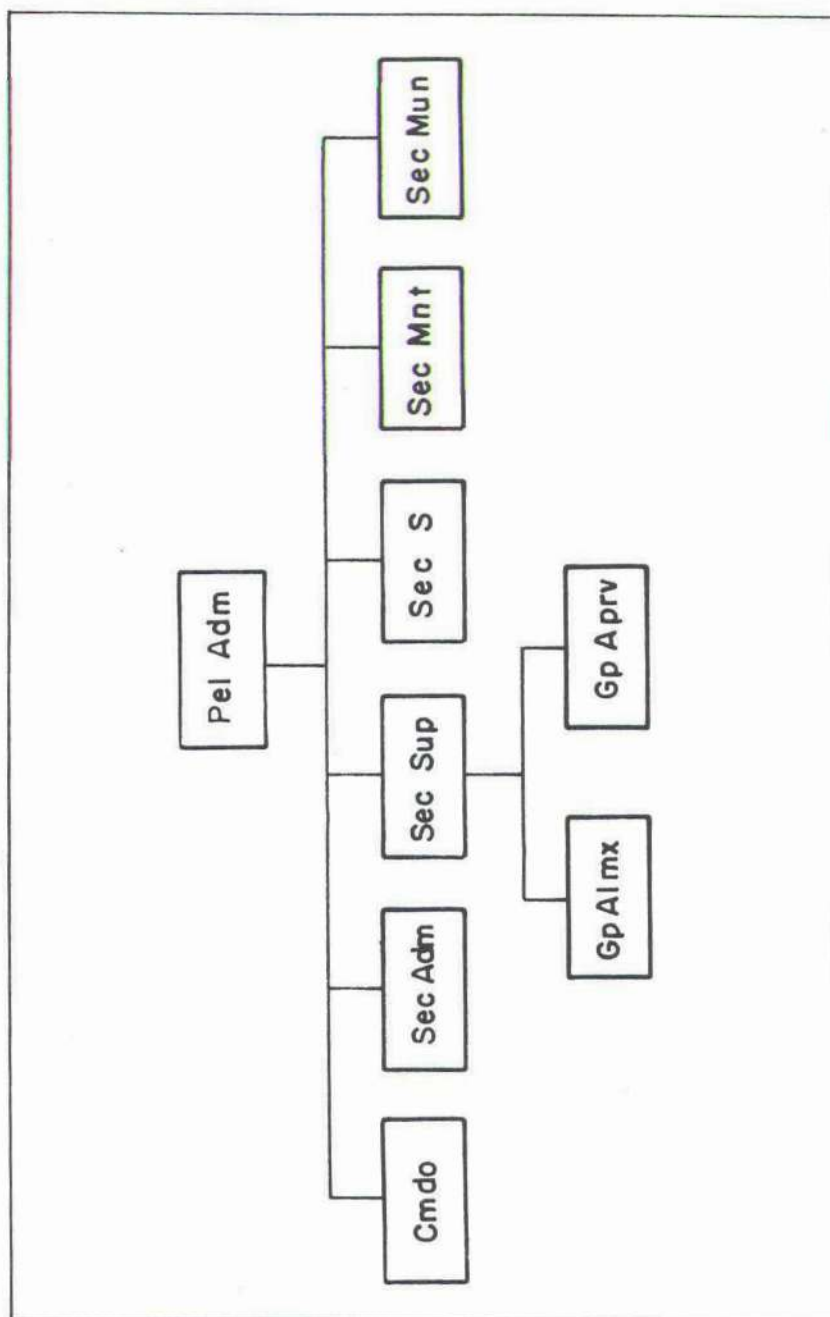


Fig 2-9. Pelotão de administração da Cia CSV

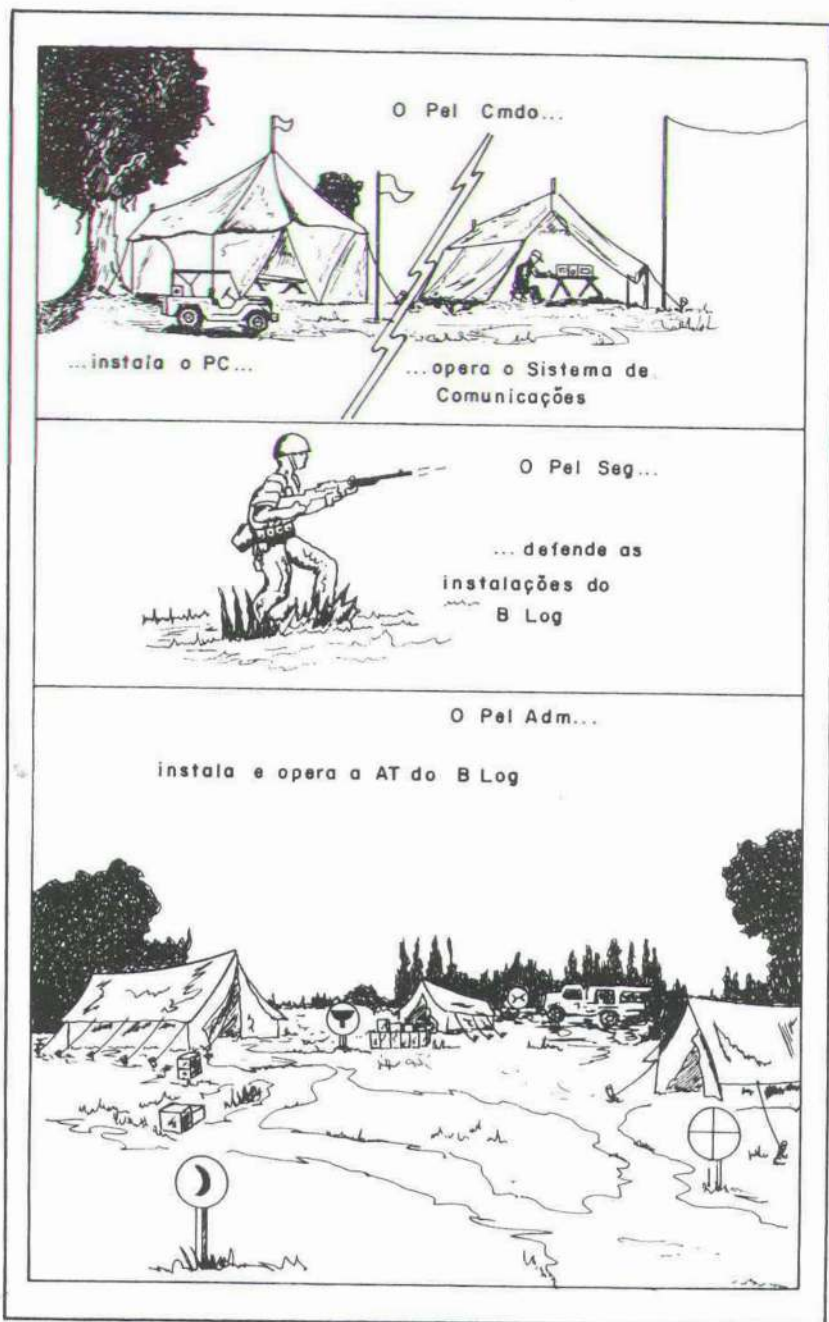


Fig 2-10. Missões da Cia C Sv

da das instalações do B Log, particularmente do PC e da companhia de saúde.

(2) Compreende um 1º tenente comandante, um grupo de comando e três grupos de combate. O grupo de comando compõe-se da turma de comando e da peça de apoio. Cada grupo de combate é constituído de um 3º sargento comandante, um cabo auxiliar, dois soldados atiradores e cinco soldados esclarecedores (Fig 2-11).

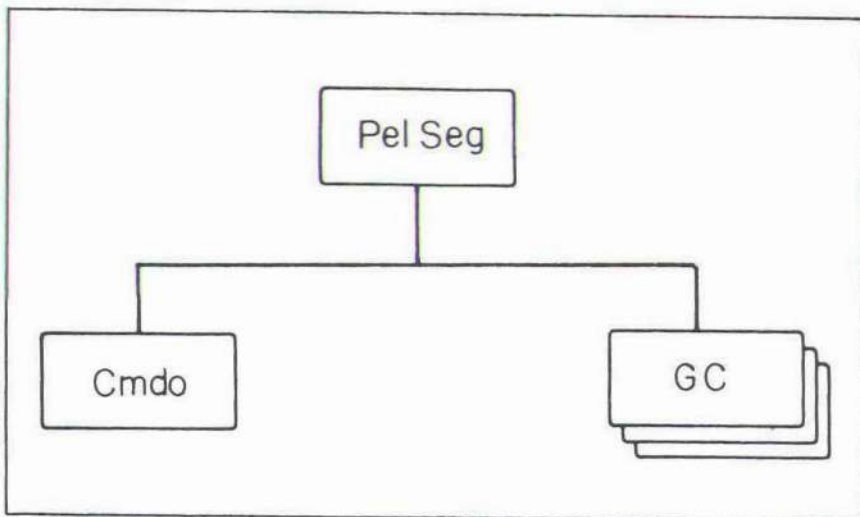


Fig 2-11. Pelotão de segurança da Cia C Sv

(3) Atribuições.

(a) O Cmt Pel Seg, como executante do planejamento de segurança da A Ap Log, auxilia o Cmt Cia C Sv quando da elaboração do respectivo plano.

(b) O Adjunto do Pel é o responsável pela base de fogos, quando os meios de apoio de fogo da companhia (Mtr L, Mtr P e L Rj) são reunidos no pelotão.

(c) O pelotão tem como atribuições:

- proporcionar segurança ao PC do B Log e às instalações da Cia S;
- vigiar pontos críticos na periferia da A Ap Log e as vias de acesso prováveis do inimigo;
- realizar reconhecimento e patrulhamento nas imediações da A Ap Log;
- realizar ações de combate (ofensivo e defensivo), relacionadas com a defesa aproximada da A Ap Log.

(4) Os pormenores do emprego do pelotão nas operações de segurança da A Ap Log são similares àqueles encontrados nos manuais de campanha da companhia de comando ou esquadrão de comando, conforme a brigada enquadrante do batalhão logístico seja de infantaria ou de cavalaria, respectivamente.

ARTIGO III

EMPREGO GERAL DO BATALHÃO

2-7. INTRODUÇÃO

a. O batalhão logístico presta o apoio logístico à sua GU por meio da realização das atividades logísticas de suprimento, transporte, saúde, manutenção e serviços em campanha.

b. O B Log desdobra seus meios, para o cumprimento de sua missão, em uma área de apoio logístico (A Ap Log).

c. O B Log/Bda Inf Pqdt é organizado, instruído e equipado para o apoio ao assalto aeroterrestre por meio de pára-quedas ou pela aterragem em aeronaves de assalto, o que lhe dá peculiaridades de emprego. Entretanto, são válidos os princípios gerais de emprego, constantes desse artigo, condicionados, naturalmente, às características das operações aeroterrestres. O capítulo 9 deste manual trata de pormenores dessas operações.

d. Em princípio, as operações logísticas em selva não sofrem alterações substanciais. Os princípios gerais de emprego do batalhão são válidos. Entretanto, as condições adversas deste meio ambiente aumentam a importância do apoio logístico, influenciando consideravelmente nos planos operacionais. As operações logísticas caracterizam-se pela ampla diversidade de procedimentos, em função da região onde as mesmas se desenvolvem. É importante destacar que dentro da unidade geográfica proporcionada pelo ambiente de selva deve-se considerar a diversidade das micro-regiões que a compõem, fazendo com que procedimentos aprovados em uma delas não tenham, necessariamente, emprego em outra. O capítulo 9 deste manual trata das operações em selva com minúcias.

2-8. FORMAS DE EMPREGO

a. O apoio logístico é prestado atribuindo-se às subunidades do batalhão ou às suas frações, uma das seguintes formas de emprego: **apoio ao conjunto**, **apoio suplementar** e **apoio direto**. Estas formas apresentam graus decrescentes de centralização, vinculando, em maior ou menor grau, o elemento de apoio com a OM apoiada.

b. **Apoio ao conjunto** — É a forma de emprego caracterizada pela realização de trabalhos em proveito de todos ou de vários elementos do grande comando ou grande unidade, ou localizados em determinada área, sem vinculação específica; as unidades (ou frações) do B Log permanecem sob o comando do Cmt B Log (subunidade). Este apoio poderá ser prestado por unidade, por área ou por uma combinação de ambas as formas.

(1) **Apoio por unidade** — É aquele proporcionado pelo B Log à GU, da qual é orgânico, como um todo.

(2) Apoio por área — É aquele proporcionado pelo B Log a todos os elementos localizados em uma área geográfica definida ou que por ela transitam.

(3) Apoio combinado — Constitui-se no emprego normal do B Log, prestando o apoio simultaneamente por unidade e por área.

c. Apoio direto — É a forma de emprego na qual o Cmt B Log emprega suas subunidades ou frações em apoio a uma unidade ou fração, que não o possui, quando puder exercer conveniente controle sobre as mesmas. Caracteriza-se pela ligação permanente entre os elementos de apoio e apoiado, cabendo a este determinar as prioridades dos trabalhos a serem realizados.

2-9. VINCULAÇÃO DE COMANDO

a. Nas situações em que o Cmt B Log tiver que empregar suas subunidades ou frações subordinadas sem poder exercer conveniente controle sobre as mesmas, haverá a necessidade de descentralizar o comando das subunidades sob as formas de reforço, integração ou controle operacional.

b. Reforço — É a situação na qual uma fração do B Log fica temporariamente subordinada a uma unidade ou força de constituição definida em QO, para fins de prestação do apoio logístico.

c. Integração — É a situação na qual uma fração do B Log fica temporariamente subordinada a outra unidade ou força de constituição variável, para fins de prestação do apoio logístico.

d. Controle operacional — É a situação em que uma fração do B Log fica temporariamente subordinada a outra unidade ou força para cumprir determinadas missões ou tarefas específicas, normalmente limitadas. Tal controle não inclui a autoridade para empregar, separadamente, os componentes do elemento em questão e o controle administrativo dos mesmos.

e. As frações que se encontrarem nas situações de reforço, integração e controle operacional terão suas missões de apoio estabelecidas pelo comando apoiado.

2-10. CONSIDERAÇÕES PARTICULARES SOBRE O EMPREGO

a. Quando o R C Mec/DE é empregado, a DE pode atribuir a uma das Bda a missão de apoiá-lo. Para tanto, o B Log daquela recebe em reforço ou em controle operacional uma Sec L Mnt para a prestação do apoio de manutenção. Para a realização das outras atividades logísticas, se for o caso, outros elementos do B Log/DE podem também ser destacados para integrar essa Sec L Mnt. No entanto, é normal o próprio B Log/DE permanecer com a incumbência de prestar o apoio ao R C Mec desdobrado em primeiro escalão.

b. Com relação às Bda Cav (Mec, Bld) e Inf Bld o apoio do escalão superior é materializado pelas seguintes ações:

(1) estabelecimento de créditos de suprimento Cl III e V (munições), em

instalações do escalão superior, que são mantidas dentro das distâncias de apoio adequadas;

(2) utilização de processos especiais de suprimentos, quando for o caso;

(3) complementação da evacuação de feridos, prisioneiros de guerra, salvados e mortos;

(4) desdobramento, quando necessário, de postos de suprimento, particularmente de CI III e V (munições), no interior da A Ap Log da Bda, desde que sejam consideradas as devidas distâncias de segurança.

2-11. ÁREA DE APOIO LOGÍSTICO

a. Por A Ap Log entende-se uma área definida, destinada ao desdobramento das instalações logísticas do B Log para o apoio à sua GU. Normalmente, dentro da A Ap Log, também se desdobra o posto de comando recuado (PCR) da GU. Em algumas situações, podem se desdobrar na A Ap Log elementos de apoio logístico, quer do escalão superior quer das unidades orgânicas da GU a que pertence (Fig 2-12 e 2-13).

b. A Ap Log é, normalmente, localizada na área de retaguarda (A Rg) da GU. Em alguns casos, pode ser desdobrada fora da A Rg, particularmente:

(1) nos movimentos retrógrados ou nas operações em profundidade como o aproveitamento do êxito, perseguição, marcha para o combate e reconhecimento;

(2) quando o terreno impuser;

(3) quando a segurança o exigir;

c. Os seguintes fatores devem ser considerados para a localização da A Ap Log de Bda ou DE:

(1) a manobra tática do escalão apoiado;

(2) as características das prováveis áreas de desdobramento;

(3) as condições de segurança para a prestação do apoio;

(4) a situação logística existente;

(5) as possibilidades de camuflagem.

2-12. SUBÁREA DE APOIO LOGÍSTICO

a. Eventualmente e por curtos períodos, o B Log tem possibilidades de destacar elementos de apoio logístico para constituírem uma subárea de apoio logístico (SA Ap Log), particularmente os B Log das Bda C Mec e das Bda Inf SI. Neste caso, a maioria dos meios permanece na A Ap Log apoiando o grosso dos elementos da GU.

b. Em princípio, quando desdobrada a SA Ap Log, o comandante do batalhão pode delegar responsabilidade para a execução do apoio logístico, segurança e funcionamento das instalações desdobradas naquela subárea, ao subcomandante. Este fica, porém na dependência do planejamento, controle e supervisão realizados pelo comandante, no que se refere à execução do apoio logístico à Bda (DE) como um todo.

c. A SA Ap Log é constituída com os meios necessários ao cumprimento da sua missão. É integrada pelos elementos que realizam todas ou parte das atividades de suprimentos, de manutenção, de saúde de polícia, de transporte, de serviços em campanha e de sepultamento.

d. O escalão superior que apóia a Bda (DE), em princípio, o faz diretamente à SA Ap Log, embora a mesma mantenha vínculos de subordinação com o B Log.

e. As condições que mais freqüentemente impõem o desdobramento de uma SA Ap Log são:

- (1) dificuldade de prestar apoio cerrado às unidades;
- (2) rede rodoviária precária, de baixa tonelagem/dia e com poucas ou nenhuma ligação transversal (rocadas);
- (3) frentes largas e grandes profundidades da zona de ação;
- (4) obstáculos dissociantes existentes no interior da zona de ação;
- (5) outras condicionantes, tais como a diretriz do comandante, superioridade aérea do inimigo e necessidade de prestar apoio em profundidade.

f. Para a localização da SA Ap Log devem ser levados em conta os mesmos fatores para a localização da A Ap Log.

g. Em princípio, caberá ao E4 da GU propor a localização das A Ap Log e SA Ap Log. Entretanto, é normal que essa função seja delegada ao comandante do batalhão.

h. Para não prejudicar a continuidade do apoio, deve-se fazer o menor número possível de deslocamentos da A Ap Log.

2-13. MANOBRA LOGÍSTICA

a. A manobra logística no escalão B Log caracteriza-se pelas mudanças de A Ap Log ou SA Ap Log de uma posição inicial para outras de onde possa continuar apoiando a manobra tática da GU. Dessa forma, a zona de reunião onde se encontra a Bda (DE) pronta para emprego, pode, normalmente, vir a ser a A Ap Log inicial, até que o limite máximo de apoio esteja prestes a ser ultrapassado. Ao se aproximar desse limite, o batalhão deve mudar para uma nova região, previamente selecionada e reconhecida, e que atenda às condições mínimas de segurança. Nessa nova posição, o batalhão pode ou não desdobrar-se integralmente.

b. Nas operações de movimento que exijam deslocamentos rápidos e contínuos, é normal a permanência da maioria dos meios do batalhão sobre rodas, com um desdobramento parcial no terreno. Dessa posição, o apoio é prestado até que novamente a distância de apoio esteja na iminência de se tornar inadequada, em face da operação em curso, quando então procedimento idêntico ao descrito anteriormente é realizado.

c. O deslocamento e o desdobramento do batalhão são atribuições do seu comandante que, para isto, deverá coordenar tais ações com o comando da GU.

d. Em princípio, o batalhão deve deslocar-se como um todo. Quando isso não for possível, o seu deslocamento deve ser iniciado por elementos que não estejam engajados nas operações em curso, sendo o movimento realizado por escalões.

e. O batalhão desdobra as Cia de saúde, de intendência e de material bélico, cujos elementos operam os postos de distribuição, postos de coleta, postos de triagem e outras instalações necessárias, na A Ap Log.

f. Para a execução da manobra logística os seguintes aspectos devem ser considerados:

- (1) a definição das missões;
- (2) a localização da área de apoio logístico (A Ap Log);
- (3) a composição de meios;
- (4) a previsão e a oportunidade dos deslocamentos;
- (5) o alcance de apoio;
- (6) os limites da área de responsabilidade;
- (7) a oportunidade das mudanças;
- (8) a seleção dos eixos de suprimento;
- (9) as soluções alternativas; e
- (10) a segurança da área de retaguarda (SEGAR) e a segurança dos eixos de suprimento.

2-14. EMPREGO COMO INFANTARIA

a. A tropa do B Log pode se engajar em combate para cumprir as missões normais de apoio.

b. Nas operações de segurança da área de retaguarda (SEGAR), o batalhão pode ser o responsável por uma subárea compatível, e pelas ações de defesa de área de retaguarda (DEFAR) e controle de danos (CD) em seu interior. Caso não receba tropa de combate em reforço, o batalhão deve empregar elementos da Cia C Sv e de apoio logístico para cumprir missões de combate. Nesse caso, o batalhão deve receber meios adicionais de apoio de fogo e dispor de algum tempo para se organizar. Cabe ao comandante informar ao comandante da GU, as deficiências decorrentes para o apoio logístico, em consequência da decisão de emprego do batalhão como infantaria.

2-15. APOIO ADMINISTRATIVO NO ÂMBITO DO BATALHÃO LOGÍSTICO

a. Normalmente, os trens do B Log são mantidos centralizados, inclusive os das subunidades, a fim de garantir a máxima flexibilidade, eficiência e possibilitar uma melhor coordenação e controle dos meios.

b. O apoio logístico no âmbito do batalhão (apoio interno) se processa a partir da sua área de trens (AT) e se prolonga até as AT das subunidades.

c. Os trens do batalhão abrangem o material do pelotão de administração.

d. Os trens das subunidades são constituídos pelo grupo de comando e grupo de serviço.

e. A AT do batalhão deve localizar-se em uma posição central no dispositivo adotado pelo batalhão, instalando e operando um (uma) (Fig 2-14):

- (1) posto de socorro (PS);
- (2) posto de remunciação (P Rem);
- (3) área de cozinhas;
- (4) área de estacionamento de viaturas;
- (5) área de manutenção orgânica.

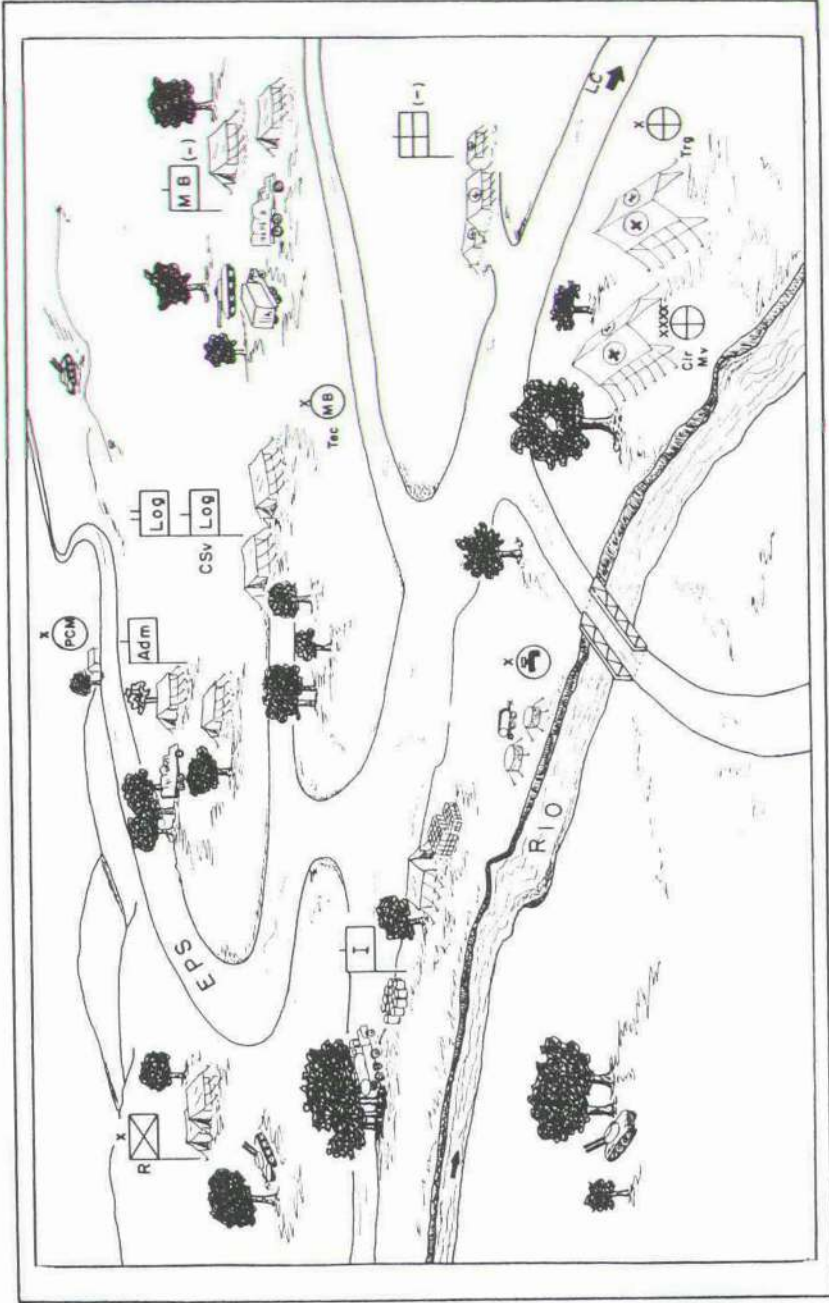


Fig 2-12. Desdobramento de uma A Ap Log

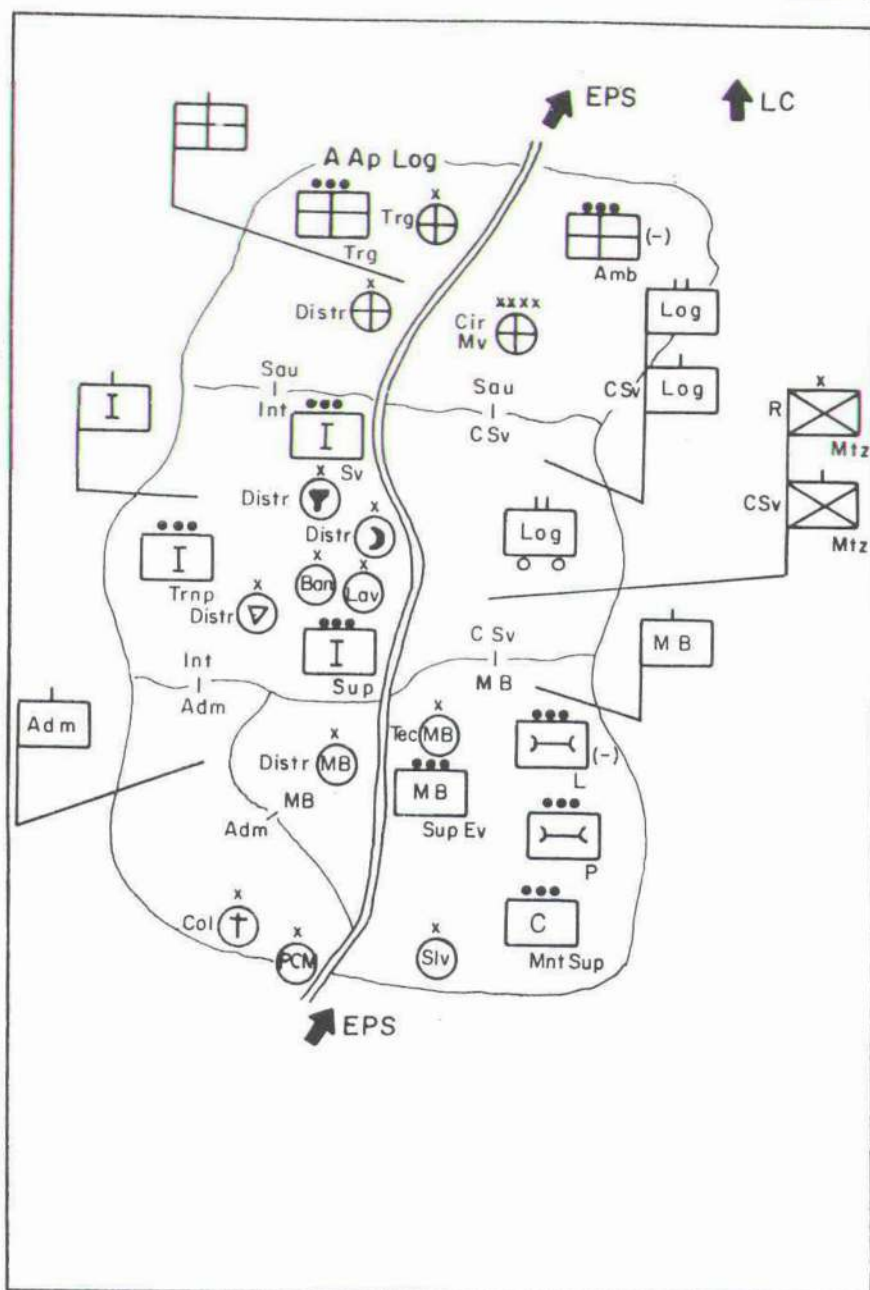


Fig 2-13. Desdobramento das instalações em uma A Ap Log de Bda Inf Mtz (típico)

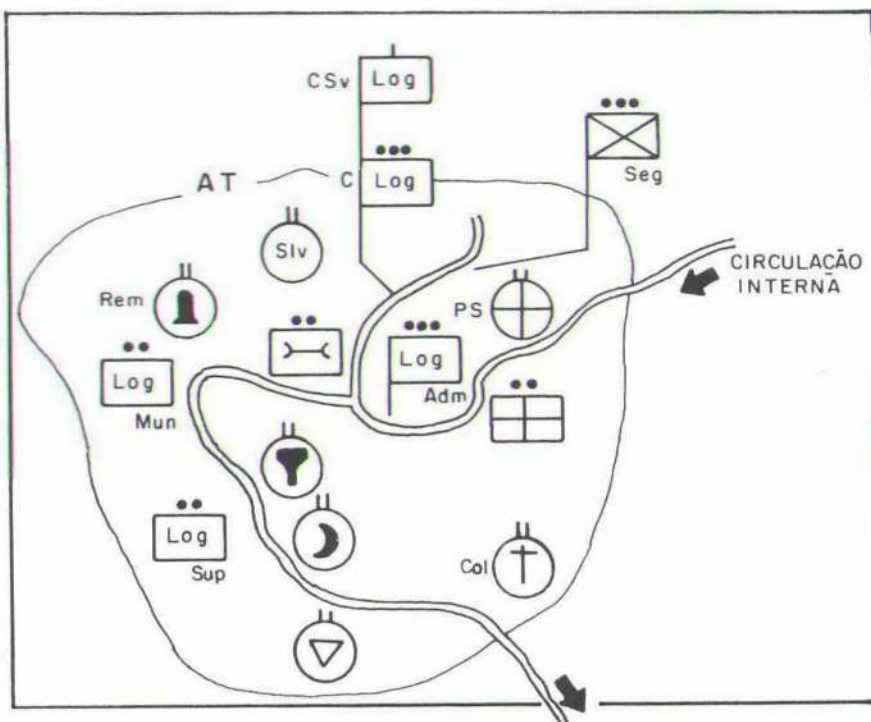


Fig 2-14. Desdobramento de uma AT de B Log (típico)

CAPÍTULO 3

COMANDO E CONTROLE

ARTIGO I

COMANDO

3-1. EXERCÍCIO DO COMANDO

a. O comandante é o responsável pelas ações e atividades de sua unidade. Suas atribuições incluem o planejamento, a organização, o comando, a coordenação e o controle do emprego do B Log. Exerce a dupla função de membro do EM especial de GU (Bda ou DE) e de comandante de unidade. Como membro do EM especial, sua função é a de assessor do Cmt e do EMG, particularmente do E4 da GU considerada. Como comandante de unidade, exerce o comando do conjunto das subunidades integrantes do B Log e dos elementos em reforço ao batalhão, organizando, planejando, coordenando e controlando as operações das frações sob seu comando.

b. O comando é exercido através da cadeia de comando, que se estende do comandante superior ao subordinado. Por meio deste canal, o comandante exerce sua autoridade e estabelece diretrizes, missões e normas para o batalhão. O funcionamento eficiente da cadeia de comando exige que um grau suficiente de autoridade e iniciativa seja atribuído aos subordinados, a fim de que eles possam realizar as tarefas pelas quais são responsáveis.

c. O comandante do batalhão utiliza todos os meios disponíveis para cumprir a missão. Coordenando as atividades de suas subunidades orgânicas e de elementos em reforço ou sob controle operacional (geralmente a Cia Adm, o P Sup Água, o Pel As Civ e frações de Ap Log do escalão superior), assegura que as ações destes elementos contribuam, efetivamente, para aquele fim.

d. Após emitir sua decisão, o comandante acompanha a evolução da situação,

estabelecendo um controle mais cerrado sobre a atuação de suas subunidades sem, entretanto, envolver-se em ações de menor importância, mantendo a visão do conjunto.

3-2. SUBCOMANDANTE

a. O subcomandante é o principal assessor e o substituto eventual do comandante do batalhão; coordena e supervisiona os pormenores das operações e da administração, permitindo, assim, ao comandante do batalhão concentrar-se em assuntos mais importantes.

b. As atribuições específicas do subcomandante variam de acordo com as diretrizes do comandante. As principais referem-se à orientação e à coordenação dos elementos do estado-maior da unidade. Determina as normas de ação no âmbito do estado-maior do batalhão. Verifica se a instrução da tropa está de acordo com as diretrizes do comandante do batalhão. Mantém-se a par da situação e dos futuros planos. Durante a ausência temporária do seu comandante, responde por ele e age de acordo com as suas determinações. Deve estar em condições de assumir o comando do batalhão em qualquer ocasião. Providencia para que as informações pedidas sejam remetidas em tempo oportuno e que sejam preparados planos para contingências futuras. Poderá ser o comandante da SA Ap Log quando da sua abertura.

c. O subcomandante permanece no posto de comando, não devendo afastar-se dele quando o comandante estiver ausente. Nos deslocamentos do posto do comando, o subcomandante habitualmente se desloca com o último escalão.

3-3. ESTADO-MAIOR

a. O comandante utiliza seu estado-maior para obter informações, fazer propostas, preparar estudos de situação, planos pormenorizados e ordens para o cumprimento de suas decisões, para coordenar os planos e as operações e liberá-lo de outras atividades de comando. Deve manter uma estreita relação com os oficiais de seu estado-maior, encorajando as apreciações francas e a livre expressão de idéias, mantendo esses oficiais sempre bem informados. O comandante do batalhão estabelece responsabilidades funcionais definidas para seu estado-maior. Atribui ao subcomandante a responsabilidade de dirigir e coordenar os trabalhos do estado-maior.

b. O estado-maior geral compõe-se do subcomandante, S1, S2, S3 e adjunto, S4 e adjunto, que são os principais auxiliares do comandante.

c. O estado-maior especial do B Log é composto do oficial médico, do oficial de comunicações, do oficial de manutenção, do oficial aprovisionador e do oficial de transporte.

d. Os oficiais do estado-maior especial têm acesso direto a todos os componentes do estado-maior geral para tratar de assuntos de seu interesse. O estado-maior geral mantém o estado-maior especial informado sobre os planos, diretrizes

e decisões do comandante. Por sua vez, o estado-maior geral recebe informações, estudos e propostas do estado-maior especial e os utiliza na preparação de seus relatórios, estudos e planos.

e. Um oficial do estado-maior especial trata, normalmente, com o comandante, por meio do oficial do estado-maior geral, responsável pela supervisão de suas atividades. Contudo, considerações técnicas de determinado problema podem ser apresentadas diretamente ao comandante, quando desejável. Sempre que um oficial do estado-maior especial tratar diretamente com o comandante, deve informar ao oficial responsável pela supervisão de estado-maior sobre o assunto tratado.

f. O estado-maior recebe dos comandantes dos elementos orgânicos, em reforço ou sob controle operacional, propostas ou sugestões pertinentes às respectivas áreas de responsabilidade.

g. Os oficiais do EM da unidade, além das responsabilidades e deveres prescritos nos manuais específicos, têm as atribuições constantes neste artigo.

3-4. 1ª SEÇÃO

O S1 tem responsabilidades de estado-maior relacionadas com o planejamento, a coordenação, a fiscalização e o cumprimento de funções inerentes às atividades de administração do pessoal. Normalmente, permanece no posto de comando do batalhão. As funções relacionadas com o pessoal são apresentadas a seguir.

a. Expedir instruções relacionadas com efetivos, registros e relatórios.

b. Receber e encaminhar às respectivas subunidades, o pessoal para o recompletamento.

c. Providenciar o encaminhamento dos extraviados a seus respectivos destinos e manter em dia a relação dos ausentes.

d. Realizar o controle do registro dos assuntos relativos à justiça e disciplina da unidade.

e. Manter um registro dos prisioneiros de guerra, capturados pelo batalhão, para servir de base às informações do comando. Coordenar com o S2 as medidas de evacuação desses prisioneiros para o escalão imediatamente superior.

f. Informar sobre o destino a ser dado aos mortos e auxiliar na identificação dos mesmos, coordenar e fiscalizar o registro de sepulturas, quando essas tarefas estiverem a cargo do batalhão.

g. Assegurar meios para a obtenção e a manutenção de elevado estado moral da tropa. Apresentar as recomendações para citações, condecorações e punições. Supervisionar a distribuição e a coleta da correspondência e a escala de dispensas. Coordenar com os capelães da companhia de administração as atividades religiosas. Planejar, coordenar e fiscalizar o programa de recreação.

h. Supervisionar o comportamento, o remanejamento e o controle do pessoal.

Recomendar as transferências, as designações, as promoções e as classificações do pessoal.

i. Supervisionar o movimento, a organização e o funcionamento interno das instalações do posto de comando.

j. Organizar a turma de estacionamento.

l. Organizar o boletim interno, supervisionado pelo subcomandante da unidade.

m. Processar a correspondência oficial, com exceção da relativa às ordens e instruções sobre as operações e a de natureza sigilosa.

n. Autenticar as ordens e instruções, com exceção das de operações e informações.

o. Fornecer reforço em burocratas ao estado-maior.

p. Planejar e supervisionar a execução das medidas de controle da população civil na área de influência do batalhão logístico.

3-5. 2ª SEÇÃO

A principal responsabilidade do S2 é manter o comandante e os oficiais do estado-maior plenamente informados sobre a situação, as possibilidades do inimigo, o terreno e as condições meteorológicas. Apresenta também, ao comandante, sugestões sobre as medidas de contra-informação e de segurança da área de retaguarda (SEGAR). Baseado nas informações necessárias, o S2 estabelece um plano de busca para coleta de informes. Os informes, uma vez processados, são difundidos. As atribuições específicas do S2 são apresentadas a seguir.

a. Manter atualizados o estudo de situação de informações e a carta de situação, em coordenação com o S3; assegurar que os informes e as informações importantes sejam registrados no diário da unidade; preparar os sumários de informações e as partes de informações referentes aos planos, às ordens e anexos, bem como os relatórios sobre a situação e normas gerais de ação.

b. Preparar o plano diário de patrulhas do batalhão, em coordenação com o S3 e o de defesa das instalações, auxiliado pelo Cmt Cia C Sv.

c. Preparar os planos de reconhecimento aéreo do batalhão e encaminhar aos órgãos competentes os pedidos de reconhecimento aéreo imediato ou pré-planejado.

d. Supervisionar as atividades das equipes de informações técnicas em reforço ao batalhão.

e. Supervisionar as atividades de vigilância do batalhão e elaborar o plano de vigilância terrestre, em coordenação com o S3 e com o comandante da F DEFAR e solicitar pedidos de vigilância aérea, quando necessário.

f. Planejar e supervisionar as atividades dos elementos de CD, em coordena-

ção com o S4.

g. Exercer supervisão de estado-maior sobre o oficial de munições e de guerra QBN da GU em todos os assuntos que se referem às operações de detecção e levantamento químico, biológico e nuclear; aos registros na carta, de contaminação de precipitação radioativa; à interpretação dos dados do levantamento nuclear; ao preparo dos diagramas de predição de precipitação radioativa, relativos a possíveis explosões de armas nucleares inimigas.

h. Planejar e supervisionar as atividades da força de defesa da área de retaguarda (F DEFAR), na execução das missões de informações e de combate em coordenação com o S3.

i. Planejar, supervisionar e assegurar a orientação final às patrulhas de F DEFAR; fornecer a todas as patrulhas informes referentes às condições meteorológicas, ao terreno e ao inimigo; interrogar os comandantes e demais membros das patrulhas por ocasião do regresso; assegurar a preparação e a difusão dos relatórios das patrulhas, em coordenação com o S3.

j. Coordenar a busca de informes, por todos os elementos orgânicos ou em reforço e difundir as informações obtidas para os elementos da F DEFAR.

l. Apresentar, em coordenação com o S3, sugestões sobre as medidas para a manutenção do sigilo.

m. Elaborar o plano de segurança a ser executado pelo batalhão, quando em marcha, nos altos, nas zonas de reunião, na A Ap Log e nas instalações de comando e administrativas.

3-6. 3ª SEÇÃO

O S3 tem responsabilidade de estado-maior sobre assuntos referentes à organização, instrução e operações logísticas. Exerce a supervisão de estado-maior sobre as atividades de assuntos civis no batalhão. É o responsável pela operação do COAL (Centro de Operações de Apoio Logístico).

a. Responsabilidades referentes à organização

(1) Fazer o estudo continuado da organização das subunidades, apresentando sugestões ao S1 e S4 para modificações dos quadros de organização e de material.

(2) Propor a organização e composição de meios.

(3) Estudar os pedidos de pessoal e de material elaborados pelos S1 e S4.

b. Responsabilidades referentes à instrução

(1) Preparar sugestões sobre as diretrizes de instrução, programas, ordens exercícios em campanha, baseadas no plano aprovado pelo comandante.

(2) Sugerir a escolha de áreas de instrução e os meios necessários.

(3) Organizar e dirigir os diferentes cursos decorrentes da experiência de combate no âmbito do batalhão. Baseado nas diretrizes do comandante, organizar

os programas de instrução; selecionar instrutores e monitores e orientar os comandantes de subunidades na indicação dos homens que devem freqüentar os cursos.

c. Responsabilidades referentes às operações

(1) Informar ao comandante sobre a situação tática e logística, ficando em condições de apresentar sugestões.

(2) Estudar as ordens do escalão superior, as ações das unidades vizinhas e unidades de apoio, a localização e as possibilidades dos elementos orgânicos e postos à disposição, as baixas e os recompletamentos, em coordenação com o S1, bem como a situação da GU em suprimentos e material.

(3) Manter a carta de operações atualizada.

(4) Propor a localização das zonas de reunião, A Ap Log e o desdobramento da unidade.

(5) Coordenar com o S2 as medidas de reconhecimento, no âmbito do batalhão, inclusive as missões de informações, quando as frações do batalhão forem nelas engajadas.

(6) Coordenar com o S2 as medidas de segurança a serem executadas pelo batalhão.

(7) Planejar, em coordenação com o S4, o deslocamento de tropas, inclusive dos elementos empregados, a formação e o tipo do movimento exigido. Elaborar a ordem de movimento, após aprovação do respectivo plano.

(8) Apresentar sugestões sobre o emprego das subunidades, após o estudo de situação e dos entendimentos com os outros oficiais do estado-maior e os comandantes de subunidades.

(9) Coordenar com o oficial de comunicações a organização do plano de comunicações, com a finalidade de manter ligações entre o comandante do batalhão, o posto de comando do batalhão e as companhias subordinadas.

(10) Coordenar as atividades de ligação, apresentando sugestões para a sua execução.

(11) Propor, assessorado pelo oficial de comunicações e S1, a localização geral do posto de comando.

(12) Elaborar a ordem de operações do batalhão para a aprovação do comandante. Após a aprovação, publicar, autenticar e distribuir a ordem, devendo supervisionar a sua execução.

(13) Transmitir as ordens e instruções do comandante do batalhão às subunidades subordinadas, auxiliando seus comandantes na interpretação das mesmas.

(14) Organizar planos para as futuras operações, de acordo com as decisões do comandante e a situação da unidade.

(15) Propor ao S1 medidas de controle da população civil, quando necessário, e restrições aos movimentos de civis em localidades e estradas, que interfiram diretamente na A Ap Log.

(16) Proporcionar por meio do COAL o (a):

(a) planejamento e supervisão da execução das atividades logísticas (manutenção, suprimento, transporte, evacuação de pessoal e de material, saúde e

serviços em campanha) da GU;

- (b) levantamento das necessidades referentes à manutenção, suprimento, transporte, saúde, evacuação e serviços em campanha;
- (c) controle da disponibilidade dos equipamentos;
- (d) controle do fluxo de suprimento;
- (e) supervisão do funcionamento do PCM;
- (f) preparo e difusão dos planos de manutenção;
- (g) consolidação, estudo e análise dos relatórios diversos.

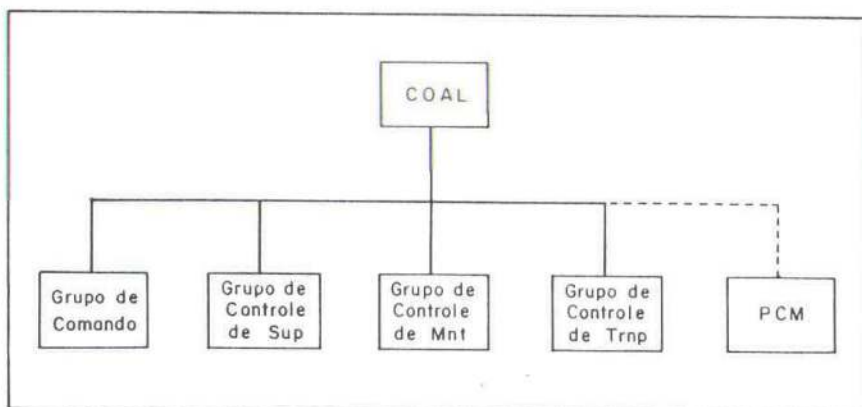


Fig 3-1. Centro de Operações de Apoio Logístico

d. O adjunto do S3 é o auxiliar do S3 para as atividades de planejamento e controle do apoio logístico à GU. É o oficial de munição e de guerra QBN da GU e oficial de educação física do B Log. É o chefe do PCM. Na Bda Inf Pqdt, o chefe do PCM é um 2º Ten de material bélico, orgânico do Pel Sup/Cia Int Pqdt. É também o chefe do P Distr Cl V (munições) e do P Distr outras classes.

3-7. 4ª SEÇÃO

a. O S4, auxiliado por um adjunto, é o responsável pelas atividades internas de suprimento, manutenção, evacuação de material, saúde, transporte e outros serviços do batalhão. Deve manter-se a par da situação tática, coordenar suas atividades com as dos demais oficiais do estado-maior e apresentar sugestões oportunas sobre os assuntos que lhe estejam afetos. Deve manter o comandante informado sobre a situação logística da unidade. Organiza o plano de suprimento do batalhão, baseado na situação tática e no plano de emprego, providencia sua difusão e fiscaliza sua execução.

b. O adjunto do S4 é o auxiliar do S4 para as atividades de apoio logístico da unidade. É também o oficial de munições e de guerra QBN do batalhão.

c. Atribuições específicas do S4:

- (1) planejar e supervisionar a execução das atividades logísticas (manuten-

ção, suprimento, transporte, evacuação do material, saúde e serviços), no âmbito do batalhão;

(2) autorizar o fornecimento dos pedidos de suprimento interno das companhias e dos elementos em reforço e supervisionar sua obtenção e distribuição;

(3) supervisionar a instalação e o funcionamento do posto de remuniciamento, do posto de saúde, da área de manutenção e das cozinhas do batalhão;

(4) executar os reconhecimentos ou fazer recomendações para a escolha de itinerários e locais para as instalações logísticas do batalhão (AT/B Log);

(5) coordenar a evacuação dos feridos, dos mortos, do material e das armas avariadas, orgânicas do batalhão, do material salvado e capturado do inimigo por força de ações de DEFAR; coordenar com o médico, o S1 e o S2 do batalhão, respectivamente, as medidas relacionadas com a evacuação dos feridos, dos mortos e do pessoal inimigo aprisionado;

(6) coordenar com o S2 e S3 o emprego dos meios de CD orgânicos e em reforço.

3-8. OFICIAL DE MUNIÇÕES E DE GUERRA QBN da GU

O oficial de munições e de guerra química-bacteriológica-nuclear da GU é o adjunto do S3.

a. Atribuições específicas como oficial de munições da GU:

(1) supervisionar as atividades de remuniciamento no âmbito da GU;

(2) manter atualizados os registros de munição;

(3) organizar e apresentar ao comando do B Log todas as informações referentes ao Sup Cl V (munições) da GU;

(4) participar do planejamento do S3 referente ao suprimento da CL V (munições) para a GU.

b. Atribuições específicas como oficial de guerra QBN:

(1) propor normas para as operações de detecção e identificação de agentes químicos, biológicos e nucleares lançados na área de operações da GU;

(2) manter o registro em cartas de situação das áreas de contaminação radioativa, conseqüentes de explosões de armas nucleares inimigas;

3-9. RELAÇÕES COM OS COMANDANTES SUBORDINADOS

a. Elementos orgânicos

(1) Os comandantes das companhias orgânicas do B Log são assessores do comandante e do estado-maior do batalhão nos assuntos que dizem respeito ao emprego de suas subunidades.

(2) As relações do comandante do batalhão com os comandantes dos elementos diretamente subordinados podem ser diretas ou por meio do estado-maior. São realizadas inspeções e visitas informais à tropa. Essas ações visam a melhorar a

confiança, o respeito, a lealdade e o entendimento e, ao mesmo tempo, dão ao comandante um conhecimento imediato da situação tática e logística da unidade.

(3) Os Cmt Cia Int, S e MB, executam as atividades logísticas da GU sob a supervisão de estado-maior do S3 do Btl.

(4) O comandante da Cia C Sv desempenha as funções de comandante do PC e dos trens do batalhão.

b. Elementos não orgânicos

(1) Os comandantes dos elementos em reforço ou sob controle operacional são assessores do comandante e do estado-maior do batalhão nos assuntos que dizem respeito ao emprego de suas frações.

(2) Os elementos em reforço estão sujeitos às decisões do comandante do batalhão. As relações do comandante do batalhão com esses elementos são as mesmas mantidas com as subunidades orgânicas.

(3) Elementos sob controle operacional — Quando um elemento é posto sob o controle operacional do batalhão, as relações de comando visam a capacitá-lo ao cumprimento de missões ou tarefas específicas e, normalmente, limitadas. Exclui a autoridade para empregá-lo separadamente e o seu controle administrativo.

3-10. OFICIAIS ESPECIALISTAS DO BATALHÃO

a. Oficial médico — É o comandante da seção de saúde do batalhão. Funciona sob a supervisão do S4.

b. Oficial de comunicações — É o comandante do pelotão de comando da Cia C Sv. É o responsável pelas operações das comunicações da unidade, funcionando sob a supervisão do S3. Conta com a assistência técnica, para o desempenho de suas funções de Cmt PMSMCE da Cia MB.

c. Oficial de manutenção — É o comandante do pelotão de administração. É o responsável pela manutenção orgânica e pelo levantamento das necessidades, recebimento e distribuição das peças e conjuntos de reparação (CI II, IV, V (A), VI, VII, IX e X) destinados ao batalhão.

d. Oficial de munições e de guerra QBN — É o adjunto do S4, sendo responsável pela instalação e operação do posto de remuniamento do batalhão. Cooperar com o oficial de guerra QBN da GU (adjunto do S3), naquilo que se referir ao batalhão. Auxilia o S4 na detecção e emprego de agentes químicos, biológicos e nucleares na região ocupada pela A Ap Log.

e. Almoxarife, aprovisionador e oficial de transportes — É o Sub Cmt Pel Adm. É o responsável pelo levantamento das necessidades, recebimento e distribuição dos suprimentos CI I, III e produtos acabados de outras classes, exceto V (M), destinados ao batalhão; também é o encarregado do planejamento e execução dos transportes necessários ao batalhão. Trabalha sob a supervisão do S4.

ARTIGO II

ESTUDO DE SITUAÇÃO

3-11. GENERALIDADES

Os princípios básicos que regulam o comando de uma unidade de apoio logístico são os mesmos de qualquer outra arma ou serviço. Sua aplicação, entretanto, é afetada pelo caráter técnico e especializado da maioria das atividades logísticas e pela variedade das mesmas.

3-12. ESTUDO DE SITUAÇÃO DO COMANDANTE

a. O comandante do B Log participa dos estudos de situação em dois níveis. Como elemento do estado-maior especial da Bda ou DE, é o assessor do Cmt da GU por meio do E4, ou mesmo diretamente quando solicitado. Nesse caso ele procura, particularmente, estabelecer as influências de ordem tática que os diversos fatores da decisão, sob o ponto de vista da logística, acarretam na missão e na manobra do Cmt da GU apoiada. Nesse nível, sua participação está relacionada à montagem, análise e seleção das linhas de ação do escalão apoiado, quanto aos aspectos de viabilidade e de melhores possibilidades do apoio logístico à manobra tática. Nesse trabalho, relaciona dados importantes para o cumprimento da missão do B Log.

b. Em uma segunda fase, realiza o estudo de situação junto ao seu estado-maior. Nesse nível, o estudo visa ao planejamento da manobra logística do B Log para o apoio da manobra tática da GU e à solução de problemas de apoio logístico ou de trabalhos de natureza técnica.

c. O estudo de situação é um processo contínuo, sem compartimentos estanques. Embora realizado em dois níveis diferentes, o processo de análise é o mesmo e os fatores analisados, em grande parte, são comuns. Dessa forma, o estudo de situação do Cmt B Log será facilitado, particularmente, na análise dos seus aspectos comuns.

d. O planejamento do B Log apresenta aspectos de grande complexidade, pois, em síntese, além de equacionar o cumprimento da missão de apoio, que é de natureza técnica e específica, tem que levar em conta a manobra tática dos elementos apoiados, com as suas dificuldades e as soluções possíveis.

3-13. SISTEMÁTICA DO ESTUDO DE SITUAÇÃO

a. O estudo de situação é um processo lógico e continuado de raciocínio pelo qual um comandante ou um oficial de estado-maior considera todas as circunstâncias que possam interferir no cumprimento da missão.

b. Deve seguir uma seqüência lógica, abordando todos os aspectos que influem no cumprimento da missão. A seqüência para esse estudo, basicamente, é a seguinte: missão, inimigo, terreno e condições meteorológicas e meios disponíveis.

c. A missão da GU influi sensivelmente na orientação do estudo de situação do comando do batalhão, uma vez que a missão do B Log depende, essencialmente, da manobra da tropa apoiada. As linhas de ação que o batalhão venha a adotar devem estar em condições de apoiar, eficientemente, essa manobra.

d. O estudo de situação de um comandante de B Log pode assumir aspectos diferentes, conforme a missão da GU e, particularmente, conforme a ocasião em que é feito, exigindo, por vezes, uma adaptação para atender a casos particulares.

e. Os prazos disponíveis e a experiência já adquirida podem permitir a realização de um estudo de situação simplificado.

f. Na continuação do estudo de situação, após iniciadas as operações, apenas certos fatores sofrem ligeiras alterações; são considerados, neste caso, somente os aspectos que possam influenciar o emprego do batalhão na nova situação.

g. Tão logo o comandante do batalhão tenha ciência de uma nova situação, imediatamente inicia o estudo correspondente. Se não houver conhecimento das linhas de ação da tropa apoiada, procede ao estudo dos fatores que independem daquelas linhas de ação, a fim de que, quando o comandante da GU expuser suas linhas de ação, tenha condições de, rapidamente, informar qual a que pode contar com melhor apoio do B Log.

h. O comandante da GU pode decidir sem consultar o comandante do batalhão. De qualquer forma, após essa decisão, o estudo de situação do batalhão será orientado para continuar a apoiar, eficientemente, a manobra adotada pelo comandante da força.

i. O estudo de situação do comandante do batalhão desenvolve-se por meio de uma reunião do estado-maior, em lugar conveniente, sob sua direção. Normalmente, participam o subcomandante, o S1, o S2, o S3, o S4, o oficial de comunicações e os adjuntos do S3 e do S4.

3-14. DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO DE SITUAÇÃO

a. **Análise da missão** — É encargo pessoal do comandante do batalhão; deve ser feita em curto espaço de tempo e tem por finalidade, ao seu término, permitir ao comandante saber exatamente o que o batalhão vai realizar, e apresentar ao seu estado-maior uma diretriz para o estudo de situação.

(1) Missão da força apoiada — O comandante do B Log toma conhecimento dessa missão por meio da ordem de operações da força ou do contato pessoal com o comandante da mesma.

(2) Enunciado da missão — Pode ser enunciado de um modo genérico ou por intermédio de missão logística específica, conforme a situação em que o batalhão se encontre.

(3) Ações a realizar.

(a) Durante a análise da missão, o comandante deve relacionar todas as ações que o batalhão terá que realizar para o cumprimento da missão que lhe

foi imposta, exceto as normais, decorrentes das responsabilidades inerentes a cada uma das missões logísticas. Essas ações são levantadas e colocadas numa sequência tomando-se por base, particularmente, a própria tática, as imposições do escalão superior, o prazo, o terreno e outras condicionantes da situação em curso.

(b) Mesmo após terminada a análise da missão, isto é, durante o prosseguimento do estudo de situação, podem surgir outros dados que induzam, ainda, ao levantamento de outras ações a realizar.

(c) As ações a realizar mais comuns para o batalhão são:

- ultrapassar (outros elementos de apoio);
- apoiar as ações (especificar) da GU;
- deslocar e desdobrar os meios;
- defender as instalações;
- ficar em condições de apoiar (prosseguimento ou ultrapassagem).

(4) Condições de execução — A missão recebida pode vir complementada por outros encargos que o batalhão deve ficar em condições de executar. Dentre eles se destacam as imposições do escalão superior, o prazo disponível para o início do cumprimento da missão, a largura e a profundidade da zona de ação da tropa apoiada.

(5) Conclusão — Novo enunciado da missão.

(a) Ao concluir a análise da missão, o comandante do batalhão está em condições de apresentar ao seu estado-maior, para o prosseguimento do estudo de situação, uma diretriz, na qual constem objetivamente e de acordo com as informações já disponíveis, o novo enunciado da missão e as principais ações que o batalhão tem que realizar.

(b) Continuando o estudo de situação e após o contato com o comandante da força apoiada, outros dados podem surgir que, acrescentados aos itens já levantados na análise da missão, vão constituir o parágrafo segundo da ordem de operações do batalhão.

b. Situação e linhas de ação — A partir desse ponto o estado-maior passa a realizar o estudo de situação. Ao final, devem estar levantados todos os aspectos que podem influenciar no emprego do batalhão, em face da situação existente, bem como montadas as linhas de ação possíveis para apoiar a manobra da GU.

(1) Considerações que afetam as possíveis linhas de ação.

(a) Operações a apoiar — Nesse item é analisada a natureza das operações a apoiar, bem como a composição, efetivos e necessidades peculiares da força apoiada, com vistas a determinar os fatores que poderão influir na finalidade e no vulto da missão de apoio. Normalmente, os seguintes dados, extraídos da diretriz ou da missão do escalão superior, são os mais comuns:

- dispositivo atual e futuro dos principais elementos táticos da força;
- dispositivo atual e futuro das instalações logísticas dos elementos apoiados;

- linhas de ação para o cumprimento da missão tática da GU;
- operações futuras da GU apoiada.

(b) Características da área de operações.

— O S2 realiza e apresenta um estudo sucinto das condições meteorológicas e do terreno (situação existente) e quais os prováveis efeitos sobre as operações do batalhão. O estudo dos eixos e da rede rodoviária é de relevante importância para a manobra logística e deve presidir a análise das características da região de operações.

— No estudo do relevo, a análise da compartimentação do terreno tem em vista a determinação de prováveis regiões para ocupação de A Ap Log. Quanto às regiões dominantes, deve-se preocupar com aquelas que possam servir para a defesa da A Ap Log contra ataques do inimigo terrestre infiltrado.

— Devem ser levados em consideração os cursos de água, os obstáculos, as pontes e estradas, particularmente visando aos deslocamentos e à determinação da EPS. A existência ou não de vegetação influi na camuflagem.

— Deve concluir, selecionando na carta: com o S3 as regiões favoráveis para desdobramento do batalhão; rodovias que podem ser usadas para os deslocamentos e para servirem como EPS; regiões favoráveis à instalação do PC (sendo ouvido o oficial de comunicações); as regiões favoráveis à instalação de postos de vigilância.

— Outros fatores, tais como, a existência de mão-de-obra especializada, construções, recursos locais são, também, levados em conta no estudo das características da área de operações.

(c) Situação do inimigo — O estudo é realizado pelo S2. São analisadas todas as informações disponíveis sobre o inimigo, omitindo apenas o que for julgado sem importância para o estudo. A finalidade é a determinação das possibilidades do inimigo que representam uma ameaça ao cumprimento da missão do batalhão. O estudo é concluído citando-se as peculiaridades, deficiências e possibilidades do inimigo que possam interessar, diretamente, ao emprego do batalhão. Normalmente, a atuação de forças irregulares e especiais e a da força aérea inimiga são as possibilidades que produzem maior efeito sobre as operações do B Log. São enumeradas ainda as possibilidades do inimigo levantadas pela tropa apoiada, destacando-se aquelas que poderão interferir, diretamente, no emprego do B Log, tais como: inimigo aéreo, infiltrações, guerrilheiros, pára-quedistas e blindados.

(d) Nossa situação — Nessa parte o S3 opina quanto à situação tática e logística das unidades da GU; o S1 e S4, no que diz respeito ao apoio administrativo interno e o S2 quanto à segurança da unidade. Devem ser abordados os aspectos que se seguem.

— Situação tática — É considerado o dispositivo dos principais elementos da força apoiada. Considera-se os dispositivos no início da operação tática que possam exigir reajustamento das operações logísticas. Estabelece-se as necessidades de apoio no início da operação e em cada fase subsequente. Determina-se as técnicas especiais de apoio ou procedimentos exigidos pela situação tática. Para cada mudança de atitude ou de dispositivo por parte da tropa apoiada, deve

ser feita uma análise das necessidades de apoio logístico (tomada do dispositivo inicial, conquista de objetivos intermediários e finais e prosseguimento). Quando o comandante da GU não tiver, ainda, tomado uma decisão, o estado-maior do B Log estuda cada uma das linhas de ação levantadas pelo estado-maior da GU.

— Situação logística — A situação de cada atividade logística da GU e do próprio batalhão é analisada. Leva-se em conta ainda a localização das instalações logísticas do escalão superior que apóia a GU, da própria força apoiada e dos elementos ultrapassados (quando for o caso). A finalidade é fazer o confronto entre as necessidades de apoio determinadas com as disponibilidades de apoio existentes.

(2) Dificuldades previstas.

(a) O estado-maior levanta as dificuldades previstas na situação existente ou projetada que possam influir no cumprimento da missão. Essas dificuldades surgem das considerações do subparágrafo que se refere à nossa situação e são comparadas no parágrafo da análise das linhas de ação opostas.

(b) As possibilidades do inimigo, o nosso dispositivo (esquema de manobra da GU), o terreno, a situação logística existente, os prazos, as restrições e a carência de meios são as dificuldades mais comumente encontradas.

(3) Nossas linhas de ação.

(a) Antes de iniciar a montagem de linhas de ação para o batalhão, o comandante pode ser chamado a participar da análise das linhas de ação da GU, sob o ponto-de-vista de apoio logístico. Mediante um rápido estudo das principais características táticas das linhas de ação, o comandante do B Log deve opinar sobre os aspectos em que elas se apresentam favoráveis ou desfavoráveis ao emprego eficiente do batalhão. As características táticas variam com o tipo de operação. Em geral, enquadram considerações sobre o dispositivo, a manobra, a frente ocupada, a profundidade da operação e o grau de centralização. Após ouvir a opinião do comandante do batalhão, o comandante da GU toma sua decisão, em relação a qual prossegue o estudo de situação.

(b) O estado-maior do B Log monta linhas de ação para os aspectos que dependam de uma decisão. Fatores que forem impostos pelo escalão superior ou estiverem sujeitos a certas condições particulares que não admitam alternativas, são considerados obrigatoriamente em todas as linhas de ação.

(c) Na formulação das linhas de ação, são considerados os fatores que se seguem.

— Regiões para desdobramento do batalhão — A amplitude da zona de ação na LC/LP e a necessidade de apoiar até determinada linha do terreno, são aspectos que podem levar à escolha de várias regiões para desdobramento, regiões essas que apresentam vantagens maiores em relação a um ou outro aspecto; as possibilidades da rede de estradas, a cobertura oferecida pelo terreno, a localização do PC e o dispositivo logístico da tropa apoiada, comparados com as diversas linhas de ação apresentadas para desdobramento do batalhão, poderão indicar as alternativas de várias áreas para o mesmo.

— Centralização das atividades logísticas e dos meios — O batalhão busca a centralização, mas é possível que surjam linhas de ação de atuar descentralizado para apoiar, em melhores condições, a manobra da força.

— Ocupação da A Ap Log — Quando é dada liberdade ao batalhão e quando o tempo é fator preponderante, podem ser montadas linhas de ação diferentes em torno da ocupação de mais de uma A Ap Log e da oportunidade dos deslocamentos dos meios de uma para outra área.

— Tipo de manobra tática — A composição da tropa apoiada e o tipo de manobra adotado (ou ambos) podem acarretar linhas de ação diferentes quanto às atividades logísticas a cargo do batalhão.

— Outros fatores podem surgir em situações especiais e devem ser estudados pelos oficiais do estado-maior, cujas funções mais se relacionem com o estudo.

c. Análise das linhas de ação opostas

(1) Para a análise das linhas de ação opostas, devem ser listados os fatores que tenham reflexos na decisão, com a definição daqueles que são preponderantes no estudo em curso. Esse procedimento tem a finalidade de verificar se as possibilidades do inimigo, selecionadas pelo S2, quando comparadas com as linhas de ação da tropa apoiada, podem trazer alguma implicação para o emprego do batalhão. Caso isso aconteça, devem ser levadas em consideração no momento de se comparar as nossas linhas de ação.

(2) Cada linha de ação deve ser analisada segundo as dificuldades levantadas anteriormente (fatores preponderantes), para determinar o efeito provável de cada dificuldade, quanto ao êxito de cada linha de ação.

(3) A análise deve ser feita para cada situação (atitude e dispositivo) da tropa apoiada e para cada atividade (logística e tática) que deve ser desempenhada pelo B Log.

d. Comparação das nossas linhas de ação — A finalidade da comparação é concluir sobre as vantagens e as desvantagens das linhas de ação montadas para cada aspecto que demande uma decisão. Os fatores de comparação, normalmente utilizados, são os que se seguem.

(1) Para as áreas de desdobramento (A Ap Log) — Manobra, terreno, segurança e situação logística.

(2) Em relação ao nosso dispositivo — Facilidade de coordenação, de controle de comunicações e ligações; flexibilidade de apoio, maior permanência nos trabalhos, apoio cerrado e contínuo.

(3) Em relação ao momento de ocupação da A Ap Log — Sigilo dos movimentos e da operação, e conforto da tropa.

(4) Possibilidades do inimigo — Após a comparação e considerando-se os fatores preponderantes para cada caso, é possível ao comandante chegar a uma conclusão sobre a solução mais adequada para cada problema.

e. Decisão

(1) Nesse ponto do estudo de situação, o comandante tem condições de

decidir por uma linha de ação para cada aspecto considerado. Esta decisão, no entanto, não é definitiva, pois depende, ainda, de uma confirmação que será feita por meio de reconhecimentos no terreno. Por isso, a decisão que é tomada com base, apenas, no estudo de situação na carta, leva o nome de **decisão preliminar** e estabelece uma prioridade a ser seguida durante os reconhecimentos, nos aspectos que deles dependam.

(2) O plano de reconhecimento é elaborado, tendo como origem a decisão preliminar. Somente após a exposição dos relatórios feitos ao comandante pelos executantes dos reconhecimentos é que aquele toma uma decisão definitiva sobre como o batalhão vai cumprir sua missão.

(3) Em decorrência da decisão, os oficiais do estado-maior preparam e expedem as **ordens reguladoras da operação**, que são normalmente transmitidas de forma verbal aos comandos subordinados e demais oficiais executantes. Posteriormente, são confirmadas em uma ordem de operações distribuída aos elementos subordinados.

ARTIGO III

DOCUMENTOS DE ESTADO-MAIOR

3-15. ELABORAÇÃO DE DOCUMENTOS

O estado-maior do B Log tem a seu cargo, além da elaboração de ordens e planos, vários documentos constantes de manuais e instruções que poderão variar com a situação e a disponibilidade de tempo. Os documentos a seguir discriminados são elaborados mais freqüentemente.

a. Documentos de 1ª seção:

- (1) sumário diário do pessoal;
- (2) relatório periódico do pessoal;
- (3) mapa da força.

d. Documentos de 2ª seção:

- (1) plano de operações de SEGAR;
- (2) calco de operações de SEGAR;
- (3) relatório periódico de informações;
- (4) ficha registro de informações de combate, correspondente a um diário de 2ª seção;
- (5) plano de reconhecimento.

c. Documentos de 3ª seção:

- (1) mapas de disponibilidade de material da GU;
- (2) plano de ressuprimento da GU;
- (3) plano de inspeção de material da GU;
- (4) plano de manutenção da GU;
- (5) estimativa de consumo de suprimento da GU;

(6) relatório das atividades logísticas, onde deve constar, em itens separados, um relato sucinto das atividades logísticas executadas no período considerado, no âmbito da GU;

(7) plano de operações;

(8) ordem de operações.

d. Documentos de 4ª seção:

(1) plano de remuniamento da unidade;

(2) mapa de situação da munição da unidade;

(3) mapa de situação do material da unidade;

(4) plano de manutenção orgânica da unidade.

3-16. DISTRIBUIÇÃO E ARQUIVO

a. As ordens e documentos de estado-maior a serem distribuídos, são elaborados com número variável de cópias que constituem exemplares, numerados e devidamente controlados. São expedidos segundo listas de distribuição. É o subcomandante, como chefe do estado-maior, quem organiza essas listas para aprovação pelo comandante. Um ou mais exemplares ficam no arquivo do batalhão.

b. Os documentos do estado-maior e das subunidades são organizados periodicamente, para fins de arquivo. Após as anotações necessárias e devidamente agrupados, são arquivados pelo S1 do Btl, que desempenha também as funções de ajudante-secretário.

CAPÍTULO 4

ZONAS DE REUNIÃO

4-1. GENERALIDADES

a. A GU, quando em Z Reu, está em condições de receber uma missão de combate ou então preparando-se para cumprir uma missão já recebida. Em princípio, a GU ocupa uma Z Reu à noite, ou durante o dia, por infiltração.

b. Uma GU em reserva, normalmente, toma um dispositivo circular com vistas a facilitar o controle e a segurança da Z Reu.

c. No caso particular do ataque, a Z Reu localiza-se o mais próximo possível da linha de partida, embora conservando-se fora do alcance dos fogos da artilharia leve do inimigo.

4-2. APOIO LOGÍSTICO

a. Quando a GU está em Z Reu, o B Log empenha-se em alcançar o maior índice possível de disponibilidade do material das OM apoiadas.

b. Quando a GU está em Z Reu, o batalhão é empregado sob a forma de **apoio ao conjunto**, não havendo as prioridades normais de apoio, visto que não há, precisamente, unidades em primeiro ou segundo escalão, ou realizando o esforço principal.

c. Uma vez conhecida a missão futura da GU e o seu esquema de manobra, o Cmt do batalhão pode estabelecer prioridades de atendimento ou recebê-las do Cmdo da GU, quanto às unidades que serão empenhadas inicialmente.

d. O aspecto mais importante a considerar é o emprego pleno, porém racional, dos meios disponíveis.

4-3. PLANEJAMENTO DO APOIO

a. **Generalidades** — Em seu estudo de situação o Cmt B Log deve levar em

conta, além dos fatores da decisão, as necessidades logísticas quanto ao suprimento, transporte, manutenção, saúde e serviços em campanha, conforme o tipo de operação a ser realizada.

b. Suprimento — A prioridade é para o recompletamento das dotações orgânicas e obtenção dos materiais indispensáveis às operações futuras.

(1) Sup Cl I — Durante o período em que a GU se encontra em Z Reu a alimentação da tropa deve ser constituída por ração quente, preparada nas cozinhas das subunidades. A dotação orgânica de ração de combate deve ser recompletada.

(2) Sup Cl III — Diariamente a GU solicita o suprimento necessário para atender ao recompletamento de sua dotação orgânica. O batalhão estoca a quantidade de suprimento referente à reserva orgânica da GU.

(3) Demais classes — Devem ser recompletadas as respectivas dotações orgânicas.

c. Transporte — As necessidades dessa atividade, no que tange ao B Log, resumem-se ao transporte do Sup Cl III entre o P Sup Cl III do escalão superior e a A Ap Log. Uma vez que na situação de Z Reu o batalhão presta apoio ao conjunto, a distribuição do suprimento faz-se nas instalações de suprimento para todas as classes.

d. Manutenção — É dada ênfase especial à preparação do material, particularmente armamento e viaturas, a fim de colocá-los em perfeitas condições de uso antes do início da missão, procurando-se tirar o máximo partido de instalações fixas existentes no local. Os trabalhos de manutenção devem ser realizados de modo centralizado. Eventualmente, elementos leves de manutenção podem ser colocados juntos à unidades apoiadas para minimizar os problemas de evacuação de material.

e. Saúde — Deve ser empregado o máximo de meios na execução do plano de saúde da GU, particularmente no que se referir às inspeções sanitárias e medicina preventiva.

f. Serviços em campanha — Tendo em vista dar o máximo conforto à tropa os serviços de banho, lavanderia, panificação, refrigeração e reembolsável, devem ser explorados ao máximo compatível com a situação existente. Para evitar maiores deslocamentos de tropa no interior da Z Reu, esses serviços devem ser explorados juntos aos elementos apoiados, mediante escala, sempre que possível.

4-4. DESDOBRAMENTO NA ZONA DE REUNIÃO

a. A amplitude do desdobramento dos meios depende, particularmente, do tempo de permanência da GU em Z Reu e da sua missão futura.

b. O batalhão deve ocupar uma área central em relação ao dispositivo da GU, a fim de apoiar a todas as unidades de modo uniforme e equilibrado, desdobrando, adequadamente as instalações logísticas para conseguir pleno rendimento nas operações de apoio.

c. A centralização dos meios do batalhão assegura ampla flexibilidade de

apoio, devendo ser buscada sempre que possível. Em certos casos, há conveniência de descentralizar parte dos meios para assegurar um apoio mais cerrado.

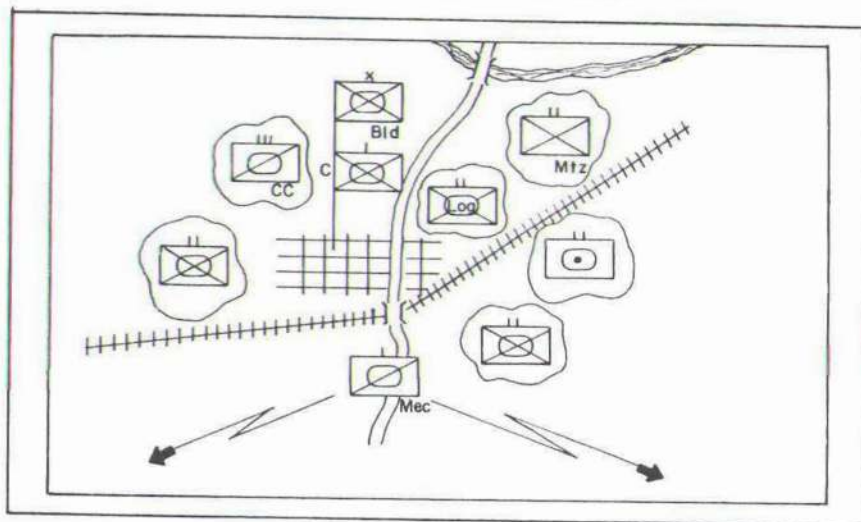


Fig 4-1. GU em zona de reunião

CAPÍTULO 5

ÁREA DE APOIO LOGÍSTICO

ARTIGO I

DESDOBRAMENTO

5-1. DESDOBRAMENTO DO BATALHÃO

a. O reconhecimento, escolha e ocupação da A Ap Log compreende um conjunto de ações que têm por finalidade permitir o desdobramento de um batalhão logístico no terreno, da forma mais eficiente possível, visando à adoção de um dispositivo adequado ao cumprimento de determinada missão logística.

b. O B Log é considerado **desdobrado** quando está com:

- (1) as instalações logísticas de apoio à GU e as de apoio ao próprio batalhão funcionando;
- (2) o comando, as comunicações e as ligações estabelecidas.

c. O **desdobramento** do batalhão é **total** (ou **amplo**), quando todas as instalações estão desembarcadas, dispostas no terreno e funcionando. O **desdobramento** é **parcial** quando a maioria das instalações está funcionando sobre rodas.

d. O Cmt do batalhão é o responsável pelo desdobramento de sua unidade. O desdobramento adequado exige uma série de requisitos, dentre os quais se destacam:

- (1) conhecimento dos planos da GU apoiada e das necessidades de apoio logístico;
- (2) a situação logística existente;
- (3) reconhecimentos contínuos e seleção adequada de itinerários ou EPS, áreas de desdobramento (A Ap Log), locais para instalações logísticas e de comando do escalão superior e outras imposições;
- (4) planejamento para a realização de mudanças de A Ap Log ou SA Ap Log, visando a atender à continuidade de apoio às missões futuras;

(5) medidas de segurança;

(6) planejamento para a ultrapassagem de outros elementos logísticos e para o recebimento de outros meios de apoio.

e. A responsabilidade pela determinação da localização da A Ap Log é do E4 da GU, com o assessoramento do Cmt B Log. A escolha do local exato é responsabilidade do Cmt do batalhão.

f. A ocupação da área compreende várias tarefas que são executadas simultânea ou sucessivamente. A execução dessas tarefas varia com a missão imposta e o tipo de B Log. Normalmente, a ocupação da Ap Log e o desdobramento compreendem as seguintes tarefas:

(1) trabalhos preparatórios para o reconhecimento e mudança de posição;

(2) execução do reconhecimento, no escalão unidade;

(3) apresentação dos relatórios ao comandante do batalhão;

(4) decisão do comandante do batalhão;

(5) reconhecimento das companhias e elementos em reforço ou sob controle operacional;

(6) ocupação da área e desdobramento do batalhão.

5-2. FATORES PARA LOCALIZAÇÃO DE A Ap Log (SA Ap Log)

Durante os trabalhos de escolha de uma área para o desdobramento, alguns fatores são levados em consideração, a fim de que o batalhão tenha as melhores condições para o cumprimento de sua missão. Assim, a área ideal deve se harmonizar com a **manobra** planejada pela GU, aproveitar ao máximo as características do **terreno**, permitir medidas adequadas à **segurança do fluxo e das instalações e outros fatores** circunstanciais ou impositivos. A **situação logística** existente é outro fator que influi na escolha. Os aspectos mais importantes a serem considerados são os que se seguem.

a. Manobra

(1) Apoio cerrado aos elementos de primeiro escalão.

(2) Favorecer o esforço principal.

(3) Manter a continuidade do apoio.

(4) Distância de apoio (60 km por estrada).

(5) Não interferir na manobra tática da GU.

b. Terreno

(1) Rede rodoviária compatível para EPS.

(2) Aproveitamento de construções.

(3) Cobertas e abrigos.

(4) Inexistência de obstáculos no interior da A Ap Log e entre A Ap Log e a tropa apoiada.

(5) Existência de água e consistência do solo.

c. Segurança**(1) Do fluxo.**

- (a) Possibilidades do inimigo.
- (b) Pontos críticos (ou obstáculos).
- (c) Flancos expostos.

(2) Das instalações.

- (a) Possibilidade de dispersão.
- (b) Apoio mútuo.
- (c) Facilidade de defesa.
- (d) Proximidade de tropa amiga.

(e) Distância de segurança (nas operações ofensivas — 8 km da LC; nas operações defensivas — 10 km dos últimos núcleos de aprofundamento da GU; nos movimentos retrógrados — 10 km da posição de retardamento).

d. Situação logística

- (1) Localização das instalações do escalão superior.
- (2) Localização das instalações do escalão apoiado.
- (3) EPS (do Ex Cmp até AT ou ATE do elemento apoiado).
- (4) Situação das dotações.

e. Outros fatores

- (1) Sigilo da operação.
- (2) Atitude da população (amiga/inimiga).
- (3) Diretriz do comando superior.
- (4) Necessidade ou não de transporte para a retaguarda.

ARTIGO II**RECONHECIMENTO, ESCOLHA E OCUPAÇÃO****5-3. NECESSIDADES DE RECONHECIMENTO**

a. Os reconhecimentos devem ser contínuos, mesmo quando o batalhão estiver empenhado no apoio ao combate. Normalmente, um B Log empenhado no apoio à GU em operação tem alguns elementos destacados, executando reconhecimentos, buscando posições futuras para prosseguimento da missão.

b. Os B Log executam, com mais freqüência, os reconhecimentos de itinerários (EPS) e de áreas para o desdobramento do apoio logístico (A Ap Log).

c. Reconhecimentos de itinerários**(1) São realizados bem à frente, com as seguintes finalidades:**

(a) estudar a rede de estradas para selecionar o melhor itinerário a ser utilizado, as estradas que permitam roçadas e o dobramento da coluna e as áreas para manobra de viaturas;

(b) verificar o estado e a capacidade das estradas e obras de arte;

(c) localização e, se possível, remoção de obstáculos, particularmente campos minados levantados;

(d) prever medidas de segurança e controle do movimento;

(e) escolher locais para altos, zonas de reunião e estacionamentos;

(f) prever o balizamento dos itinerários.

(2) Em geral são escolhidos dois itinerários por equipe, para que reconheçam um na ida e outro na volta.

(3) O emprego dos observadores aéreos no reconhecimento de itinerário é importante, pois possibilita colher dados gerais com rapidez, deixando os pormenores para os outros elementos de reconhecimento.

d. Reconhecimento de área — Visa a identificar a área de apoio logístico e os demais locais onde se desdobrarão os elementos do batalhão. Como o reconhecimento da A Ap Log está intimamente ligado à sua escolha e ocupação, o batalhão realiza sucessivamente o reconhecimento, a escolha e a ocupação da A Ap Log.

e. O objetivo principal do reconhecimento é possibilitar o deslocamento do batalhão de uma área de apoio logístico, de um estacionamento, de uma zona de reunião, ou de uma coluna de marcha, para uma posição da qual possa prestar o apoio logístico. O reconhecimento é contínuo, devendo ser planejado e organizado para execução no menor espaço de tempo, exigindo, por isso, alto grau de descentralização.

5-4. TRABALHOS PREPARATÓRIOS

a. Estudo de situação na carta — Tem por finalidade selecionar possíveis locais de A Ap Log, localizar a EPS, ou fazer um estudo preliminar da (s) área (s) já imposta (s) pelo escalão superior. Nessa ocasião fazem-se, também, os estudos quanto à provável localização das instalações logísticas no interior da (s) área (s), do PC, das instalações de comunicações, e levantamento das medidas de segurança necessárias.

b. Plano de reconhecimento — Após o estudo de situação na carta, o comandante dá a decisão preliminar, cujas ações decorrentes são consubstanciadas no **plano de reconhecimento**, que é elaborado pelo S2. Neste, ficam especificados a constituição dos escalões de reconhecimento, as missões aos elementos subordinados, a hora e local para apresentação dos relatórios, a hora e local em que deve estar pronto o segundo escalão de reconhecimento, bem como medidas administrativas necessárias.

c. Organização do reconhecimento — O reconhecimento do batalhão é, normalmente, dividido em escalões, sendo que o primeiro escalão acompanha o comandante e é constituído dos elementos necessários à execução dos trabalhos, no nível unidade. O segundo compreende os elementos das companhias que completam o reconhecimento do terreno e iniciam os reconhecimentos de comunicações e de segurança.

d. Constituição dos escalões de reconhecimento

(1) Cada batalhão deve ter NGA regulando a execução de seus reconhecimentos.

(2) A constituição dos escalões de reconhecimento pode ser muito variada. Cabe ao Cmt do batalhão fixá-la, considerando todos os fatores que afetam a situação. Uma constituição que pode ser adotada é a seguinte:

ESCALÃO	CONSTITUIÇÃO		TRANSPORTE
PRIMEIRO	— Comandante e S3		Vtr 1/4 t
	— S 4 e Cmt Cia C Sv		Vtr 1/4 t
	— S 2 e S1		Vtr 1/4 t
	— Oficial de Comunicações e o médico do batalhão		Vtr TE Rádio de 1t
SEGUNDO	Btl	— S3	Vtr 1/4 t
	Cia C Sv	— Cmt Cia C Sv	Vtr 1/4 t
		— Cmt Pel Adm	Vtr 1/4 t
	Cia MB	— Guias	Vtr 3/4 t
		— Cmt Cia MB	Vtr 1/4 t
		— Cmt Pel P Mnt	Vtr 1/4 t
	Cia Int	— Guias	Vtr 3/4 t
		— Cmt Cia Int	Vtr 1/4 t
		— Cmt Pel Sup	Vtr 1/4 t
	Cia S	— Guias	Vtr 3/4 t
		— Cmt Cia S	Vtr 1/4 t
		— Cmt Pel Trg	Vtr 1/4 t
	Cia Adm	— Guias	Vtr 3/4 t
		— Cmt Cia Adm	Vtr 1/4 t
		— Cmt Sec Cmdo (ou Sec Aj G)	Vtr 1/4 t
	Outros Elm	— 1 (um) oficial representante — Guias	Vtr orgânicas do elm (em Ref ou Ct Op)

(3) Em caso de trabalhos simultâneos de reconhecimento de área e subárea de apoio logístico, os escalões destinados ao reconhecimento da SA Ap Log são formados pelo fracionamento do EM do B Log, sendo os mesmos orientados pelo S Cmt B Log. Nesse caso, o S2 e o S1, que acompanham o S Cmt, acumulam respectivamente, as funções do S3 e do S4. Da mesma forma, o S3 acumula as funções do S2 e o S4 acumula as funções do S1 na escolha da A Ap Log. Os demais elementos enviam um representante de cada atividade (logística ou de comando) que deve desdobrar-se na subárea. Os S Cmt de Cia, em princípio, não devem se deslocar para os reconhecimentos, a fim de darem continuidade a missão de apoio da subunidade na A Ap Log anterior. Uma constituição de escalões de reconhecimento para subárea, pode ser a seguinte:

ESCALÃO	CONSTITUIÇÃO	TRANSPORTE
PRIMEIRO	— S Cmt B Log e S2	Vtr 1/4 t
	— S1 e o S Cmt Pel Adm	Vtr 1/4 t
	— Dentista do B Log — Sgt Aux Com	Vtr 1/4 t
SEGUNDO	— Cmt Seções (do Pel Trg, do Pel Sup, do Pel P Mnt e da Cia Adm) — Sgt Controlador de Suprimento — Guias	Vtr 3/4 t ou 2 1/2 t conforme o efetivo do escalão

5-5. EXECUÇÃO DO RECONHECIMENTO

a. No terreno, cada elemento designado pelo comandante procede um reconhecimento minucioso, levando em consideração as condições necessárias à ocupação da A Ap Log pelos diferentes órgãos do batalhão. Normalmente, os integrantes do 1º escalão de reconhecimento, obedecendo às prioridades impostas no plano de reconhecimento, executam as tarefas que se seguem.

(1) Comandante e S3.

(a) Reconhecem a (s) área (s) selecionada (s) para o desdobramento do batalhão.

(b) Dividem a área escolhida pelas subunidades (inclusive Cia Adm) e pelos elementos logísticos em reforço.

(c) Selecionam o (s) acesso (s) à área, assessorados pelo S2.

(d) Escolhem o (s) P Lib.

(e) Assessoram os elementos de reconhecimento do Cmdo da GU (EM), quando o PCR localizar-se na A Ap Log.

(2) S2.

(a) Reconhece a (s) área (s) com vistas à segurança.

(b) Quando o B Log tiver uma subárea de SEGAR sob sua responsabilidade, o S2 faz, ainda, o reconhecimento dessa subárea e inicia o planejamento das operações de DEFAR, de acordo com as diretrizes do Cmdo da GU.

(c) Após a decisão do comandante, apresenta uma proposta para o emprego dos elementos de segurança, quer orgânicos, quer em reforço.

(3) S1, S4 e Cmt Cia C Sv.

(a) Reconhecem, escolhem e propõem a localização da companhia, inclusive a localização do PC e da AT do B Log.

(b) Auxiliam o S2 na confecção do plano de defesa da A Ap Log e do PC do B Log.

(4) Oficial de comunicações.

(a) Reconhece, juntamente com o Cmt Cia C Sv, as áreas selecionadas para a instalação do PC do B Log.

(b) Verifica a viabilidade de execução do plano de comunicações previamente preparado.

(c) Após a decisão do comandante, designa a (s) equipe (s) responsável (eis) pelo estabelecimento das ligações (inclusive do sistema de segurança), dando ciência aos Cmt de subunidades, posteriormente.

(5) Oficial médico.

(a) Reconhece a (s) área (s) e faz sugestões quanto à localização das cozinhas, sanitários, P Ban e P Lav.

(b) Reconhece as prováveis regiões de desdobramento do PS do B Log e sugere a sua localização.

b. A apresentação dos relatórios de reconhecimento deve ser feita em local próximo e de fácil ligação com as regiões reconhecidas; de fácil acesso e identificação; que ofereça segurança e proporcione dispersão para as viaturas. Este local é previsto no plano de reconhecimento.

5-6. ESCOLHA DA ÁREA

a. **Decisão do Cmt B Log** — Em face dos relatórios apresentados, o comandante decide, aprovando ou modificando sua decisão preliminar, quanto às áreas a ocupar, à segurança, às comunicações, aos itinerários, aos PC, etc. Essa decisão é tomada no local onde os relatórios forem apresentados, sendo baixadas as diretrizes referentes à mudança da A Ap Log, nas quais deverão constar entre outras, medidas quanto aos escalões para a mudança de área, as prioridades de deslocamentos e as providências a serem tomadas junto aos escalões apoiados e apoiadores.

b. Reconhecimento das companhias

(1) Após a escolha da área pelo comandante, os elementos do primeiro escalão de reconhecimento são liberados, engajando-se na execução das respectivas missões. Com a decisão do comandante, a área de apoio logístico é distribuída entre as companhias, sendo, também, indicada a área do PC do batalhão.

(2) O reconhecimento minucioso das subunidades tem início a partir

deste momento e, paralelamente, todos os elementos do segundo escalão realizam o reconhecimento pormenorizado do local a ser ocupado pelos seus órgãos integrantes, escolhendo as áreas mais favoráveis e os melhores acessos. É dado início à execução dos planos de comunicações, de segurança da A Ap Log e de DEFAR.

5-7. OCUPAÇÃO DA ÁREA

a. Baseado na decisão e nas diretrizes do Cmt do batalhão, o S3 elabora o plano para a mudança de área, e o apresenta ao comandante.

b. O Cmt Pel Adm, atuando como auxiliar do S3, elabora o quadro de movimento, regulando o deslocamento do batalhão para a ocupação da nova A Ap Log.

c. De acordo com esse quadro, o batalhão, menos os elementos que devam permanecer na antiga A Ap Log prestando apoio (P Trg com os feridos ainda não evacuados e elementos de manutenção em término de serviços), sob a responsabilidade do subcomandante, desloca-se até o P Lib, ponto a partir do qual as subunidades, orientadas pelos seus guias, seguem até às suas respectivas áreas de desdobramento.

d. No caso de abertura simultânea de A Ap Log e SA Ap Log, situação em que o S Cmt também está empenhado nos reconhecimentos, cabe ao Cmt do batalhão designar um oficial do seu EM para planejar e coordenar os deslocamentos para a subárea. De preferência, esta situação deve constar nas NGA.

e. Desdobramento-tipo da Cia C Sv do B Log e do PCR da GU – Ver Fig 5-1 e 5-2.

ARTIGO III

MUDANÇA DE ÁREA

5-8. PLANEJAMENTO

a. Em geral, a mudança da área de apoio logístico durante o combate é necessária nas operações de movimento, tais como a marcha para o combate, o aproveitamento do êxito, perseguição e nos movimentos retrógrados. Torna-se, assim, essencial um planejamento pormenorizado antes das operações.

b. Tendo em vista as grandes distâncias a percorrer, devido ao alongamento da (s) EPS no decorrer das ações e a necessidade de manter a continuidade do apoio logístico, o tempo passa a ser o fator primordial, em favor do qual outros requisitos devem ser colocados em segundo plano.

c. O planejamento da mudança de A Ap Log (SA Ap Log) deve ser de tal forma que permita manter a continuidade do apoio por ocasião da ocupação de uma nova área. Deve ser evitada a interrupção das atividades das instalações logísticas.

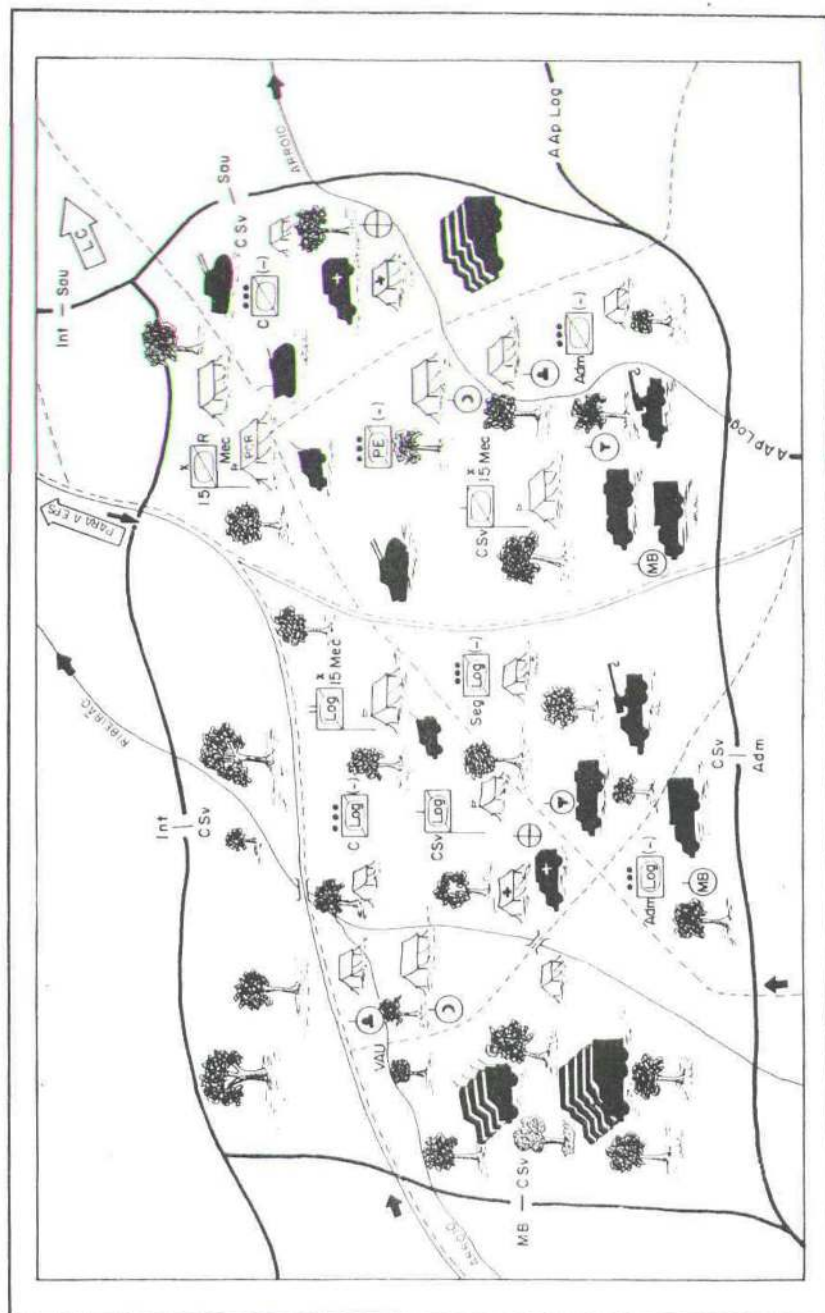


Fig 5-1. Desdobramento tipo da Cia C Sv do B Log e do PCR/GU, no interior da A Ap Log

Fig 5-2. Desdobramento tipo da Cia C Sv do B Log

d. Antes do início da operação é realizado um planejamento, o mais minucioso possível, sobre as prováveis áreas onde o batalhão poderá se desdobrar, substanciado num calco sobre a carta utilizada na operação.

e. Baseado neste plano de desdobramento, os elementos de reconhecimento são lançados à frente.

f. A execução do reconhecimento é sumária e os relatos são enviados por mensagens, de preferência via rádio. As informações necessárias, como pontos críticos e o estado das rodovias podem constar das outras necessidades de informações (ONI) do comando da GU, por sugestão do Cmt B Log. Os reconhecimentos devem ser intensificados, quando a distância de apoio se aproximar do máximo admissível, com vistas a uma mudança de área.

g. Quando o deslocamento é para a frente, o comandante do batalhão executa o reconhecimento e a identificação do local exato da nova A Ap Log. Quando o movimento é para a retaguarda, o subcomandante pode executar o reconhecimento e a identificação da área, enquanto o comandante permanece com sua unidade em posição, ou no local em que a situação for mais crítica.

h. Os elementos de transporte da GU (orgânicos das unidades ou da própria Cia Int do B Log), o pessoal de comunicações e os observadores aéreos são elementos que podem prestar informações sobre os itinerários (EPS) que conduzem à frente ou à retaguarda.

5-9. PLANO DE DESDOBRAMENTO DO BATALHÃO

a. **Preparo** — O plano é preparado pelo S3, após a decisão para o emprego do batalhão. São premissas fundamentais para o seu preparo:

- (1) manobra tática da GU;
- (2) manobra logística da GU;
- (3) situação logística do escalão superior;
- (4) simplicidade;
- (5) possibilidade de redução dos tempos normais para reconhecimento e ocupação da área de apoio;
- (6) continuidade do apoio.

b. O plano de desdobramento do B Log é um documento gráfico, feito em calco sobre a carta utilizada na operação. Deve conter, além do cabeçalho e fecho (semelhantes aos de um calco de operações) o seguinte:

- (1) medidas de coordenação e controle (limites da Z Aç da GU, regiões de destino, eixos de progressão, linhas e pontos de controle impostos pela GU ou determinados pelo Cmt B Log);
- (2) as sucessivas regiões de provável localização das AT e ATE das unidades da GU;

(3) as regiões de desdobramento impostas pelo escalão superior ou sugeridas pelo Cmt B Log e a sua repartição pelas subunidades;

(4) a EPS e os pontos críticos do terreno.

c. As prováveis áreas de desdobramento, que constam do plano, servem para orientar os reconhecimentos. Caso uma posição prevista seja inadequada, o elemento encarregado de reconhecê-la escolhe outra nas suas proximidades; a posição escolhida é comunicada ao comandante do batalhão, logo que possível.

d. **Códigos** — Para maior facilidade das comunicações, durante as operações de movimento, e para simplificar as mensagens e assegurar o sigilo, deve ser estabelecido um código para referenciar os pontos críticos, áreas de desdobramento e outros pontos característicos de interesse do comando. Tal código pode, inclusive, ser previsto nas IE Com do batalhão.

e. O plano de desdobramento é distribuído na forma de um calco, como anexo à ordem de operações.

5-10. DESENVOLVIMENTO DAS OPERAÇÕES DE MUDANÇA DE ÁREA

a. As mudanças de área são impostas pelo esquema de manobra da GU. O batalhão muda de área por ordem do comando da GU ou por sua iniciativa, quando autorizado.

b. Sempre que for possível, o batalhão ocupa uma A Ap Log na segunda metade da noite, sendo o reconhecimento e preparo da área feitos durante as horas de luz.

c. Quando a mudança de área se tornar necessária, o comandante coordena o deslocamento com as ações da tropa apoiada, informando aos escalões superiores e apoiados a hora do início do movimento, tempo de duração do mesmo, hora de fechamento das instalações na área inicial, local e hora de abertura da nova A Ap Log.

d. O batalhão, quando possível, deve mudar de área como um todo para maior facilidade de coordenação e de controle, particularmente se o movimento se realizar à noite.

e. Quando o batalhão tiver que se deslocar por subunidades ou por escalões (parte dos elementos permanecem em apoio na antiga A Ap Log), torna-se imprescindível uma coordenação adequada entre o comandante e o subcomandante. O Cmt desloca-se para a área avançada a fim de supervisionar sua ocupação. O S Cmt permanece com o segundo escalão, devendo orientar, dirigir e controlar a execução das atividades logísticas em andamento, bem como o seu deslocamento. Quando a nova A Ap Log entra em operações, o Cmt, usando um código preestabelecido, faz avançar o segundo escalão. O S Cmt fecha, então, a antiga A Ap Log. Não deve, portanto, haver interrupção no apoio.

f. Quando o batalhão se desloca como um todo, devem ficar na antiga área

alguns guias, com o fim de orientar para a nova área os elementos apoiados que se dirijam para as antigas instalações.

g. A escolha do processo de mudar a área e a decisão do comandante do batalhão, dependem das diretrizes e ordens recebidas, do esquema de manobra da tropa apoiada, da situação tática e logística existente, do terreno e das condições e atividades do inimigo.

h. Durante as mudanças de área devem ser mantidas as comunicações com os elementos apoiados e com o escalão logístico superior.

CAPÍTULO 6

OPERAÇÕES OFENSIVAS

ARTIGO I

MOVIMENTOS PREPARATÓRIOS

6-1. GENERALIDADES

a. Os movimentos preparatórios ou administrativos são os deslocamentos de unidades ou de suprimentos que precedem um movimento tático, quando não há probabilidade de contato com o inimigo regular terrestre. Neste tipo de movimento, as exigências quanto à segurança são aquelas relativas ao sigilo e à proteção contra a aviação e o guerrilheiro (tropa irregular). Deve-se evitar, portanto, o desgaste excessivo da tropa, prevalecendo o conforto e a rapidez dos movimentos.

b. As normas gerais de ação facilitam o cumprimento de muitas fases administrativas do movimento. O planejamento, a ordem para a execução e a conduta da marcha ficam sensivelmente facilitados pela adoção das normas gerais de ação. Estas normas são baixadas pela brigada ou pela divisão, mas devem ser pormenorizadas em todas as unidades.

c. Nos movimentos realizados no âmbito de uma GU, o B Log, usualmente, desloca-se como um todo (como um grupamento de marcha da GU), à exceção dos elementos necessários para apoiar as unidades durante o deslocamento.

d. Nos movimentos administrativos, pode tornar-se necessário lançar elementos do batalhão, precedendo a GU, a fim de estabelecerem postos de manutenção, postos de socorro em pontos críticos ao longo dos itinerários, bem como P Distr Cl III (móveis) nos locais previstos para os altos.

6-2. MOVIMENTOS EM RODOVIAS

a. Qualquer que seja o tipo de marcha, é fundamental que se elaborem pla-

nejamentos minuciosos, a fim de que se atinjam os objetivos colimados. Os planos devem ser completos, precisos e compatíveis com a tropa que os executa.

b. O B Log pode necessitar deslocar-se como uma unidade independente. Quando isto ocorrer, o comando do batalhão será o responsável pelo planejamento, execução e controle do movimento. A supervisão pormenorizada pelo EM do batalhão é necessária para assegurar a perfeita organização da coluna de marcha, de acordo com o planejamento.

c. Quando a decisão sobre o movimento tiver sido tomada, uma ordem preparatória deve ser expedida às companhias e aos elementos em reforço ou sob controle operacional, com o fim de permitir-lhes o máximo de tempo para os seus preparativos. Essa ordem conterá todas ou parte das informações essenciais: **quem, que, quando, para onde, como e para que** o movimento vai ser executado.

d. Um grupo de itinerário faz um reconhecimento pormenorizado do itinerário. Este grupo compõe-se de elementos da unidade e da tropa em reforço ou sob controle operacional. O grupo obtém informações minuciosas sobre o itinerário, determina o número de guardas e guias necessários e a quantidade de trabalho de sapa indispensável.

e. O comandante do batalhão dirige a organização da coluna e decide a ordem de marcha, a formação e a distância entre as subunidades. As viaturas são organizadas em unidades de marcha para fins de controle, de acordo com a missão do batalhão e a previsão do futuro emprego das companhias.

f. A ordem de marcha fixa o itinerário, o local de destino, o horário, a velocidade, a formação, os intervalos de tempo, a organização da coluna e outros pormenores de marcha que não estejam previstos nas NGA, calcos e quadros de movimento.

g. Para maiores minudências a respeito de movimentos em rodovias, ver o Manual de Campanha C 25-10 — TRANSPORTES MOTORIZADOS.

ARTIGO II

MARCHA PARA O COMBATE

6-3. CONSIDERAÇÕES DOUTRINÁRIAS

a. A marcha para o combate é uma operação ofensiva que visa a estabelecer o contato com o inimigo ou a restabelecê-lo, quando perdido. Sua finalidade é buscar o completo esclarecimento da situação, o mais cedo possível, para obter uma vantagem antes do combate decisivo. O movimento é realizado, normalmente, em uma larga frente. Pode tomar uma das formas que se seguem.

(1) Marcha administrativa — Quando não há possibilidade de interferência do inimigo regular, além da aérea, durante o percurso ou logo após a chegada ao destino.

(2) Marcha tática — Quando o contato com o inimigo terrestre é possível durante o percurso ou logo após a chegada ao destino.

(3) Marcha de aproximação — Quando a ação do inimigo ou a iminência de sua ação, obriga a força a desdobrar-se e desenvolver-se no terreno, abandonando o deslocamento pelas estradas.

b. São características táticas da marcha para o combate: a incerteza sobre o desenvolvimento das operações, a centralização do planejamento e a descentralização das ações, a atuação em largas frentes e em grandes profundidades, a evolução rápida da situação.

c. Pormenores sobre os aspectos doutrinários da marcha para o combate são encontrados nos manuais específicos da brigada e da divisão de exército.

6-4. APOIO LOGÍSTICO NA MARCHA PARA O COMBATE

a. A missão do B Log, neste tipo de operações, é prestar apoio logístico imediato e contínuo à força, não permitindo que esta se atrase por falta de apoio ou se lance sobre o inimigo sem contar com esse apoio.

b. A marcha para o combate é normalmente caracterizada por um alto consumo de suprimento CI III, aumento das necessidades de manutenção de veículos, reduzido consumo de munição e pequeno número de baixas.

c. O apoio logístico é dificultado pela natureza dispersa da operação, pela rapidez do movimento para a frente e pelas variações apresentadas pelo terreno e pelo inimigo.

d. As características táticas da marcha para o combate recomendam, de imediato, o apoio a todos os grupamentos de forças e a descentralização inicial dos meios.

e. A velocidade da operação e o alto consumo de suprimento CI III exigem cuidadoso planejamento. O apoio logístico deve ser suficiente para capacitar a GU a deslocar-se sem perda de tempo e ininterruptamente. O reforço de meios de apoio logístico pode ser solicitado aos escalões superiores, quando for necessário.

f. De particular significação para o apoio logístico, é a necessidade de controle de trânsito nos itinerários de marcha. Tal controle pode conflitar com as necessidades das unidades de combate, dos elementos de engenharia e da própria polícia do exército. Cabe ao Cmt B Log assegurar-se quanto às suas prioridades na utilização dos itinerários, atuando junto ao comando da GU.

g. O emprego do batalhão é função da manobra prevista pela GU e deve ser decorrente de um estudo de situação minucioso, onde todos os aspectos do apoio são considerados, para possibilitar ao batalhão realizar suas ações com precisão.

6-5. PLANO DE APOIO LOGÍSTICO

a. Precedendo a operação, deve ser realizado um planejamento minucioso,

tendo em vista, particularmente, a coordenação e o controle dos deslocamentos para que a ação seja desencadeada com segurança e com grande possibilidade de êxito.

b. O comandante inicia o estudo de situação tão logo tome conhecimento de sua missão. Após cooperar com o comando da GU, opinando sobre a linha de ação que pode receber melhor apoio logístico, prossegue em seu estudo, concluindo com uma proposta de emprego do batalhão, para a decisão do comandante da GU.

c. Após essa decisão, o Cmt prepara o plano de emprego do batalhão, para distribuição imediata aos elementos interessados.

d. No decorrer do movimento, esse estudo é constantemente atualizado, conduzindo a adaptações no plano de emprego e ao recebimento de novos dados, meios ou informações.

6-6. CONDICIONANTES LOGÍSTICAS

a. Como decorrência das características próprias das marchas, as necessidades logísticas de suprir, transportar, manter e evacuar (pessoal e material), apresentam aspectos que condicionam o planejamento do apoio logístico.

b. Suprimento

(1) Sup Cl I — No consumo diário tem preponderância a ração de combate, tendo em vista as condições de movimento e segurança, e a facilidade de preparação (pode, inclusive, ser consumida fria). Sempre que a situação permitir, deve ser servida a ração normal de campanha, pelo menos para uma das refeições (normalmente o jantar).

(2) Sup Cl III — O reabastecimento das viaturas pode ser realizado durante os altos, em final de jornada ou na região de destino. O suprimento para atender a outros consumos, normalmente, é realizado em final de jornada. A reserva orgânica deve estar completa antes da transposição da linha de provável encontro (LPE).

(3) Sup Cl V (munições) — O ressuprimento é realizado em função do consumo, para atender à defesa antiaérea e à defesa contra ações de guerrilheiros e elementos infiltrados. O consumo deve ser pequeno, podendo ser organizado comboio no âmbito da GU, para facilitar o controle do trânsito.

(4) Demais classes — Pouco consumo, sendo o repletamento realizado no final de jornada ou na região de destino.

c. Transporte — O movimento motorizado é realizado com as viaturas orgânicas de cada unidade da GU. A necessidade de reforço de viaturas para o transporte de pessoal ou para a realização de processo especial de suprimento, é atendida pelo escalão superior. Deve haver um estreito e cerrado contato com os elementos de controle e circulação do trânsito, tendo em vista a prestação do apoio logístico.

d. Manutenção

(1) O apoio de manutenção caracteriza-se por uma acentuada redução nos trabalhos em oficina. Há ênfase na manutenção, no local e no serviço de manuten-

ção de emergência ao longo dos eixos de progressão a fim de desimpedí-los. O material reparado deve ser evacuado (no sentido do movimento), ou deixado para os elementos mais à retaguarda que realizam os trabalhos mais complexos e demorados.

(2) A Cia MB descentraliza, normalmente, os seus elementos do Pel L Mnt, a fim de prestar o apoio de manutenção durante toda a marcha. Uma Sec L Mnt pode acompanhar cada unidade de combate ou de apoio ao combate e, em princípio, se desloca com os trens da unidade apoiada.

(3) A evacuação do material que exceder às possibilidades da Cia MB, deverá ser solicitada aos elementos de manutenção do escalão superior.

e. Saúde

(1) Na marcha para o combate não há previsão de elevado número de baixas. Deve haver postos de recolhimento de indisponíveis de marcha (PRIM) ao longo dos eixos de progressão, para onde são evacuadas as baixas das unidades. Esses postos devem possibilitar a evacuação aeromóvel, que será largamente empregada, caso haja disponibilidade de meios.

(2) A descentralização dos meios de saúde será a mínima compatível com as necessidades. As ambulâncias, em princípio, são centralizadas na Cia S; frequentemente, porém, algumas são atribuídas em reforço às unidades mais carentes de meios de evacuação de pessoal. Normalmente, o Pel Trg opera apenas um dispensário. Raramente o reforço de elemento de triagem é necessário às unidades da GU. Os meios são desdobrados na medida em que o inimigo, oferecendo maior resistência, cause baixas em maior número.

6-7. ORGANIZAÇÃO PARA O APOIO AO COMBATE

a. No estudo de situação realizado antes do início da marcha, o comandante visando a prestar o apoio logístico a todos os elementos de manobra, organiza o batalhão estabelecendo as suas diretrizes sobre o modo de prestação do apoio. São fatores básicos para a organização:

- (1) possibilidade da rede rodoviária;
- (2) largura da zona de ação;
- (3) afastamento entre os eixos;
- (4) segurança para a manutenção do fluxo de suprimento;
- (5) dispositivo e efetivo previstos para a realização da marcha.

b. A centralização dos meios do batalhão em uma única A Ap Log é um fator de eficiência e uma preocupação constante do seu comandante.

c. Com freqüência, nesse tipo de operações, o batalhão necessita descentralizar os seus meios, de modo a proporcionar apoio cerrado aos elementos de manobra da GU, mesmo perdendo as vantagens da centralização.

d. A utilização de mais de um eixo para o deslocamento da GU acarreta uma descentralização maior dos meios, particularmente dos de manutenção, evacuação de material e de saúde.

e. Sempre que possível, o comandante deve evitar que a situação obrigue a abertura de SA Ap Log, sendo preferível mudanças mais frequentes da área de apoio.

6-8. APOIO NOS DIVERSOS TIPOS DE CONTATO

a. Durante a marcha para o combate o batalhão deve estar em condições de apoiar a GU nos três tipos de contato: **remoto, pouco provável e iminente**.

b. Cada um dos tipos de contato acarreta reflexos para o apoio e deve ser analisado criteriosamente pelo comandante.

c. Contato remoto – Coluna de marcha

(1) Nestas condições prevalecem as considerações de ordem administrativa e as formações táticas não são usadas. O movimento é contínuo, como nas marchas administrativas.

(2) São distribuídas rações operacionais para a refeição do almoço, e há preferência pelas refeições quentes no jantar e desjejum; tais rações são distribuídas antecipadamente e transportadas nas viaturas orgânicas das unidades e subunidades. O Sup Cl III é distribuído nos grandes altos. Os suprimentos das demais classes são, normalmente, distribuídos em final de jornada.

(3) A manutenção do material também é realizada nos grandes altos ou em final de jornada, conforme a natureza dos trabalhos.

(4) A descentralização do deslocamento por vários itinerários acarreta a descentralização dos meios do B Log, particularmente dos elementos leves de manutenção.

d. Contato pouco provável – Coluna tática

(1) Nestas condições, as unidades são preparadas para entrar prontamente em combate e o movimento é feito com as unidades grupadas taticamente, de região de destino a região de destino.

(2) As unidades transportam suprimentos suficientes para atingir as suas regiões de destino, antes que novos suprimentos sejam necessários. Se há previsão de movimento de grande duração em coluna tática, o escalão superior pode apoiar a GU com viaturas de suprimento (reserva móvel) que seguem com o B Log ou, então, fixa locais de encontro para os comboios especiais de suprimento.

(3) O dispositivo das unidades durante os movimentos em coluna tática, depende da rede de estradas e da missão atribuída às unidades. Normalmente, os trens acompanham o grosso durante o movimento e as viaturas não essenciais, de imediato, ao combate, são postas na retaguarda das colunas onde devem estar aptas a fornecer o apoio, sem interferir no movimento dos elementos táticos.

(4) À semelhança do contato remoto, o batalhão presta o apoio logístico, em princípio, nos altos, nas regiões de destino ou em final de missão, e a descentralização dos meios dependerá da manobra da GU. Em princípio, a descentralização dos meios do B Log será maior do que na fase anterior.

e. **Contato iminente — Marcha de aproximação**

(1) Nestas condições prevalecem as considerações de ordem tática visando à segurança da tropa. As unidades de combate se desenvolvem e desdobram para o combate.

(2) O suprimento é realizado antes do início da marcha de aproximação. São distribuídas as rações, a gasolina e a munição necessárias ao início do combate. A manutenção é realizada com vistas a aumentar a disponibilidade em armamento e viaturas.

(3) Os trens de estacionamento das unidades deslocam-se por lanços à retaguarda dos elementos táticos em condições de iniciar prontamente as funções normais de apoio exigidas pelas operações. O B Log, dependendo do alongamento da distância de apoio, deve cerrar sobre a tropa apoiada, procurando a centralização dos meios.

6.9. DESLOCAMENTO E DESDOBRAMENTO

a. Durante a marcha para o combate é normal o desdobramento do batalhão em sucessivas regiões sobre o eixo de marcha. Para a localização das áreas de apoio, além dos fatores já conhecidos (manobra, terreno, inimigo e situação logística) devem ser considerados, no planejamento, as linhas de provável encontro, as linhas de controle, os objetivos e as regiões de destino, estabelecidos para a operação.

b. Sempre que possível, o batalhão deve prestar o Ap Log, de uma só região, até o final da operação. Não sendo viável, deve realizar o menor número de lanços possíveis.

c. A preocupação de prestar um apoio cerrado ou as possibilidades do inimigo terrestre, podem exigir, no entanto, freqüentes deslocamentos dos elementos de apoio, bem como a possibilidade de desdobramento de uma A Ap Log em quase todas as posições selecionadas. O comandante deve procurar, entretanto, evitar o desdobramento prematuro do batalhão, mantendo-o sobre rodas, em condições de rápido desdobramento, se a situação o exigir.

d. **Quanto ao desdobramento do batalhão deve ser observado:**

(1) desdobramento dos meios à medida das necessidades, evitando-se o desdobramento prematuro que possa prejudicar o prosseguimento das operações;

(2) descentralização inicial tendendo para uma centralização progressiva;

(3) planejamento flexível, com desdobramento mínimo de meios, permitindo sempre a mudança de órgãos e instalações visando ao apoio rápido e eficiente às tropas em progressão.

e. O comandante deve manter estreita ligação com o Cmdo da GU, tendo em vista os problemas de segurança dos fluxos e das instalações do batalhão, criados devido ao alongamento progressivo das vias de transporte.

f. Como norma geral, para o desdobramento do batalhão deve-se procurar áreas afastadas dos flancos expostos e se possível, localizadas nas proximidades das

regiões de destino do segundo escalão da tropa que realiza a marcha.

g. A localização da área de apoio fica, no entanto, condicionada à distância mínima de segurança, com base na LPE, a salvo da artilharia leve do inimigo.

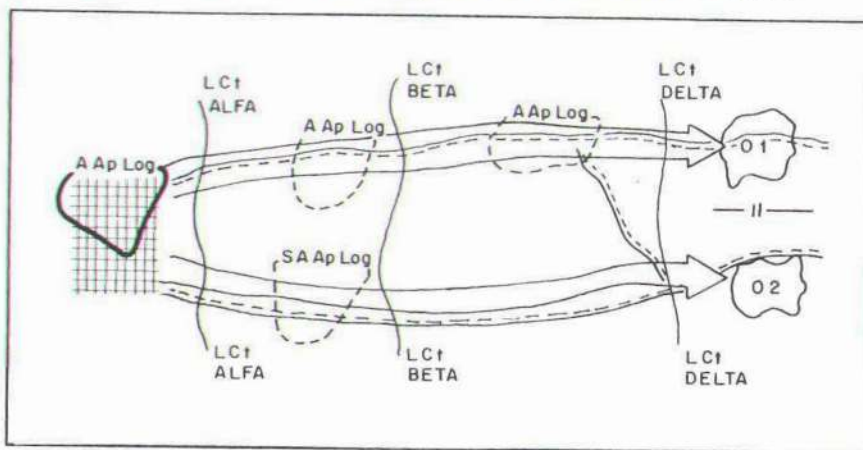


Fig 6-1. Apoio do B Log na marcha para o combate

ARTIGO III ATAQUE COORDENADO

6-10. CONSIDERAÇÕES DOUTRINÁRIAS

a. O ataque coordenado caracteriza-se pela combinação do fogo e do movimento, a fim de se obter a preponderância de poder de combate, que culminará em um poderoso e violento assalto ao objetivo decisivo.

b. Como os meios raramente são suficientes para equilibrar os elementos do ataque, o comandante distribui os meios disponíveis de tal forma que produzam os resultados mais eficazes. Isso exige a repartição dos meios para:

- (1) o ataque principal, ao qual se atribui a maior prioridade na distribuição dos meios;
- (2) um ou mais ataques secundários, que receberão meios adequados ao cumprimento de sua missão;
- (3) a reserva, mantidos em condições de serem empregados em ocasião e local decisivos.

c. Os conceitos doutrinários enunciados no item anterior conferem ao ataque as seguintes características táticas, consideradas as mais importantes sob o ponto de vista do apoio logístico:

- (1) situação mais ou menos definida, devido aos intensos reconhecimentos;

- (2) esforços coordenados no tempo e no espaço;
- (3) concentração máxima de meios na direção decisiva;
- (4) conquista de objetivos sucessivos, com progressão em profundidade.

d. Os manuais peculiares à divisão de exército e às brigadas abordam o emprego dos elementos de manobra na execução do ataque coordenado.

6-11. APOIO LOGÍSTICO NO ATAQUE COORDENADO

a. A missão do batalhão é proporcionar apoio logístico cerrado e contínuo a todos os elementos da GU.

b. O ataque é normalmente caracterizado por um grande consumo de Sup Cl III e V (munições), aumento das necessidades de manutenção e evacuação de material salvado e capturado, grande número de baixas e acentuado aumento nas necessidades de transporte de suprimentos.

c. A ação ofensiva exige a concentração do poder de combate em pontos e ocasiões decisivos, pela judiciosa aplicação do fogo e do movimento. A rapidez é essencial ao êxito e todo o esforço deve ser feito para manter a sua impulsão e agressividade. Para o apoio logístico, isto implica no equacionamento de diversos problemas ligados ao transporte, suprimento, manutenção e evacuação de pessoal e de material, condicionando:

- (1) necessidades mais bem definidas, uma vez que se pode deduzir as conseqüências sobre o desenrolar do ataque e fazer uma estimativa mais precisa das necessidades logísticas, facilitando o equacionamento do apoio;
- (2) centralização das atividades logísticas, tendo em vista a coordenação de esforços;
- (3) desdobramento amplo da unidade, com o máximo de apoio na direção decisiva;
- (4) conservação de meios disponíveis para o apoio em todas as fases do ataque.

6-12. PLANEJAMENTO PARA O APOIO AO ATAQUE

a. O planejamento para o emprego dos meios do batalhão é conduzido em fases, de acordo com o planejamento para as operações. Ele deve ser coordenado com o planejamento tático da GU considerada e deve, também, atender ao planejamento logístico do escalão superior.

b. É normal, num ataque, que elementos de apoio logístico do escalão superior se desloquem à frente, particularmente as instalações de Sup Cl V (munições), a fim de proporcionar um apoio mais cerrado.

c. Os planejamentos iniciais devem prever meios para apoiar as reservas táticas, quando empregadas.

d. O apoio logístico é ininterrupto, sendo prestado desde as zonas de reunião

e posições de ataque até a conquista dos objetivos finais. Nesta fase, os trabalhos têm que ser judiciosamente considerados de modo a serem realizados dentro de uma seqüência que atenda às prioridades estabelecidas pela manobra.

e. Na conduta de combate, a grande preocupação é o apoio oportuno e adequado aos elementos de primeiro escalão. Com a evolução do combate torna-se necessária atenta supervisão do comandante do batalhão a fim de recuperar elementos de tarefas ou encargos já concluídos, e que se tornem secundários, em face das novas necessidades de apoio logístico.

f. A conquista dos objetivos previstos em cada fase da manobra ou a modificação do dispositivo das peças de manobra na conduta do combate, importam na reorganização do apoio logístico ou no reajustamento do dispositivo.

g. Durante a fase da reorganização, os trens das unidades e os elementos de apoio logístico são deslocados para a frente. Realizam-se os recompletamentos e outras atividades de suprimento, manutenção e evacuação, tendo em vista a grande quantidade de materiais consumidos e equipamentos danificados, durante o ataque. Medidas para regular e facilitar esse apoio devem ser parte integrante do planejamento de emprego do batalhão logístico.

6-13. REFLEXOS NAS ATIVIDADES LOGÍSTICAS

a. As necessidades de rapidez para o ataque variam conforme a maior ou menor intensidade da ação projetada, exigindo afluxo constante de meios e implicando no transporte de toneladas elevadas de suprimentos, particularmente de CI V (munições) e CI III. A reunião dos recursos e a realização dos trabalhos indispensáveis ao desembocar do ataque exigem tempo e são condicionados pelas vias e meios de transporte, pessoal e equipamentos disponíveis.

b. Suprimento

(1) Sup CI I — Consumo diário normal, com preponderância das rações operacionais de combate e de emergência.

(2) Sup CI III — O ataque, sendo uma operação dinâmica, impõe a movimentação dos meios motorizados em larga escala. O consumo desta classe é bastante elevado, a fim de atender à montagem do ataque, ao ressuprimento, à evacuação e à manutenção.

(3) Sup CI V (munições) — O consumo é muito elevado, particularmente quando houver preparação. Neste caso, será normal a estocagem temporária da munição na unidade, para atender ao consumo imediato.

(4) Sup CI VI — Grande consumo, particularmente, de suprimentos específicos para os trabalhos de estradas e pontes.

(5) Sup CI VIII — Grande consumo, em face do aumento do número de baixas em menor espaço de tempo. Os elementos de saúde de todas as unidades obtêm a dotação máxima possível de material de saúde antes do início do ataque. A seção de comando da Cia S faz a distribuição, conforme as necessidades, no decorrer do combate, por meio do pelotão de triagem, mediante pedidos informais.

(6) Peças e conjuntos de reparação — Grande consumo, principalmente antes do ataque, a fim de aumentar as disponibilidades do material da GU. O suprimento é realizado por meio do sistema de troca direta.

c. Transporte — As grandes toneladas de suprimento a serem transportadas para a estocagem antes do desembocar e para a sustentação do ataque, a evacuação do material salvo e capturado, além de prazos muito exíguos, exigem a elaboração de um plano minucioso de emprego dos meios de transporte, bem como uma eficiente coordenação e fiscalização da circulação na área da GU. Caso necessário, o Cmt do batalhão solicita reforço em meios e pessoal, ao escalão superior.

d. Manutenção

(1) No ataque, cresce a importância do binômio manutenção-suprimento, tendo em vista o maior desgaste do material, a premência de tempo para os trabalhos e a necessidade de manter o material das unidades com a maior disponibilidade possível.

(2) Os elementos de manutenção de todas as unidades conjugarão o máximo dos seus esforços na realização dos trabalhos e no ressuprimento antes do ataque, visando, com a estreita ligação e integração dessas atividades, a uma maior possibilidade de apoio.

(3) Os elementos leves de manutenção destacados para atuar juntos aos elementos em primeiro escalão, deslocam-se por lanços à retaguarda dos mesmos, prestando o apoio em manutenção e realizando o ressuprimento mediante o sistema de troca direta. Para isto, aproveitam as paradas nos objetivos, as pausas do combate e os períodos de pouca visibilidade realizando, tanto quanto possível, a manutenção no local.

3. Saúde

(1) Uma vez que a missão principal do serviço de saúde é a de conservar os efetivos humanos mobilizados, a triagem e a evacuação são as mais importantes funções em todos os escalões táticos, devendo ser realizadas o mais à frente possível e segundo critérios do serviço de saúde, ou por imposição da situação tática. A recuperação das baixas é de alto valor para o recompletamento, já que o homem recuperado, normalmente, está treinado e possui experiência em combate.

(2) A previsão do número de baixas e a estimativa das áreas de maior densidade das mesmas, bem como a disponibilidade de meios de socorro e evacuação, são consideradas básicas no planejamento das atividades de saúde.

(3) As instalações de saúde, localizadas em áreas avançadas, dependem de uma pronta e contínua evacuação para os escalões de saúde mais à retaguarda, a fim de preservarem sua mobilidade.

(4) A evacuação pode ser dificultada pelo (a):

- (a) quantidade dos ferimentos de maior gravidade;
- (b) maior afluxo de baixas na mesma unidade de tempo;
- (c) necessidade de colocar em condições de evacuação todas as bai-

xas, no mais curto prazo.

f. Evacuação de material

(1) Uma alta percentagem de itens de suprimentos pode ser tornada disponível por meio de operações de manutenção. Os itens indisponíveis representam fonte importante de suprimentos. A evacuação do material indisponível deve ser controlada tão cuidadosamente quanto o fluxo de suprimento.

(2) Para a realização da coleta e evacuação do material salvo e capturado, a Cia MB instala e opera um posto de coleta de salvados. A estimativa de maior ou menor densidade do material a ser evacuado, as prioridades para artigos críticos, bem como as disponibilidades de meios de evacuação, devem ser levados em conta no planejamento. A evacuação de material será mais intensa, quanto maior for a mobilidade e a rapidez das operações.

6-14. ORGANIZAÇÃO DO APOIO NAS OPERAÇÕES DE ATAQUE

a. O B Log é organizado pelo seu comandante para prestar o apoio logístico, para cada operação. Essa organização resulta da decisão do comandante de como desdobrar e utilizar os meios disponíveis, a fim de atender às necessidades logísticas na zona de ação da GU. Ela deve assegurar, simultaneamente: economia de meios, eficiência do apoio logístico e controle adequado. Normalmente, isso é conseguido com a centralização dos meios numa única A Ap Log.

b. São fatores básicos na organização do batalhão para o apoio ao combate, entre outros:

- (1) esquema de manobra da GU;
- (2) dispositivo logístico da GU e do escalão superior;
- (3) efetivos previstos;
- (4) terreno, particularmente a rede rodoviária;
- (5) segurança;
- (6) apoio do escalão superior.

c. A GU pode receber reforços tais que, ao aumentarem o poder de combate da GU, ultrapassem as possibilidades de apoio logístico orgânico, causando deficiências críticas em equipamentos e suprimentos, que possam afetar desfavoravelmente suas operações de combate. Em tais casos, cabe ao comandante assessorar o Cmdo da GU, a fim de que seja obtido o reforço logístico correspondente do escalão superior. Normalmente, o reforço recebido traduz-se em maiores meios de manutenção, transporte e prioridades quanto à evacuação de baixas.

d. No ataque, o batalhão deve apoiar com prioridade as ações ligadas diretamente ao combate, atendendo, em particular, às necessidades de trabalhos que beneficiem os elementos em primeiro escalão.

e. Ataque frontal

(1) O ataque frontal incide sobre o inimigo ao longo de toda a sua frente. É empregado para sobrepujar e destruir um inimigo bem mais fraco, ou então

para fixar uma força inimiga em suas posições.

(2) Sendo o inimigo bem mais fraco, os problemas logísticos também serão de menor vulto. No entanto, as atividades de suprimento, manutenção, evacuação e transporte devem ser realizadas em toda a frente da zona de ação, obrigando o desdobramento e o emprego de todos os meios.

(3) As atividades de evacuação de material torna-se mais intensa, tendo em vista a previsão de captura de grandes quantidades de material inimigo. No caso de uma fixação, as atividades de manutenção do material da GU são aumentadas.

(4) Quanto à segurança, esse tipo de manobra proporciona maior segurança nos flancos e menor em profundidade. A localização da A Ap Log portanto, deve ser a mais cerrada à frente possível, não só para procurar a proximidade da tropa amiga, como para diminuir as distâncias de apoio.

(5) Os meios são empregados centralizadamente.

f. Penetração

(1) Na penetração, a força atacante passa através da principal posição defensiva do inimigo, rompendo-a e neutralizando ou destruindo as forças inimigas, a fim de quebrar a continuidade da defesa e facilitar as futuras operações ofensivas. O rompimento de uma posição bem organizada requer preponderância do poder de combate e impulsão continuada do ataque.

(2) De todas as formas de manobra ofensiva, a penetração é a que normalmente, produz o maior número de perdas tanto em pessoal como em material. As atividades de apoio logístico serão de grande vulto antes e no desembocar do ataque sendo, em parte, minimizadas pelo encurtamento das distâncias de apoio.

(3) A penetração obtendo sucesso evolui, rapidamente, para o aproveitamento do êxito e a perseguição, ressaltando a necessidade da mobilidade e de meios cerrados à frente, o máximo possível.

(4) Após o rompimento, as atividades logísticas diminuem de intensidade. Na previsão de captura de grande quantidade de material são organizados postos de coleta de salvados distintos para munições, material pesado e outros materiais.

(5) A segurança é proporcionada, em melhores condições, em profundidade, tendo em vista que é normal a manutenção de uma reserva forte nessa forma de manobra.

(6) Os meios deverão ser empregados com a máxima centralização possível.

g. Desbordamento

(1) O desbordamento é uma forma de manobra ofensiva, na qual o esforço principal passa em torno ou por cima (pelo ar) da principal força inimiga, dirigido contra objetivos à sua retaguarda que cortem seus itinerários de retraimento e a sujeite à destruição nas próprias posições. Ataques secundários fixam o inimigo em posição, durante a execução do ataque desbordante (ataque principal).

(2) Deve-se atentar para o fato de que o apoio logístico deve ser prestado tanto aos elementos de fixação como à força desbordante. As instalações logísticas devem estar, portanto, tão à frente quanto o permitam a segurança e o combate.

Nessa forma de manobra, a segurança é proporcionada tanto em profundidade como no flanco, não só pelos elementos do ataque secundário (fixação), como também pela reserva que deverá estar eixada na esteira do ataque principal.

(3) As atividades de suprimento e transporte tornam-se críticas, em particular, no que tange aos suprimentos CI III e CI V (munições), em face da mobilidade das operações. É normal a utilização de processos especiais de suprimento e o reforço de meios. Maior atenção deve ser dada ao fluxo de suprimento para a força desbordante, tendo em vista que ela entra pela posição do inimigo, criando problemas de proteção dos flancos.

(4) As baixas de pessoal decrescem, mas aumentam as dificuldades de evacuação, particularmente para a força desbordante, havendo necessidade de desdobramento dos elementos de saúde bem à frente, com escalonamento das ambulâncias em profundidade e a utilização da evacuação aeromédica. Para a força desbordante, particularmente, é intensa a evacuação de material.

(5) É normal a descentralização dos meios e o emprego sob a forma de reforço, sendo que o êxito do apoio depende muito do sistema de comunicações.

h. Envolvimento

(1) No envolvimento, que é uma variação do desbordamento, a força atacante passa em torno ou por cima (pelo ar) da principal resistência inimiga a fim de evitá-la, para conquistar objetivos profundos em sua retaguarda. Outra tropa fixa o inimigo para impedir sua interferência com a força envolvente. Ambos os grupamentos de força atuam além da distância de apoio mútuo. A brigada pode ser a força envolvente ou parte da mesma (lançada pelo escalão superior).

(2) Nessa forma de manobra, os problemas de manutenção e de suprimento são de grande vulto antes do início do ataque, uma vez que o êxito da missão, em grande parte, depende do material suportar uma operação altamente móvel e profunda.

(3) No desenrolar do ataque, como no desbordamento, normalmente o número de baixas não é muito elevado, mas o problema de evacuação torna-se grave e muito dependente de meios aéreos. Como as atividades são realizadas a longas distâncias, e de forma intensa, é normal o reforço de meios por parte do escalão superior, particularmente de transporte e evacuação (de pessoal e material).

(4) A segurança, em princípio, apresenta os mesmos problemas do desbordamento. Acresce, no presente caso, além da segurança nos flancos, a segurança de retaguarda, visto que a tropa penetra profundamente em terreno inimigo. Assim, a A Ap Log deve procurar cerrar sobre os elementos de manobra ou elementos de proteção (flancos e retaguarda). A insegurança das vias terrestres obriga que o suprimento e a evacuação sejam realizados por comboios alternativos, terrestres ou aéreos.

i. O bom êxito da missão de apoio logístico depende de um eficiente sistema de comunicações e de um permanente contato com os elementos de apoio do escalão superior.

6-15. DESDOBRAMENTO E SEGURANÇA

a. No ataque, o batalhão se desdobra o mais à frente possível, a fim de evitar o deslocamento da A Ap Log em curso de operações. Os elementos que apoiam as unidades devem estar organizados e receber os meios necessários, antes do início da operação.

b. Há necessidade de que a missão da GU, como um todo, seja analisada e seja compreendida a intenção do comandante na condução da manobra (conceito da operação) para, se for o caso, cerrar os elementos de apoio logístico logo após a conquista dos últimos objetivos impostos.

c. Fatores adversos, tais como insuficiência de prazos, insuficiência de meios, sigilo da operação, deficiência da rede rodoviária e segurança, podem desaconselhar, em determinado momento, a mudança da A Ap Log para uma região mais próxima da LC. Em consequência, o deslocamento, a localização e o desdobramento do batalhão devem levar em conta:

- (1) dispositivo cerrado à frente, evitando grandes deslocamentos;
- (2) desdobramento dos meios, com maior densidade na direção do ataque principal;
- (3) conservação dos elementos sobre rodas nas situações mais dinâmicas do ataque.

d. Em princípio, a segurança no ataque é dada pela própria natureza ofensiva, por manter o inimigo sob constante pressão. A proteção contra os ataques terrestres do inimigo pode ser necessária para os elementos de apoio logístico, quando nas áreas na retaguarda dos escalões de ataque ainda houver remanescentes das forças inimigas. Cabe ao comandante prescrever normas e planos para as ações a serem executadas no caso de um contra-ataque inimigo, levando em consideração os planos e normas do escalão superior.

e. O desdobramento dos elementos de apoio logístico deve procurar o flanco menos exposto na zona de ação da GU, e a proximidade de elementos de combate (reserva e elementos de proteção de flancos) mantendo uma distância de segurança mínima que coloque a A Ap Log a salvo da artilharia leve do inimigo.

ARTIGO IV

APROVEITAMENTO DO ÊXITO

6-16. CONSIDERAÇÕES TÁTICAS

a. O aproveitamento do êxito é a operação que visa a obter o máximo de sucesso, pela judiciosa exploração das vantagens iniciais conseguidas pelo ataque. Ocorre após um ataque bem sucedido, e pode exigir um avanço de vários quilômetros numa ampla frente.

b. As operações de aproveitamento do êxito podem ser conduzidas empregan-

do técnicas da marcha para o combate. A execução descentralizada é a sua característica. Uma vez iniciada a operação, a sua condução é contínua, dia e noite, sem levar em conta as condições meteorológicas, até a conquista do objetivo.

c. São formados dois grupamentos de força: uma **força de aproveitamento do êxito**, encarregada de manter a pressão constante sobre o inimigo e uma **força de acompanhamento e apoio**, destinada a reduzir os remanentes ultrapassados pela força de aproveitamento do êxito.

6-17. REFLEXOS PARA O APOIO LOGÍSTICO

a. No aproveitamento do êxito, o emprego do batalhão se reveste de aspectos semelhantes aos estabelecidos para a marcha para o combate. A força de aproveitamento do êxito, empenhada em ações de combate, não pode prescindir do apoio logístico.

b. Nessa fase da operação ofensiva, o comandante deve procurar recuperar o máximo de meios empenhados, a fim de obter a flexibilidade para atender às necessidades de apoio logístico decorrentes de uma rápida mudança de situação.

c. Os planos de apoio devem ser flexíveis e as atividades logísticas são conduzidas, normalmente, de modo descentralizado. O consumo de suprimento CI III é alto e, em consequência, a previsão para o ressuprimento é fundamental. O transporte de suprimento CI III e V (munições), particularmente, pode ser o fator limitativo na determinação da distância até onde a GU pode executar o aproveitamento do êxito.

d. Elementos do B Log, particularmente de manutenção e suprimento (em processos especiais de suprimento), podem acompanhar as forças-tarefa de valor batalhão. O suprimento pelo ar e a evacuação aeromédica devem ser considerados no planejamento.

e. A segurança das colunas terrestres de suprimento deve ser considerada, uma vez que elementos avançados podem estar operando à retaguarda das forças inimigas ultrapassadas.

ARTIGO V

RECONHECIMENTO E SEGURANÇA

6-18. APOIO ÀS OPERAÇÕES DE RECONHECIMENTO

a. Considerações táticas

(1) Reconhecimento é o esforço dirigido no campo de batalha para a obtenção de informes sobre o inimigo e sobre a região de operações ou outros aspectos de interesse, por meios terrestres e aéreos.

(2) A operação de reconhecimento dificilmente pode ser separada de uma operação de segurança; completam-se mutuamente. Um eficiente reconhecimento

aéreo e terrestre proporciona certo grau de segurança, enquanto uma força que executa a missão de segurança provê, também, informes sobre o inimigo e a região de operações.

(3) A situação do inimigo, o terreno, o tempo disponível e o valor da tropa a empregar determinam o tipo de reconhecimento a ser executado: de eixo, de área e de zona.

(4) O reconhecimento de eixo é aquele realizado a cavaleiro de um eixo com o fim de reconhecer as faixas de terreno que lhe são adjacentes e o inimigo, cuja localização, normalmente é conhecida. É o tipo que permite melhores condições de coordenação e controle do apoio logístico.

(5) O reconhecimento de área é aquele realizado para reconhecer o terreno em uma área específica em profundidade, nada se conhecendo sobre o terreno e o inimigo. Até atingir a área-objetivo a tropa de reconhecimento executa uma marcha de aproximação procurando não se engajar em combate. O apoio logístico é dificultado em face das distâncias de apoio e da precariedade das informações sobre as atividades do inimigo, crescendo a necessidade de segurança do fluxo e das instalações.

(6) O reconhecimento de zona é aquele realizado em uma faixa de terreno delimitada por acidentes nítidos, definindo responsabilidades. Normalmente, nada se sabe sobre o inimigo que pode surgir a qualquer momento e em qualquer lugar. Além das mesmas dificuldades existentes no apoio logístico a uma tropa que executa um reconhecimento de área, acrescem-se, ainda, no reconhecimento de zona, as dificuldades originadas pela grande largura da área de operações. Normalmente, o comandante do B Log é levado a descentralizar seus meios, particularmente os de manutenção, de evacuação de material e de saúde, podendo ainda adotar processos especiais de suprimento.

(7) Medidas de coordenação e controle:

- (a) limites da zona de ação;
- (b) eixos de progressão;
- (c) regiões de destino do 2º escalão;
- (d) linhas e pontos de controle;
- (e) pontos de ligação.

(8) Características da operação de reconhecimento:

- (a) planejamento centralizado e execução descentralizada;
- (b) execução rápida e agressiva, evitando, tanto quanto possível, a interrupção do movimento;
- (c) segurança compatível, durante o movimento;
- (d) ênfase na utilização da rede viária mais adequada;
- (e) máxima iniciativa dos comandos subordinados;
- (f) máximo acionamento dos órgãos de informações;
- (g) carência de informações sobre o inimigo.

b. Apoio logístico

(1) Em face das características da operação, surgem os reflexos que nor-

teiam o planejamento do batalhão para o apoio à GU:

- (a) grande consumo de combustíveis, óleos e lubrificantes;
- (b) necessidades de transporte a grandes distâncias;
- (c) prioridade de evacuação aeromédica;
- (d) necessidade de reforçar as unidades com meios de evacuação de pessoal;
- (e) evacuação de material dificultada pelo grande número de eixos e a extensão da área;
- (f) difícil manutenção em face da rapidez do movimento;
- (g) utilização de processos especiais de suprimento;
- (h) necessidade de instalação de mais um posto de triagem;
- (i) necessidade de desdobramento de subárea de apoio logístico;
- (j) desdobramento da maioria dos meios sobre rodas;
- (l) necessidade de medidas especiais de segurança;
- (m) descentralização dos meios.

(2) Tendo em vista a necessidade de cerrar o apoio, dificilmente a área de apoio logístico permanece por muito tempo desdobrada em uma só região. A oportunidade para as mudanças de área ocorre a cada ultrapassagem de linha de controle pelos elementos de primeiro escalão. A distância de segurança (8 km) deve ser considerada, a partir de cada linha de controle.

(3) O comandante do B Log, conquanto deva descentralizar seus meios, deve manter certa flexibilidade para apoiar a reserva que, nesse tipo de operação, constantemente é empregada para evitar o engajamento ou desengajar do combate as forças de reconhecimento.

6-19. APOIO ÀS OPERAÇÕES DE SEGURANÇA

a. Considerações táticas

(1) Em curso de operações ofensivas, dificilmente uma GU realiza segurança sem que, concomitantemente, esteja realizando reconhecimento. Assim, são válidas todas as considerações doutrinárias relativas às operações de reconhecimento.

(2) A brigada de cavalaria mecanizada é a GU mais apta a realizar operações de reconhecimento e segurança. Nessas operações ela pode se constituir em força de cobertura avançada, em força de cobertura de flanco ou em força de cobertura de retaguarda (Fig 6-2). Constituída em força de cobertura de flanco, a GU subdivide-se, particularmente, em elemento de cobertura avançada e em elemento de cobertura de flanco, com seus dois regimentos de cavalaria mecanizado. Essa forma de emprego é consequência das características da operação de segurança. Como força de cobertura avançada ou como força de cobertura de retaguarda, as características da operação, no caso, confundem-se com as características da operação de reconhecimento.

(3) Características da operação de segurança:

- (a) extensão variável da frente;

- (b) operação em duas frentes (cobertura de flanco);
 (c) envolve ações de ataque, defesa, ligação e reconhecimento, assimilando, portanto, as características dessas operações.

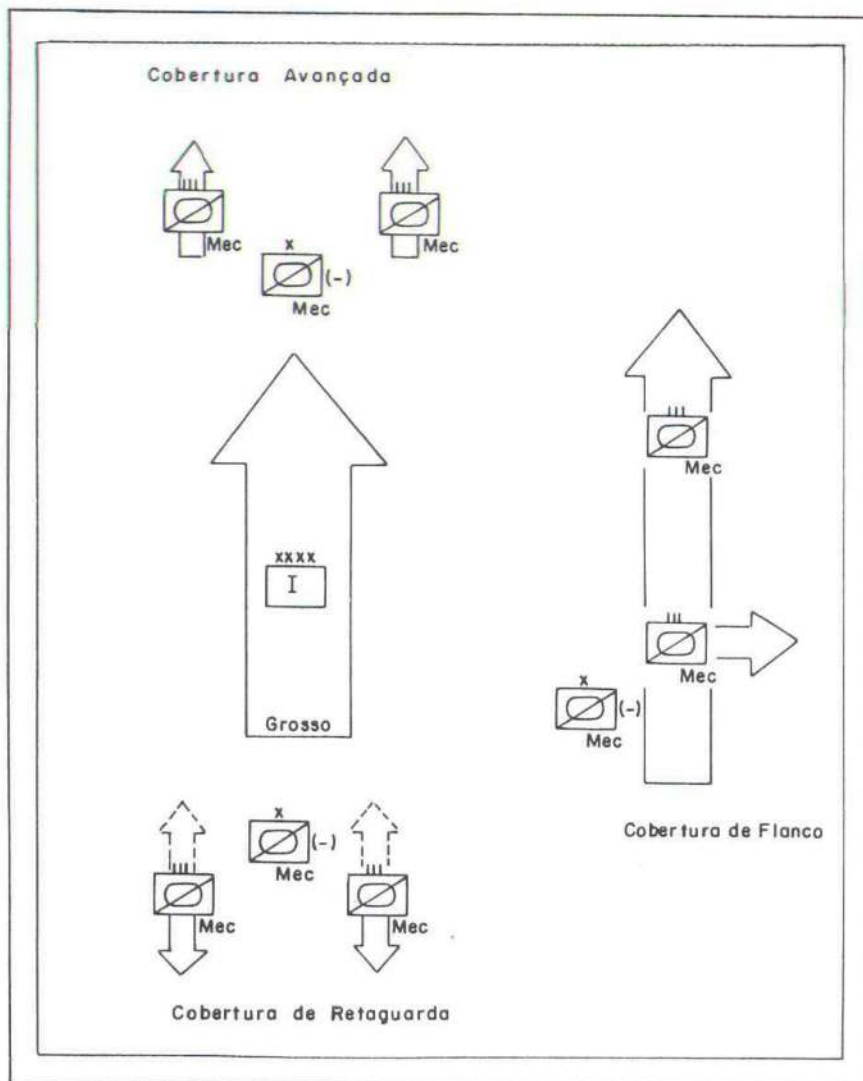


Fig 6-2. Força de cobertura

b. Apoio logístico

- (1) O planejamento do apoio à operação de segurança é influenciado pe-

las seguintes características deste tipo de operação:

- (a) necessidade de dispositivo que assegure, simultaneamente, apoio às ações ofensivas, à defesa de posições de bloqueio e às ações de reconhecimento;
- (b) medidas de sigilo;
- (c) flexibilidade na execução do apoio;
- (d) variação na centralização dos meios;
- (e) apoio em duas direções;
- (f) segurança do fluxo e das instalações;
- (g) desdobramento da maioria dos meios sobre rodas.

(2) Na execução do apoio, particularmente no caso de cobertura de flanco, é normal a abertura de uma subárea para apoio à defesa das posições de bloqueio por curtos períodos de tempo ou, conforme o caso, durante toda a operação, enquanto da área de apoio logístico deve partir o apoio à vanguarda da GU, que realiza ações de reconhecimento e combate ofensivo. A A Ap Log deve guardar a distância de segurança de 8 km das linhas de controle; a SA Ap Log deve manter-se à distância de 10 km das posições de bloqueio (Fig 6-3).

(3) Dependendo da largura da zona de ação da brigada, pode-se prescindir da abertura da SA Ap Log. Nesse caso, há necessidade de um elevado grau de controle e coordenação das atividades logísticas, tendo em vista a possibilidade momentânea de um grande distanciamento entre a vanguarda da GU e as últimas posições de bloqueio, em relação à localização da A Ap Log.

(4) Normalmente, em fim de missão de uma operação de segurança (cobertura avançada ou cobertura de flanco, particularmente), a GU instala-se em posição defensiva, devendo variar apenas o grau de defesa (vigilância, defesa de área ou retardamento). Assim, o comandante do batalhão deve elaborar seus planejamentos com o máximo de flexibilidade, a fim de manter a continuidade de apoio, por ocasião da mudança de atitude operacional por parte da GU.

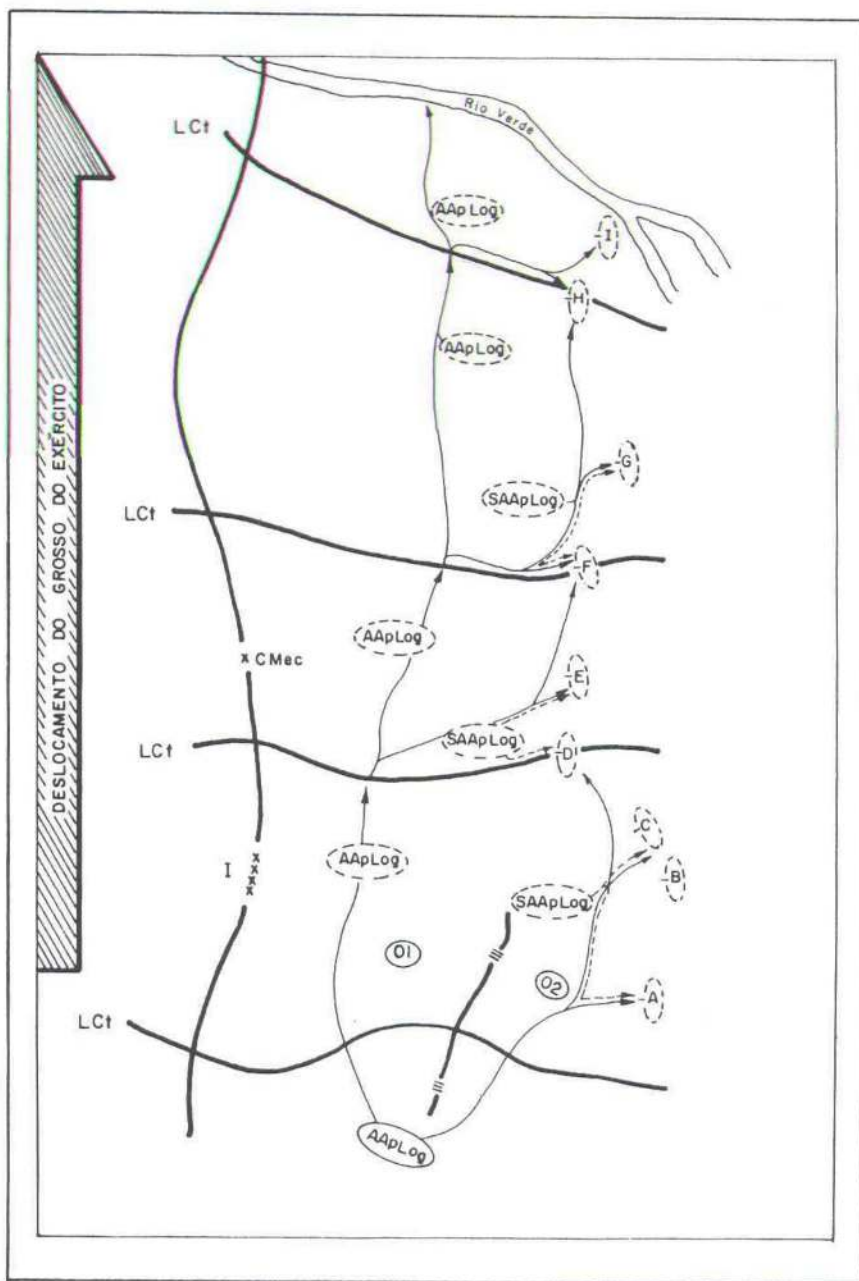


Fig 6-3. Manobra logística na operação de reconhecimento e segurança

CAPÍTULO 7

OPERAÇÕES DEFENSIVAS

7-1. ASPECTOS DOUTRINÁRIOS

a. As operações defensivas visam a impedir, resistir ou destruir um ataque inimigo.

b. Uma operação defensiva é normalmente constituída por um conjunto de ações defensivas e ofensivas de maior e menor vulto. Os elementos de uma força podem estar defendendo, retardando, atacando ou realizando fintas, como parte do esforço da defesa.

c. O defensor pode conduzir duas formas de defesas em posição: a defesa móvel e a defesa de área.

d. **Defesa móvel** é aquela em que um mínimo de forças é desdobrado à frente para alertar sobre um ataque inimigo iminente, canalizar o atacante para um terreno que lhe seja menos favorável e impedir seu ataque, inquietá-lo e desorganizá-lo. A maior parte das forças de defesa é empregada em vigorosa ação ofensiva com vistas a destruir o inimigo em um momento e local decisivos. A defesa móvel é, normalmente, conduzida pela divisão ou escalões maiores.

e. **Defesa de área** é aquela baseada na manutenção de determinada faixa do terreno. Essa forma de defesa, normalmente, tira o máximo partido dos obstáculos existentes, reduz a possibilidade do ataque noturno ou por infiltração, e obriga o atacante a empregar o máximo de poder de combate para tentar a penetração.

f. Os manuais peculiares à divisão de exército e às brigadas abordam, minuciosamente, o emprego dos elementos de manobra na execução das operações defensivas.

7-2. APOIO LOGÍSTICO NA DEFESA

a. O tipo de operação defensiva (defesa em posição e movimento retrógrado) adotado e a capacidade ofensiva do inimigo influirão no desdobramento e na execu-

ção do apoio logístico prestado pelo B Long.

b. Considerando que a iniciativa é do inimigo, será difícil prever a (s) área (s) de maior densidade de problemas logísticos. A probabilidade de penetração inimiga na área de defesa requer uma organização e localização dos meios de modo a não interferir com a manobra tática. Isso é mais verdadeiro se levarmos em conta, ainda, a importância da missão atribuída às reservas.

c. As necessidades de segurança e continuidade do apoio apresentam grande importância nessa operação, e condicionam a localização dos órgãos de apoio logístico o mais afastado possível do limite anterior da área de defesa avançada (LAADA).

d. As operações defensivas apresentam as seguintes características táticas, particularmente importantes para o apoio logístico:

- (1) manobra definida em linhas gerais;
- (2) dispositivo em largas frentes;
- (3) situação de relativa estabilidade;
- (4) aspectos dinâmicos nas ações de defesa;
- (5) possibilidades de passar à ofensiva.

e. Essas características táticas da defesa determinam os seguintes reflexos para o batalhão:

- (1) máxima centralização do apoio, devido aos problemas de segurança e para facilitar as ações dinâmicas da defesa;
- (2) amplo desdobramento dos meios em largura e em profundidade, possível pela estabilidade das operações e pelos amplos espaços em largura e profundidade;
- (3) maior necessidade de segurança contra a artilharia, força aérea e elementos inimigos infiltrados;
- (4) flexibilidade que permita atender às mudanças de atitude e às flutuações do combate;
- (5) maior rendimento dos meios, em função da estabilidade da situação;
- (6) necessidade de apoiar os elementos à frente do LAADA (força de segurança).

7-3. PLANEJAMENTO DO APOIO NAS OPERAÇÕES DEFENSIVAS

a. Como na ofensiva, o planejamento do apoio logístico é conduzido em fases, concomitantemente com o planejamento para as operações. O comandante coopera na formulação do plano de apoio administrativo da GU e na sua execução no que tange ao apoio logístico. Prepara prescrições específicas para o apoio logístico e estabelece prioridades para a prestação do apoio às forças de segurança, às forças da área de defesa avançada e à reserva, na execução de contra-ataques.

b. Normalmente, o batalhão desdobra-se no interior da posição defensiva de modo a apoiar, de uma única posição, toda a manobra da GU, de forma centralizada.

c. Quando do apoio aos elementos de segurança, tais como os PAG e PAC, o batalhão destaca elementos em apoio direto às unidades ou forças-tarefa.

d. Na conduta do combate, o batalhão mantém os seus meios centralizados podendo, no entanto, ter elementos em apoio direto às forças de primeiro escalão. Mas, de qualquer modo, deve ficar em condições de apoiar os contra-ataques.

7-4. REFLEXOS NAS ATIVIDADES LOGÍSTICAS

a. A ação defensiva implica, para o defensor, em dispor as suas forças e realizar planejamentos para fazer face ao maior número possível de situações, uma vez que o atacante pode escolher onde, quando e com que valor atacar. O êxito de uma defesa depende, portanto, da flexibilidade mantida pelo defensor, a fim de ganhar e manter um máximo de iniciativa durante o combate.

b. O tempo disponível para o planejamento torna-se, assim, um fator que influencia na coordenação e na prioridade para execução dos trabalhos. Todo esforço deve ser feito para preparar a defesa antes da ação do inimigo.

c. Suprimento

(1) Sup Cl I — A distribuição da ração quente deve ser constante preocupação do comandante, por ser a que melhor contribui para a elevação do moral da tropa e ser compatível com a situação. É normal a estocagem da ração operacional de combate nos núcleos de defesa, para atender a eventuais interrupções do fluxo.

(2) Supl Cl III — Há um menor consumo dessa classe quando comparado a qualquer outro tipo de operação. As necessidades se reduzem ao combustível exigido para o transporte de suprimento e da evacuação, além dos necessários aos serviços gerais. Na defesa móvel o consumo pode aumentar, exigindo um planejamento minucioso tanto para a obtenção como para a distribuição.

(3) Sup Cl IV — Há um maior consumo de material de construção necessário à organização da posição defensiva, particularmente material para construção de barreiras.

(4) Sup Cl V (munições) — O emprego do fogo na defensiva cresce de importância, por ser o único meio capaz de atuar contra o inimigo à grande distância da posição, a qualquer momento, durante o dia ou a noite, independentemente das condições meteorológicas. Portanto, o consumo de munição é muito elevado, exigindo a estocagem de grandes quantidades para atender aos elementos de segurança à frente da posição, aos elementos dispostos na ADA e ao apoio às ações dinâmicas da defesa. Após o contato com o inimigo, torna-se difícil o ressuprimento. Isso, por sua vez, impõe a estocagem de munição, além da dotação orgânica, junto aos núcleos de defesa para atender, no mínimo, ao consumo até o anoitecer. Assume grande importância, também, a manutenção das dotações completas, particularmente para atender a sustentação do combate durante as prováveis interrupções do fluxo de suprimento.

(5) Produtos acabados, peças e conjuntos de reparação — A estabilidade

das ações diminui o consumo dos suprimentos destinados às viaturas, mas deve aumentar o consumo de peças de reposição para armamento e instrumentos. No caso da defesa móvel, pode haver um aumento do consumo dessas classes a fim de manter a alta disponibilidade do material.

(6) Sup CI VIII — Menor consumo do que na ofensiva, devido ao menor número de baixas. É normal a estocagem de suprimentos junto aos elementos de primeiro escalão (PS/Btl).

d. **Transporte** — As distâncias dos P Sup e P Distr e a largura da zona de ação da GU determinam grandes distâncias de suprimento e de evacuação. Do mesmo modo, o consumo de grandes toneladas de suprimento CI IV e V (municiões) exigem um metódico planejamento de emprego dos meios e de controle e circulação do trânsito, com os quais o comandante do B Log deve estar bem familiarizado. Isso torna-se particularmente importante nas ações de contra-ataque e de defesa móvel.

e. **Manutenção** — A estabilidade das ações favorece a manutenção, pela possibilidade que apresenta de centralização dos trabalhos e de amplo desdobramento dos meios. Pode haver descentralização dos meios nas ações preliminares do combate para o apoio às forças de segurança, dependendo do tipo e do esquema de manobra adotados.

f. **Saúde** — A percentagem de perdas é menor, mas o recolhimento e a evacuação das baixas nas áreas avançadas são dificultados em consequência dos movimentos para a retaguarda (flutuação do combate). Normalmente, a Cia S atua centralizada podendo, entretanto, descentralizar parte dos meios para o apoio às ações preliminares do combate (forças de segurança) e para as ações de contra-ataque da força de choque, na defesa móvel. A GU recebe, normalmente, um Pel Cir Mv e sortidas para evacuação aeromédica.

g. A evacuação de material é reduzida, particularmente devido ao decréscimo de material capturado. A defesa móvel e as ações preliminares do combate podem determinar um acréscimo dos trabalhos dessa atividade.

7-5. PECULIARIDADE DO APOIO

a. Apoio às forças de segurança

(1) O desdobramento e a localização dos elementos em apoio logístico às forças de segurança são função dos seguintes fatores:

- (a) valor da tropa a apoiar;
- (b) profundidade da área de segurança;
- (c) duração da missão;
- (d) terreno.

(2) O apoio logístico aos postos avançados gerais (PAG) e postos avançados de combate (PAC) deve ser prestado, tanto quanto possível, de modo centralizado e de uma única área de desdobramento, dentro da área de defesa avançada (ADA).

(3) Se necessário, podem ser desdobrados à frente elementos de saúde, manutenção e evacuação de material. Nesse caso, o apoio de saúde pode variar desde ambulâncias postas em reforço até a instalação de um P Trg. O apoio de manutenção e evacuação de material é feito por meio de reforço (ou apoio direto) de seções leves de manutenção, integradas por elementos do Pel Sup Ev.

b. Apoio à área de defesa avançada — É prestado o mais cerrado possível, guardada a distância de segurança. Deve ser centralizado numa única A Ap Log observando-se, ainda, a flexibilidade de apoiar as ações dinâmicas da defesa. Para isso, a A Ap Log deve localizar-se à retaguarda dos últimos núcleos de aprofundamento da brigada.

c. A A Ap Log do B Log da Bda que ocupar os PAG deve localizar-se na área das forças de reserva. O batalhão, no entanto, pode ocupar uma área no interior da ADA ou no interior da área de segurança (entre os PAG e o LAADA). Entretanto, quando isso ocorrer, a área ocupada não deve interferir nos preparativos e na manobra dos elementos em primeiro escalão na ADA. Quando no interior da ADA, a A Ap Log pode cerrar à frente até a altura das reservas das Bda em primeiro escalão. Quando na área de segurança, deve-se verificar se a profundidade da mesma oferece a distância de segurança mínima compatível com o material de artilharia leve do inimigo.

d. Na defesa móvel, a brigada (DE) coloca parte dos seus elementos realizando o bloqueio e a canalização do inimigo e parte como força de choque. O apoio logístico deve ser organizado dando prioridade de apoio aos elementos móveis (força de choque) e aos apoios de fogo. Para isso devem ser mantidos elementos de apoio logístico disponíveis capazes de apoiar a reserva (força de choque) quando empregada, em função de seu efetivo e de sua mobilidade. A localização da A Ap Log deve apoiar tanto a (s) força (s) de fixação como a (s) de choque, mantendo uma distância de segurança, contada a partir da penetração máxima, que coloque a A Ap Log a salvo da artilharia leve do inimigo.

e. A (s) Bda reserva (s) e a DE devem localizar as suas A Ap Log à retaguarda dos últimos núcleos de aprofundamento divisionários, mantendo uma distância de segurança mínima, contada da orla anterior dos referidos núcleos.

7-6. ORGANIZAÇÃO PARA O APOIO AO COMBATE NA DEFENSIVA

a. Na defensiva, a organização do batalhão para o apoio ao combate, depende do grau de centralização exigido pelo tipo de manobra adotado e dos prazos disponíveis estimados pelo comando da GU. Considerando que se baseia em estimativa dos prazos disponíveis, o planejamento deve ser continuado e prever trabalhos a serem realizados ou suprimidos, caso as estimativas não se concretizem.

b. Na conduta da defesa, o Cmt do batalhão acompanha a evolução da situação, apoiando os contra-ataques, realizando os diversos trabalhos técnicos e atividades logísticas, segundo o planejamento feito, e atendendo às necessidades de apoio que se apresentam.

c. Em situações críticas, o batalhão combate como infantaria em defesa da A Ap Log e em ações de DEFAR.

d. A organização do batalhão para o apoio ao combate pode ser influenciada substancialmente pelo recebimento de meios adicionais (particularmente, de suprimento e de evacuação de baixas) ou pela localização no interior da A Ap Log de instalações do escalão superior.

e. Em geral, o comandante deve prever a máxima centralização dos meios com vistas ao controle, à coordenação, à eficiência do apoio e a flexibilidade.

f. Os trabalhos correntes de fortificação de campanha, na A Ap Log, são da responsabilidade do comandante do batalhão.

7-7. DESDOBRAMENTO NA DEFESA

a. As necessidades de segurança e continuidade do apoio têm particular influência na localização da área de apoio logístico da GU.

b. O desdobramento e a instalação dos órgãos de apoio são feitos ao longo das vias de transporte, desde que satisfeitas as imposições de segurança, sigilo e disfarce. Assim, o batalhão deve desdobrar-se afastado do LAADA a fim de diminuir a concentração de meios nas áreas avançadas da posição, e de evitar mudanças para a retaguarda durante a conduta da defesa.

c. O desdobramento deve permitir o funcionamento centralizado dos meios de apoio logístico, mantendo-se a flexibilidade indispensável aos contra-ataques ou a passagem à ofensiva.

d. A localização da A Ap Log leva em conta os fatores de escolha (manobra, terreno, segurança e situação logística) e as seguintes considerações:

(1) localização mais à retaguarda do que na ofensiva, e em relação aos núcleos de aprofundamento;

(2) não interferir, com os movimentos da reserva;

(3) fora do alcance da artilharia leve do inimigo;

(4) a salvo das flutuações do combate.

e. A segurança da A Ap Log é dada, principalmente, pela adequada utilização do terreno, camuflagem e sigilo. Os preparativos que possam ser pressentidos pelo inimigo ou expostos aos seus fogos antes que o ataque tenha início, devem ser realizados à noite. Devem ser aproveitadas as áreas cobertas pela defesa antiaérea e, na sua ausência, o afastamento de pontos facilmente identificáveis pelo inimigo.

f. Na organização da defesa das instalações contra o inimigo terrestre infiltrado (blindados, guerrilheiros ou forças especiais), devem ser explorados ao máximo as características do terreno (cobertas e abrigos, observação, campos de tiro e transitabilidade), a fim de colocar o inimigo em situação desvantajosa. As vias de acesso favoráveis ao inimigo devem ser constantemente vigiadas por patrulhas ou postos de guardas.

g. Os planos de defesa da A Ap Log devem prever a defesa em todas as direções, o apoio mútuo entre as instalações, e a existência de uma força de reação, para ações ofensivas. A organização da defesa deve sofrer um aperfeiçoamento progressivo e continuado, e estar bem coordenada e integrada ao plano de defesa da GU.

CAPÍTULO 8

MOVIMENTOS RETRÓGRADOS

8-1. CARACTERIZAÇÃO

a. Movimento retrógrado é aquele realizado para a retaguarda ou para longe do inimigo. Tal movimento pode ser executado sob pressão ou sem pressão do inimigo.

b. Formas dos movimentos retrógrados

(1) Retraimento — É uma operação na qual uma força engajada rompe o contato com o inimigo.

(2) Ação retardadora — É uma operação na qual uma força troca espaço por tempo, infligindo o máximo de perdas ao inimigo, sem se empenhar em ações decisivas.

(3) Retirada — É uma operação na qual uma força se desloca, sem pressão do inimigo, com a finalidade de evitar um combate decisivo.

(4) Uma GU em contato com o inimigo pode executar, simultânea ou sucessivamente, uma combinação dessas formas de operações, uma vez que uma forma evolui para outra, normalmente.

c. De uma maneira genérica, o movimento de uma tropa para a retaguarda é realizado a coberto de outros elementos (da mesma tropa ou não), que continuam mantendo o contato com o inimigo, proporcionando o desengajamento, progressivo e em segurança, do grosso dos elementos que se deslocam em busca de outras posições mais à retaguarda.

8-2. APOIO LOGÍSTICO NOS MOVIMENTOS RETRÓGRADOS

a. Nos movimentos retrógrados, os fatores tempo e espaço assumem características preponderantes. Daí a necessidade de um planejamento cuidadoso e perfeita execução do apoio logístico.

b. O sigilo é uma das imposições da operação; como há simultaneidade nos deslocamentos para a retaguarda de tropas e instalações logísticas, é necessário que esses movimentos sejam realizados sem que o inimigo os perceba.

c. A execução de um movimento retrógrado, embora precedido de um planejamento cuidadoso, pode apresentar sérios problemas, particularmente pela intervenção do inimigo que mantém a iniciativa. As necessidades de segurança, de continuidade de apoio e de não interferência com a manobra tática, sugerem a localização das instalações logísticas bem à retaguarda. Nessa operação, as seguintes características táticas são de particular interesse para o apoio logístico:

- (1) frentes e profundidades, normalmente, amplas;
- (2) natureza dispersa das ações;
- (3) movimento sob condições de reduzida visibilidade;
- (4) formação linear;
- (5) rápidas mudanças de situação;
- (6) probabilidade de interdição, pelo inimigo, das vias de retraimento, pela infiltração tática.

d. As características táticas dos movimentos retrógrados trazem os seguintes reflexos imediatos para o batalhão:

- (1) planejamento e execução adequados de um dispositivo que assegure o apoio eficiente durante o movimento, nas novas posições, e aos elementos destacados em missão de segurança;
- (2) retraimento antecipado de instalações e meios pesados de apoio logístico;
- (3) planejamento flexível, com o desdobramento mínimo de meios, permitindo a mudança rápida de órgãos e instalações, visando ao apoio rápido e eficiente;
- (4) alongamento inicial das distâncias de apoio, criando problemas de segurança dos fluxos e das próprias instalações, e ocasionando a descentralização inicial dos meios, tendendo para uma centralização progressiva;
- (5) previsão das dificuldades que surgem com o movimento para a retaguarda, particularmente a massa de civis que tende a permanecer à retaguarda de nossas posições.

8-3. PLANEJAMENTO DO APOIO

a. Ao planejar a execução do apoio logístico a um movimento retrógrado, o comandante deve se concentrar no estudo do esquema de manobra, dos meios disponíveis e dos prazos.

b. O planejamento deve levar em consideração a:

- (1) evacuação rápida e progressiva da maior parte das instalações de modo a não interferir com os movimentos da tropa;
- (2) previsão das condições de retraimento para a (s) nova (s) A Ap Log;

(3) redução, ao mínimo possível, dos movimentos de suprimento para a frente;

(4) entrega de suprimentos em quantidades mínimas;

(5) previsão de pequenos depósitos de suprimentos ao longo dos itinerários de retraimento ou de retirada;

(6) redução das instalações, deixando na posição que deve ser abandonada, apenas os elementos que possam ser deslocados, rapidamente, por estradas;

(7) destruição dos suprimentos (menos os de saúde) e de equipamentos que tiverem que ser abandonados.

c. O batalhão deve manter a continuidade do apoio antes, durante e após o retraimento, com base num planejamento cuidadoso e ordenada execução, evitando ocasionar atraso, descontrole e até o fracasso completo da operação.

d. Devido às largas frentes nas quais, normalmente, são realizados os movimentos retrógrados, as comunicações e o controle têm sua eficiência reduzida. Os planos devem ser elaborados em minúcias, a fim de proporcionar aos comandos subordinados uma completa compreensão da operação, de forma a que a missão seja cumprida, a despeito de eventuais falhas no sistema de comunicações.

e. Apesar do planejamento ser pormenorizado e centralizado, os comandos subordinados guardam suficiente liberdade na execução da sua missão específica, conduzindo as suas atividades logísticas de acordo com a evolução dos acontecimentos e de modo a explorar as oportunidades que surgirem ao nível das frações elementares.

f. Na conduta do combate, o comandante acompanha a evolução da situação, apoiando a GU como um todo, atendendo às necessidades de apoio segundo o planejamento inicial e às necessidades decorrentes da própria evolução do combate de modo a, em qualquer ocasião e em tempo oportuno, introduzir as modificações que se fizerem necessárias.

g. O comandante é o responsável, dentro das disposições de escalões superiores, pela execução do plano de destruições de instalações, naquilo que lhe couber, inclusive a destruição do equipamento orgânico, quando ordenada.

8-4. REFLEXOS NAS ATIVIDADES LOGÍSTICAS

a. As condicionantes de tempo e espaço, as restrições de meios e as dificuldades de coordenação e de controle durante os movimentos retrógrados, indicam a necessidade de um minucioso planejamento das atividades logísticas afetas ao batalhão.

b. Suprimento

(1) As necessidades nos movimentos retrógrados restringem-se às quantidades de suprimentos a manter nas áreas avançadas. Pode ser conveniente a estocagem de pequenas quantidades de suprimento ao longo dos itinerários de retraimento ou retirada.

(2) É normal a estocagem prévia de suprimentos, nas posições de retarda-

mento, de acordo com as necessidades exigidas. O planejamento cuidadoso evita o transporte desnecessário, a destruição e a perda de suprimentos.

(3) A evacuação de suprimentos é difícil, em face da rapidez das ações. Assim, na perspectiva de um movimento retrógrado, os elementos de primeiro escalão, ao retraírem podem transferir suprimentos para os destacamentos de contato ou para a força de segurança ao serem acolhidos por esta. Os suprimentos, exceto os de saúde, que não possam ser evacuados, devem ser destruídos.

(4) Sup CI I — Todo o esforço deve ser feito no sentido de que não haja interrupção no fluxo desse suprimento, por ser um elemento de elevação do moral da tropa. Deve ser consumida a ração normal de campanha, pelo menos numa das refeições. Nas fases mais dinâmicas das operações, há preponderância do consumo da ração de combate. A fim de aliviar os transportes, os víveres para consumo imediato podem ser estocados ao longo dos itinerários. Entretanto, neste caso, deve ser feito um planejamento minucioso dos itinerários, inclusive dos alternativos, para evitar que a tropa fique sem alimentação ou que os víveres venham a cair em mãos do inimigo.

(5) Sup CI III — É previsto um alto consumo desse suprimento. A reserva orgânica deve estar completa antes do início do retraimento. O reabastecimento das viaturas é realizado antes do início do movimento, nos altos, em final de jornada ou nas novas posições.

(6) Supl CI IV — Há necessidade de regular a quantidade, particularmente de material destinado à construção de obstáculos.

(7) Sup CI V (munições) — Deve ser previsto um alto consumo desse suprimento, tendo em vista que o fogo é preponderante nas ações retrógradas por se constituir no meio mais eficaz de atuar à distância, contra o inimigo durante toda a operação. É normal o consumo progressivo da DO, só havendo o repletamento na (s) nova (s) posição (ões).

(8) Sup CI II, V (A), VI, VII, IX e X (produtos acabados) — Após o cumprimento da missão, as necessidades de reposição são maiores do que nas outras operações, devido não só à sua destruição por parte do inimigo, como também à efetuada pela tropa para evitar a sua captura.

(9) Sup CI VIII — Normalmente, não há previsão de elevado número de baixas e o consumo do suprimento de saúde deve ser baixo.

(10) Sup CI II, V (A), VI, VII, IX e X (peças e conjuntos de reparação) — O consumo dessas classes é maior antes da realização da operação, a fim de que haja a máxima disponibilidade do material no decorrer do movimento.

c. Manutenção

(1) A manutenção deve ser desenvolvida, ao máximo, antes da execução de um movimento retrógrado. Nessa fase, o apoio deve ser centralizado a fim de aumentar o rendimento dos meios e facilitar o controle das frações da Cia MB, com vistas ao retraimento das mesmas.

(2) Durante o movimento, os trabalhos restringem-se ao serviço de manutenção de emergência que visa a complementar a manutenção executada pelas pró-

prias unidades, de modo a evitar qualquer embaraço no fluxo do trânsito de viaturas nas estradas que conduzem à retaguarda. Esse serviço atende não somente às viaturas e material orgânicos da GU, mas também a todas as viaturas que passem pelos postos de manutenção estabelecidos pela Cia MB.

(3) Estes postos, normalmente operados por elementos do Pel L Mnt reforçados por equipes de evacuação, situam-se nas imediações dos postos de controle de trânsito, trabalhando em íntima ligação com os elementos de PE, a fim de se manterem informados quanto ao escoamento das colunas. Constituem-se de elementos de manutenção móveis, atuando como verdadeiras patrulhas que executam a manutenção de viaturas e armamento no local onde for necessário.

(4) A Cia MB (—), desdobrada com a maioria de meios sobre rodas na A Ap Log realiza o apoio sob a forma de apoio ao conjunto.

d. Transporte — O problema de transporte tem nos movimentos retrógrados maior destaque devido ao acréscimo de necessidades, à maior influência das ações do inimigo e às características da operação. Devem ser consideradas, pelo escalão superior, as possibilidades de apoio de transporte aéreo, particularmente para a evacuação aeromédica (Ev Aem).

e. Saúde

(1) Dada à rapidez e às características dos movimentos, as atividades de triagem e evacuação de baixas são de difícil realização.

(2) As instalações de saúde, em princípio, desdobram-se em locais sucessivos, da frente para a retaguarda, a fim de manter a continuidade do apoio. O desdobramento inicial deve processar-se mais à retaguarda, relativamente ao inimigo, do que em outros tipos de operações. Padroleiros e ambulâncias da Cia S podem reforçar os elementos de primeiro escalão, particularmente os empenhados nas forças de segurança.

(3) Quanto à triagem, devem ser tomados cuidados especiais para que não haja retenção de baixas. Os P Trg iniciam o apoio tão logo seja possível. O fechamento destas instalações é realizado imediatamente após o retraimento do grosso em cada posição e depois da abertura de instalações equivalentes nas novas posições. As baixas existentes nos PS e P Trg devem ser evacuadas antes do retraimento, ainda que a carga dos elementos orgânicos da GU. As baixas que venham a ocorrer na força de segurança são evacuadas, logo que possível, por via aérea ou por qualquer outro meio disponível. Mais do que em qualquer outra operação, a localização dos P Trg deve considerar as facilidades para a evacuação aeromédica.

(4) Todo o esforço deve ser feito para impedir que os feridos caiam nas mãos do inimigo. A decisão de abandono dos feridos é prerrogativa do comandante da força; caso isto ocorra, fica sempre uma equipe de saúde e suprimentos suficientes para o atendimento desses elementos.

f. Evacuação de material — O problema da evacuação do material pode ser muito agravado, em face da maior rapidez dos deslocamentos, da largura das zonas de ação e da interferência do inimigo. O tempo disponível para a manutenção é um

fator altamente limitante, exigindo meios de evacuação na razão inversa da disponibilidade do material a ser evacuado. Elementos do Pel Sup Ev devem trabalhar em íntima ligação com as equipes e seções de manutenção nos postos de manutenção ao longo dos itinerários de retraimento ou retirada.

8-5. ORGANIZAÇÃO DA UNIDADE PARA O APOIO

a. Nos movimentos retrógrados, como na defesa, a organização do B Log para o apoio ao combate depende do grau de centralização previsto para a manobra concebida pelo comandante da GU.

b. Os meios devem ser desdobrados de tal forma que permitam a economia, o rendimento na execução dos trabalhos e a eficiência no apoio prestado sob as condições desvantajosas que caracterizam os movimentos retrógrados. Normalmente, o Cmt do batalhão procura manter seus meios centralizados, a fim de obter maior rendimento na execução das atividades logísticas.

c. Nos movimentos retrógrados, fatores tais como, as possibilidades da rede rodoviária, largura e profundidade da zona de ação, afastamento entre os eixos, a segurança do fluxo de suprimento e das instalações, e o dispositivo e efetivo previstos para a sua realização, interferem particularmente na organização do apoio logístico, obrigando muitas vezes à descentralização dos meios, principalmente de manutenção e evacuação. Sempre que possível, entretanto, o comandante deve evitar a abertura de SA Ap Log.

d. As unidades da GU são preparadas para o pronto retraimento, e o movimento é feito com as unidades transportando suprimentos suficientes para atingir as posições preparadas mais à retaguarda, sem que haja necessidade de recomplementamento. Se houver previsão de aumento das DO das unidades, estas devem ser apoiadas com viaturas para o transporte.

e. Antes do início do retraimento, os suprimentos devem ser recompletados e realizada a manutenção dos equipamentos.

8-6. DESLOCAMENTO E DESDOBRAMENTO

a. A fim de permitir maior segurança e continuidade de apoio, a A Ap Log deve ser localizada mais à retaguarda, em relação ao inimigo, do que o normal. O planejamento é feito tendo em vista atender ao conjunto da operação. Sob este aspecto, tem acentuada influência o prazo a ganhar em cada posição. É conveniente que a localização do batalhão permita o apoio a, pelo menos, duas posições de retardamento sucessivas. Por essa razão, é comum o seu desdobramento atrás do limite de retaguarda da GU, em locais que facilitem os deslocamentos para a retaguarda e o apoio às unidades.

b. O grosso das instalações e das frações do batalhão deslocam-se para a retaguarda, precedendo os elementos das unidades de combate para evitar o congestionamento do trânsito nas estradas. Para isso, tanto quanto permita a situação, o co-

mandante deve centralizar o apoio prestado pelas suas subunidades, a fim de facilitar o retraimento e o controle das mesmas.

c. O controle do movimento para a retaguarda é mantido pela designação do ponto inicial (PI), do ponto de liberação (P Lib), de locais a ocupar na nova posição, hora de início, seqüência para cada elemento, itinerários de retirada ou retraimento, linhas ou pontos de controle.

d. Como norma geral, o retraimento para uma nova posição é precedido da reunião dos elementos das subunidades que estejam destacados, apoiando as unidades da GU, com exceção dos elementos que permanecem com as forças de segurança ou destacamento de contato e os que, por força do desempenho de suas atividades, tenham que permanecer em posição.

e. Mediante a execução do planejamento previsto em um quadro de movimento, as companhias e o comando do batalhão retraem para as posições já escolhidas e reconhecidas previamente, liberando, nos locais previstos ao longo dos itinerários, os elementos destinados ao apoio do movimento da GU. Se a situação impõe o deslocamento durante as horas de luz, tanto quanto possível, o movimento deve ser realizado por infiltração.

f. Na escolha da região para o desdobramento deve ser considerada a necessidade de apoio em todos os eixos de retraimento ou retirada. O controle completo dos itinerários é essencial para a eficiência dos movimentos retrógrados. Deste modo, as prioridades, horários e condições de utilização das estradas devem ser planejados, a fim de assegurar um deslocamento ordenado, levando-se em consideração as missões e as possibilidades das subunidades. As probabilidades de interdição das estradas por ação do inimigo, por modificação das condições meteorológicas ou por congestionamento dos itinerários, exigem a previsão de itinerários alternativos.

g. Uma vez que uma operação retrógrada raramente pode ser realizada sem que a população civil seja envolvida na ação, o controle e a evacuação de civis devem ser considerados em todos os planos para um movimento retrógrado, a fim de evitar a desordem e o congestionamento do trânsito.

h. Especial atenção deve ser dada à segurança da área de retaguarda uma vez que o inimigo pode tentar superar os obstáculos e as forças de segurança, pelo emprego de tropas aeroterrestres e aeromóveis. No planejamento da defesa da A Ap Log, deve ser previsto, também, o controle de civis, uma vez que o inimigo pode utilizar as massas de população em deslocamento para infiltrar forças especiais, guerrilheiros e sabotadores.

CAPÍTULO 9

OPERAÇÕES COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS

ARTIGO I

CONTRAGUERRILHA

9-1. CONCEITUAÇÃO DA CONTRAGUERRILHA RURAL

a. As operações de **contraguerrilha rural** são conduzidas em áreas de grandes dimensões, em terreno de difícil acesso, com predominância de ações isoladas de pequenas frações de tropa contra um inimigo fluido e de difícil identificação.

b. O inimigo, em princípio, bem treinado nas operações de guerrilha, combate de maneira não ortodoxa, empenhando-se na maioria das vezes em ações do tipo emboscadas, incursões e sabotagens, exigindo, assim, maiores cuidados com a segurança, particularmente dos meios e das atividades logísticas.

c. As operações de contraguerrilha rural são conduzidas pela GU, de uma base de combate (B Cmb) onde, normalmente, se desdobram as instalações do batalhão logístico. Dela se irradiam e são incrementadas as ações dos elementos subordinados.

d. A ação militar decorrente desse tipo de luta apresenta, sob o ponto de vista do apoio logístico, as seguintes características:

- (1) ações táticas isoladas de pequenas frações de tropa;
- (2) grandes distâncias entre os elementos a serem apoiados, e entre estes e os órgãos de apoio logístico;
- (3) terreno de difícil circulação terrestre e, em alguns casos, de difícil acesso, inclusive por outras vias de transporte (aquáticas e aéreas);
- (4) situação tática fluida e de rápida evolução;
- (5) precariedade da segurança das instalações e das vias de transporte;
- (6) diversidade e simultaneidade de missões.

9-2. CONCEITUAÇÃO DA CONTRAGUERRILHA URBANA

a. A **contraguerrilha urbana** é um conjunto de ações, em um centro urbano,

empreendidas pelo governo e forças legais, a fim de destruir as forças irregulares do inimigo e reconquistar a população, afetando ao mínimo possível a vida normal da cidade.

b. As operações desenvolvem-se predominantemente no interior de uma localidade e são realizadas, em princípio, pelas forças legais situadas na cidade ou adjacências onde instalam as suas bases de combate, a partir das quais operam.

c. O ambiente operacional confunde-se, portanto, com o da própria vida administrativa normal das unidades, o que implica na utilização da estrutura de apoio logístico de rotina (tropa aquartelada) para apoiar as operações, admitindo-se, ainda, o emprego amplo dos recursos locais desde que não acarretem prejuízos para a população civil.

d. As ações de contraguerrilha urbana apresentam as seguintes características que interferem diretamente no apoio logístico:

- (1) ambiente operacional conhecido;
- (2) distâncias relativamente curtas entre o elemento de apoio e o apoiado;
- (3) facilidade de ligação terrestre, embora sujeita a eventuais interrupções;
- (4) maior facilidade de segurança das instalações logísticas.

9-3. APOIO LOGÍSTICO ÀS OPERAÇÕES DE CONTRAGUERRILHA

a. O apoio logístico às operações de contraguerrilha é condicionado às várias circunstâncias impostas pelas características especiais do meio onde normalmente se desenvolvem e servidões ditadas pelas peculiaridades das operações.

b. O apoio logístico para se tornar eficiente deve se adequar àquelas influências bem como se ajustar e criar técnicas, processos e normas peculiares que respondam a cada caso, adquirindo características especiais que exigem alteração no modo de emprego e na sistemática do apoio adotado nas operações convencionais.

c. Considerando-se que, nas operações de contraguerrilha, não há a caracterização de um estado de beligerância, a estrutura do apoio logístico a ser utilizada é a de rotina, podendo evoluir em função das necessidades.

d. As operações de contraguerrilha trazem os seguintes reflexos para o apoio do B Log:

- (1) planejamento, execução e controle centralizados;
- (2) flexibilidade na adoção de processos e métodos de apoio não convencionais;
- (3) ampla utilização de recursos locais;
- (4) complementação do apoio a outras forças legais e a elementos civis;
- (5) maior permanência das instalações nos locais de desdobramento;
- (6) controle cerrado das operações logísticas;
- (7) ênfase na segurança das instalações e das atividades logísticas;
- (8) necessidade de reorganização para emprego como infantaria.

e. Normalmente, além das missões que lhe são peculiares, o batalhão realiza a guarda das suas instalações e coopera na busca de informes e no emprego de ações psicológicas.

f. Em situações excepcionais, pode ser empregado, no todo ou em parte, na guarda de pontos sensíveis e no estabelecimento de pontos de bloqueio em estradas. Nesses casos, são organizados pelotões de contraguerrilha (Pel C Guer) com efetivo de trinta e dois homens, conforme o organograma da Fig 9-1. Como o apoio às unidades da GU deve ser mantido, uma prioridade de reorganização do batalhão deve ser observada. A Cia S permanece, em sua totalidade, cumprindo a sua missão precípua. Na Cia MB, o Pel L Mnt, reforçado em equipamento, ferramental, elementos de manutenção de instrumentos de precisão (Pel P Mnt) e de comunicações (equipamentos móveis do PMSMCE), permanece em sua missão, apoiando as unidades no interior das bases de combate. Na Cia Int, o Pel Trnp, completo, e os elementos do Pel Sup, indispensáveis ao apoio à GU, permanecem em suas missões específicas. A Cia C Sv, com exceção do Pel Seg, permanece em sua missão de apoio ao batalhão. Assim, o batalhão organiza um Pel C Guer com o Pel P Mnt, um com o Pel Sup Ev, um com o PMSMCE e um com o Pel Sv e elementos do Pel Sup. Considerando o Pel Seg, o batalhão tem possibilidades, portanto, de organizar-se em cinco Pel C Guer, ao comando do Cmt Cia MB, para cumprir a missão de guarda de pontos sensíveis ou de estabelecimento de pontos de bloqueio, combatendo como infantaria.

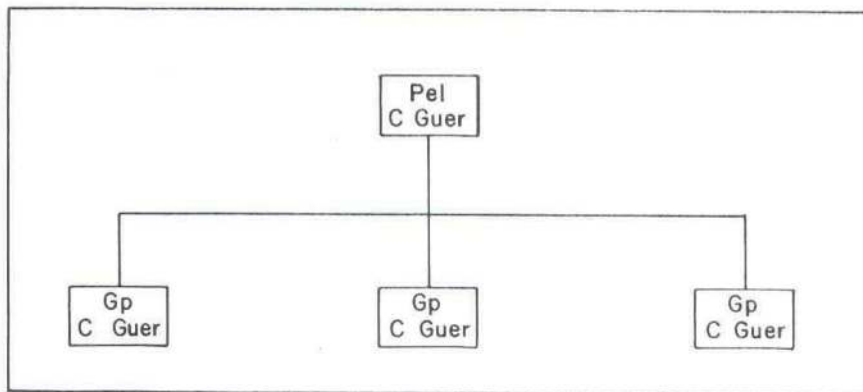


Fig 9-1. Pelotão de contraguerrilha

9-4. ATIVIDADES LOGÍSTICAS NAS OPERAÇÕES DE CONTRAGUERRILHA RURAL

a. A eficiência do apoio logístico exige uma progressiva e rápida adaptação dos meios existentes para fazer face às necessidades resultantes das diversas fases das operações de contraguerrilha e deve, também, ter flexibilidade para se ajustar às mais variadas formas de luta que se apresentem.

b. A estrutura do apoio logístico existente, para responder às necessidades deve se utilizar dos meios disponíveis nas diversas unidades, até que seja adequadamente dotada, à semelhança do previsto para as operações convencionais, o que implica no condicionamento do apoio aos fatores tempo e disponibilidade de material. Além desses fatores, as próprias características do tipo de luta refletem-se no apoio do B Log, fazendo com que cada uma de suas atividades adquira conotações de emprego particulares.

c. Suprimento

(1) De um modo geral, todas as atividades de suprimento são afetadas em maior ou menor grau, dependendo da natureza da região de operações. O sistema sofre várias influências necessitando adaptar-se ao tipo de luta, sem contudo modificar a sua estrutura básica. Alterações no transporte e na distribuição de suprimentos, adoção de embalagens especiais, estoque e dotações reajustadas em seus valores, variedades de processos, são algumas modificações indicadas para fazerem face à determinadas situações.

(2) As instalações de suprimento devem estar situadas nas B Cmb a fim de se beneficiarem da segurança exigida. Em determinadas circunstâncias, e tendo em vista o isolamento de algumas frações, devem ser estabelecidos níveis compatíveis de segurança até o valor pelotão, visando a atender a uma possível interrupção do fluxo. Por outro lado, fatores de consumo devem ser estabelecidos de forma a se evitar um aumento de suprimento nas B Cmb o que obrigaria a sua destruição, no caso de evacuação ou transferência de local.

(3) Podem ser aproveitados recursos locais desde que a utilização dos mesmos não interfira no abastecimento da população e que sejam prontamente indenizados. Especial cuidado deve haver no sentido de se evitar a especulação de suprimentos, particularmente alimentos.

(4) Um rigoroso controle deve ser observado, a fim de evitar que os suprimentos sejam perdidos, negociados ou jogados fora, e, conseqüentemente, utilizados pelo inimigo. As armas e equipamentos encontrados ou apreendidos devem ser recolhidos por meio da cadeia de evacuação.

(5) O consumo de ração de combate é bastante acentuado pela flexibilidade que oferece, além de proporcionar a mobilidade necessária às forças de contraguerrilha rural, evitando o desdobramento de instalações de cozinha, nas B Cmb de Cia ou nas frações menores. A ração normal de campanha liofilizada é mais apropriada para as B Cmb de GU. Pela dificuldade e inconveniência de desdobramento de cantinas, o suprimento de reembolsáveis é distribuído juntamente com o de subsistência.

(6) Dependendo da região onde se desenvolvem as operações, os suprimentos de classe II terão de sofrer sensíveis adaptações para atenderem às características locais. De uma maneira geral, sua duração será menor do que a normal em face do permanente desgaste a que será submetido, particularmente quanto às influências das adversidades da área de operações. Os uniformes e os calçados geralmente são os mais atingidos, o que determina um planejamento acurado e realístico

de forma a adequá-los às reais necessidades. Outros artigos de proteção do homem devem ser previstos sem que isso sobrecarregue a sua capacidade de transporte, prejudicando a locomoção.

(7) Nas atividades de suprimento de combustíveis, óleos e lubrificantes, para as tropas estacionadas em “áreas verde ou amarela”, pode ser seguido o processo adotado nas operações convencionais, observando-se todas as medidas de segurança compatíveis com cada situação. Para os elementos que estabeleçam a B Cmb em “área vermelha”, deve ser previsto, também, com maior regularidade, o suprimento por via aérea, fazendo-se a entrega do mesmo em zonas de aterragem ou de lançamento.

(8) Os suprimentos de saúde e veterinária são obtidos mediante pedido, atendido na oportunidade da realização da Ev Aem. Deve ser previsto um aumento da dotação aos pequenos escalões e um controle cerrado na utilização, a fim de evitar que os estoques alcancem níveis perigosamente baixos ou que os excessos se transformem em alvos compensadores para o inimigo que, normalmente, é carente desse artigo.

(9) Deve ser mantido um estoque de suprimento de peças de reparação de material bélico de maior mortalidade nas B Cmb, até o valor Cia, entregues às unidades mediante troca direta.

d. Transporte — Deve ser prevista a utilização conjugada de todos os meios de transporte, possíveis e viáveis, principalmente o aéreo, a fim de aliviar ao máximo os encargos de suprimento dos escalões subordinados, devendo-se:

- (1) intensificar a instrução de combate dos motoristas;
- (2) guarnecer as viaturas isoladas com homens armados;
- (3) intensificar os reconhecimentos ou patrulhamentos dos itinerários;
- (4) evitar o transporte noturno;
- (5) proteger os comboios com escoltas de segurança;
- (6) guardar os pontos críticos;
- (7) variar os procedimentos para evitar a rotina (horário e itinerário, principalmente).

e. Manutenção — A necessidade do homem manter seu equipamento, armamento e material em perfeitas condições de uso ressalta a importância da manutenção orgânica. Por outro lado, o menor emprego de equipamentos pesados, viaturas e armamentos de grande calibre, diminuem sensivelmente os trabalhos de manutenção, comparativamente com uma operação normal. Entretanto, o isolamento das frações de tropa, aliado às dificuldades de transportes e às grandes distâncias, exige a descentralização do apoio de manutenção, com a designação de equipes para a prestação de um apoio mais cerrado.

f. Saúde — A tropa que combate fica exposta a doenças em face do baixo nível sanitário das áreas onde, normalmente, se desenvolvem as operações. A adoção e a aplicação de medidas preventivas e de saneamento, com a finalidade de reduzir seu grau endêmico, diminuem as baixas e, em consequência, aliviam a cadeia de eva-

cuação e hospitalização.

g. O apoio aos elementos das polícias militares é prestado quando a situação o exigir. O comandante do batalhão logístico deve assessorar o comando da GU no sentido de evitar utilizar as unidades de polícia fora de suas sedes, e, quando o fizer, empregá-las de modo que seus efetivos sejam fracionados e distribuídos em reforço às unidades do Exército para se beneficiarem do seu apoio sem sobrecarregá-las.

9-5. APOIO ÀS OPERAÇÕES

a. Tendo em vista a amplitude das missões que o B Log pode receber, seu comandante, em íntima coordenação com o EM da GU, prepara planos minuciosos para apoiar as operações, em cada uma de suas fases. São feitas prescrições específicas quanto ao estabelecimento de prioridades para o apoio ao esquema de manobra, particularmente quanto às forças de combate que agem isoladamente.

b. Nas operações de contraguerrilha rural, a organização do batalhão para o apoio ao combate depende do grau de centralização da manobra da GU, influenciando na sua organização, inclusive, o tipo de ocupação da área de operações (ocupação como um todo ou progressiva).

c. Os meios devem ser empregados da maneira mais centralizada possível, a fim de aumentar seu rendimento.

d. Fatores tais como as possibilidades da rede rodoviária, amplitude da zona de ação, dispositivo e efetivo da tropa apoiada, bem como a segurança, podem determinar a descentralização de meios, particularmente de manutenção e de evacuação de pessoal.

e. Sempre que possível, o batalhão deve apoiar a manobra da GU de uma única área, evitando a abertura de subárea de apoio logístico.

f. A distância máxima de apoio fica condicionada às características da região de operações e à possibilidade do inimigo interferir no fluxo de suprimento. Os comboios de suprimento devem se deslocar, sempre que possível, sob a luz do dia devendo permanecer na B Cmb durante a noite. Somente em casos especiais, e desde que as medidas de segurança o permitam, o suprimento pode ser efetuado durante a noite.

g. Normalmente, neste tipo de operação, a situação logística é a de rotina, cabendo à região militar da área onde se desenvolve a operação apoiar o batalhão e as forças legais. O escalão superior pode desdobrar algumas instalações de apoio para cerrar seus meios ou reforçar os já existentes, quer no interior da A Ap Log, quer em suas proximidades.

h. O batalhão deve ter seus quadros instruídos e treinados para coordenar a ação de organismos civis locais ou enquadrar mão-de-obra disponível para a execução de diversos trabalhos.

9-6. PECULIARIDADE DO APOIO NA CONTRAGUERRILHA URBANA

a. O planejamento do batalhão para as operações de contraguerrilha urbana segue os mesmos princípios enunciados para a contraguerrilha rural.

b. No planejamento de emprego da unidade, o Cmt B Log deve envidar todos os esforços para manter os seus meios centralizados.

c. As condicionantes logísticas, normalmente, são as de rotina, com certas adaptações no que tange às atividades de evacuação, hospitalização e transporte.

d. Os postos de socorro das unidades apoiadas atuam como verdadeiros P Trg, prestando os primeiros socorros aos feridos, triando-os e acionando a sua evacuação para os hospitais, ambulatorios e pronto-socorro do centro urbano.

e. A hospitalização aproveita as instalações civis e militares existentes na localidade, obedecendo às diretrizes quanto à categoria dos feridos. Normalmente, os feridos das forças legais são evacuados para os hospitais militares, os feridos civis suspeitos para um ou mais hospitais civis transformados em hospital-prisão e, os demais feridos, para hospitais da rede hospitalar civil.

f. A segurança é o principal fator a ser considerado no planejamento dos transportes. Todo o movimento deve ser realizado durante as horas de luz, com especial cuidado para evitar-se a rotina de horário e itinerários. Além de contar com escoltas e outras medidas de segurança, os comboios devem dispor de viaturas-socorro para remover viaturas civis em pane e desafogar o tráfego, além de desempenharem sua missão normal. Em certos casos, e dentro das disponibilidades, podem ser usadas viaturas blindadas equipadas com lâminas para atuarem como elementos de limpeza das vias de transporte.

ARTIGO II OPERAÇÕES EM SELVA

9-7. GENERALIDADES

a. Selvas são áreas de florestas equatoriais ou tropicais densas e de clima quente superúmido ou úmido. Caracterizam-se por fraca densidade demográfica, baixo desenvolvimento industrial ou cultural, precárias condições de vida e acentuada escassez de vias de transporte terrestre.

b. O combate nas selvas é, fundamentalmente, uma luta de pequenas frações que operam contra o inimigo em pequenos compartimentos. Muitas vezes é caracterizado pela luta corpo-a-corpo. Na selva densa, o combate é conduzido, geralmente, por companhias, pelotões ou escalões menores. Em regiões de vegetação pouco densa, escalões maiores podem ser empregados. As operações de brigada dificilmente são conduzidas de modo centralizado.

c. Os meios de transporte terrestre mais eficientes na selva são o próprio

homem ou animais de carga. Há, entretanto, regiões de campo, cidades ou vilas onde a vegetação mais rarefeita permite o uso do transporte motorizado.

d. Os rios navegáveis e as águas costeiras constituem vias de transporte favoráveis numa região de selvas e devem ser exploradas ao máximo.

e. As características das operações em selva que mais influem no apoio logístico são:

- (1) frentes amplas;
- (2) dificuldades de transporte;
- (3) descentralização dos elementos de combate;
- (4) condução das operações por pequenas frações;
- (5) limitada observação aérea e terrestre;
- (6) indefinição de linha de contato.

f. As operações na selva amazônica, sem fugir ao quadro característico comum das operações em selva, apresentam peculiaridades específicas, tais como:

- (1) imposição freqüente de grandes deslocamentos;
- (2) ênfase especial ao transporte aéreo;
- (3) larga utilização do transporte fluvial;
- (4) ênfase às operações ribeirinhas;
- (5) condicionamento das operações à via fluvial;
- (6) importância das poucas e esparsas localidades;
- (7) deficiência da rede rodoviária;
- (8) necessidade de operações conjuntas ou combinadas das três forças singulares.

9-8. CONDICIONANTES PARA O APOIO LOGÍSTICO

a. Fundamentalmente, as atividades de logística não sofrem alterações substanciais nos seus princípios de emprego; entretanto, cada uma delas deve sofrer pequenas adaptações a fim de se ajustar ao meio onde se realizam as operações e à sua natureza especial, com necessidades próprias de apoio.

b. Um único mecanismo de apoio não é satisfatório para todas as necessidades. Uma combinação de meios de transportes terrestres, aquáticos e aéreos deve ser usada, dependendo da disponibilidade de unidades especializadas e das condições locais do terreno.

c. As características das operações em selva criam para o apoio logístico as seguintes condicionantes:

- (1) necessidade de adoção de métodos, processos e técnicas especiais, gerando uma logística especial em função daquelas características;
- (2) dificuldade de manter a regularidade do apoio, resultante do isolamento das áreas de combate e da disseminação das forças, implicando na ênfase da economia e conservação dos suprimentos;
- (3) inclusão das bases de combate na cadeia do apoio logístico, por se tra-

tarem de regiões que se prestam à instalação dos órgãos logísticos do escalão considerado e onde o escalão superior faz chegar seu apoio, formando um sistema regular, flexível e digno de confiança;

(4) manutenção, nas bases de combate, dos menores níveis de suprimento, compatíveis com a operação planejada;

(5) planejamento centralizado e execução descentralizada e flexível, decorrente da deficiência dos meios de transporte e das grandes distâncias.

d. O apoio logístico às operações de guerra na selva, em face das condições especiais do meio, tem acentuada influência nos planos operacionais, limitando, muitas vezes, a própria extensão das operações e o efetivo das forças empregadas.

9-9. PLANEJAMENTO E OPERAÇÕES

a. A disponibilidade de trilhas, estradas, vias aquáticas e campos de pouso, a densidade da vegetação natural, a estação do ano e as condições gerais do terreno têm uma influência direta nos tipos de transportes que podem ser usados e, conseqüentemente, no funcionamento do sistema de apoio.

b. As instalações logísticas podem, muitas vezes, ser desdobradas em balsas ou chatas. Esta pode ser uma boa solução, considerando a precariedade dos recursos locais existentes na selva e a natureza das operações, normalmente do tipo ribeirinhas. Essa solução evita transbordos e facilita o controle e a segurança das instalações.

c. Os reconhecimentos de vias de suprimentos e de áreas de aterragem devem ser contínuos; as vias de transporte e os postos de distribuição de suprimento alternativos devem ser reconhecidos e preparados.

d. Todo elemento que atuar independentemente deve ter junto a si uma fração de apoio logístico, de forma que disponha do apoio mínimo julgado imprescindível.

e. Suprimento

(1) Para o estabelecimento dos níveis, em geral, deve ser considerado o (a):

- (a) disponibilidade dos meios de transporte;
- (b) confiança que se pode depositar no fluxo de suprimento;
- (c) freqüência na distribuição dos suprimentos;
- (d) tempo de duração das viagens, fator de grande significação pelas grandes distâncias a percorrer.

(2) Em princípio, o B Log entrega todas as classes de suprimento nas instalações logísticas das bases de combate de valor unidade e, em certos casos, até mesmo de valor subunidade, cabendo a esses escalões a entrega aos seus elementos subordinados. A grande dificuldade consiste em dosá-los de forma conveniente, a fim de que não comprometam as operações seja por falta, seja por excesso.

(3) A distribuição do suprimento de subsistência deve ser visualizada partindo da necessidade de se ter plena certeza que o último homem do dispositivo

está sendo adequadamente suprido. A quantidade de rações a ser conduzida pelo soldado deve ser determinada em função de vários fatores, tais como:

- (a) quantidade de alimento que pode ser levado à frente;
- (b) ocasião em que o reabastecimento poderá ser efetuado;
- (c) duração estimada da operação.

(4) A ação do calor e da umidade sobre os gêneros alimentícios exige que os mesmos sejam preparados e embalados com cuidados especiais. A estocagem de suprimentos não perecíveis ao longo das vias fluviais que balizam as direções de atuação, deve atingir a níveis consideráveis, devido à morosidade dos transportes fluviais, aos riscos de perda de embarcações com respectiva carga, por ação do inimigo ou dos próprios rios, e da impossibilidade de se fazer navegação noturna segura na maioria dos cursos de água. O controle e a estocagem de suprimento devem ser minuciosos, a fim de se evitar a perda por deterioração de suprimento estocado por tempo demasiado ou por distribuição inadequada.

(5) Suprimento classe II — De uma maneira geral sua duração é curta, particularmente uniformes, calçados e material de acampamento. Devem permanecer em embalagens especiais à prova de água até o início da utilização. A oportunidade de distribuição destes suprimentos deve, sempre que possível, coincidir com os períodos em que a tropa estiver em campos ou áreas de repouso, a fim de evitar as dificuldades de transporte para a frente.

(6) Os combustíveis líquidos em grosso são transportados em embarcações-tanque; para a distribuição, é realizado o fracionamento em tonéis, latas e camburões para facilitar o transporte e a estocagem. Cuidado especial deve ser dado aos lubrificantes que são muito afetados pelo calor e umidade; é conveniente adotar pequenos recipientes que sejam abertos e usados sem restos a guardar.

(7) As dificuldades de transporte no interior da selva impõem restrição ao uso de armamento pesado, diminuindo, conseqüentemente, as necessidades de suprimento CI V. O consumo é sensivelmente reduzido, limitando-se quase que exclusivamente à munição para o armamento individual e armas coletivas automáticas e, ainda estas, com baixo fator de consumo.

(8) A dificuldade em se estabelecer cantinas em todas as B Cmb, associada à importância deste tipo de suprimento como fator de elevação do moral, faz com que os suprimentos reembolsáveis sejam, em determinados períodos, distribuídos gratuitamente junto com o suprimento CI I.

(9) A distribuição dos suprimentos CI VIII é feita informalmente, por meio dos diferentes elementos de saúde. Há um considerável incremento nos fatores de consumo e reposição, já que o ambiente de selva propicia maior incidência de perdas fora de combate. A Cia e as instalações de saúde mantêm níveis de suprimento mais elevados que nas operações normais.

(10) O suprimento para manutenção de viaturas tem seu consumo reduzido, mas é, em parte, substituído por aqueles necessários à manutenção dos motores de lanchas e demais embarcações.

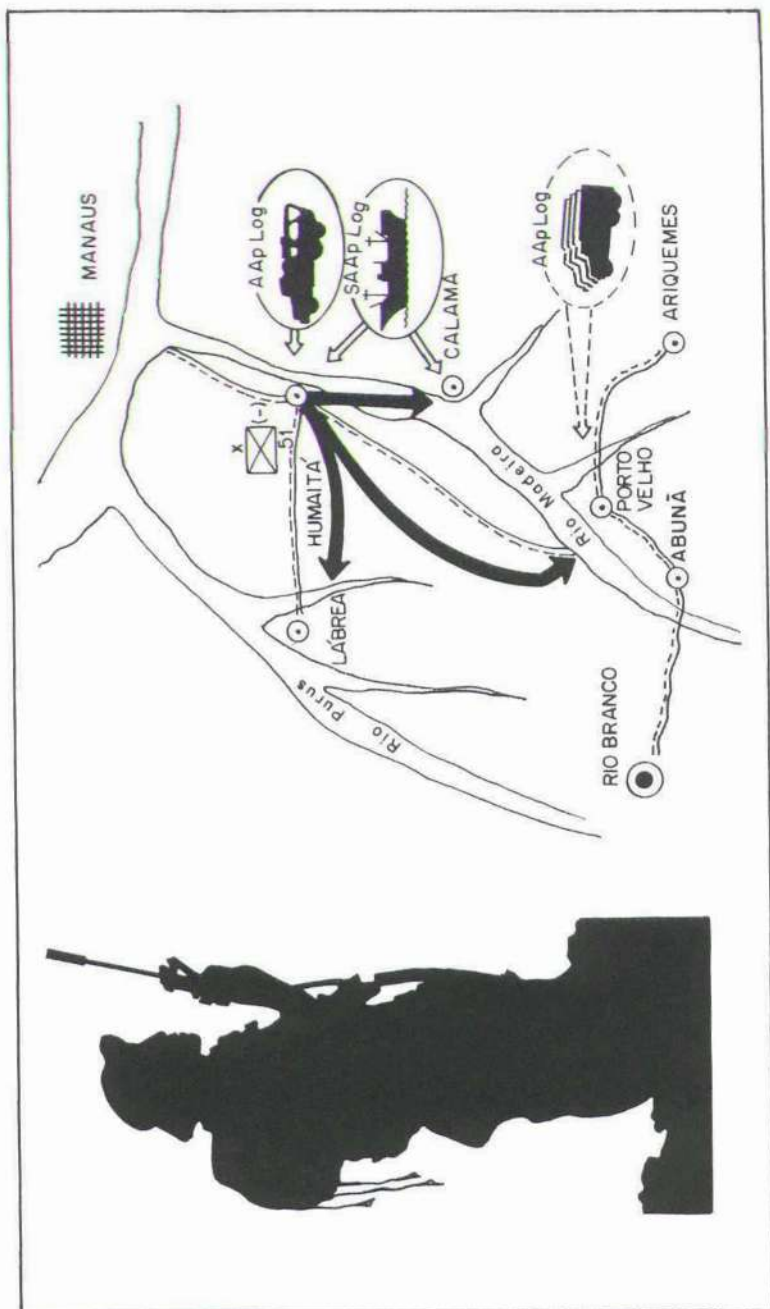


Fig 9-2. Apoio do B Log às operações de selva

f. Transporte

(1) A predominância da selva e dos rios determina, desde logo, a necessidade de transporte fluvial em todos os escalões. No entanto, a utilização das estradas, quando existentes, deve ser feita com grande intensidade, por apresentar maior rendimento.

(2) O meio básico de transporte na selva é o aquático por ser o mais económico e, muitas vezes, o mais seguro. A utilização das aquavias, demandando grandes espaços de tempo para o transporte, exige complementação pelo transporte aéreo.

(3) Nos pequenos escalões é comum o emprego de animais de carga e carregadores para complementar os meios orgânicos de transporte.

(4) Para conseguir a máxima eficiência dos meios de transporte, pode ser necessário estabelecer pontos de transferências de carga, isto é, as viaturas, aeronaves ou embarcações maiores transportam os suprimentos o mais à frente possível; estes são então transferidos para outros menores e mais leves que, por sua vez, são usados para levar os suprimentos, mais à frente ainda. Animais de carga ou destacamentos de carregadores levam, então, os suprimentos para seu destino final.

(5) A atividade de transporte é realizada, normalmente, durante as horas de luz.

g. Saúde

(1) A evacuação de feridos em operações de selva é um problema que sofre sérias restrições, agravado pela incidência de grande quantidade de perdas por causas psiquiátricas.

(2) Aumenta muito o número de feridos que necessitam transporte em padiolas, comparativamente às operações em terreno comum, porque mesmo feridos leves ficam impossibilitados de se locomoverem devido às dificuldades do terreno.

(3) As grandes distâncias, a lentidão e o desconforto da evacuação por padiolas na selva, indicam a necessidade de se levar o atendimento e os primeiros socorros o mais à frente possível. O atendimento do ferido deve ser feito o mais próximo do local onde ocorreu o ferimento e, assim, é desejável a presença de médicos e enfermeiros nos escalões mais baixos.

(4) Todos os tipos de transporte, seja por água, por terra ou pelo ar devem ser usados para transportar os feridos para a retaguarda.

h. Manutenção

(1) A ação da chuva, umidade e lama sobre o material e equipamento de uso individual ressaltam a importância de uma intensificação no preparo individual do combatente, a fim de que a manutenção orgânica dos materiais em geral seja a mais eficiente possível.

(2) Os equipamentos mais suscetíveis de panes são os de comunicações, havendo necessidade de se ampliar os meios de manutenção para atender a essa contingência.

(3) A menor densidade de equipamentos, viaturas e armamentos de grandes calibres, diminui as necessidades de um apoio aproximado aos elementos de primeiro escalão. Meios de manutenção móveis, à base de balsas ou lanchas-oficinas têm o mais amplo emprego.

(4) A distribuição de pequenas embarcações com motor a escalões de comando como GC e Pel, para as operações táticas, implicam na necessidade de estas frações estarem habilitadas a realizar pequenas reparações.

9-10. DESDOBRAMENTO DO BATALHÃO

a. Considerando as grandes frentes, a dificuldade de realização dos transportes e a influência do meio ambiente sobre eles, bem como a dissociação no emprego dos meios de combate, impõe-se na maioria das vezes o desdobramento do batalhão em uma área de apoio logístico e até duas subáreas de apoio logístico. Desta forma, todos os BI SI terão junto a si, quando empregados, uma estrutura de apoio logístico que se liga diretamente ao escalão superior.

b. Para se beneficiar da segurança e propiciar o apoio cerrado, as instalações logísticas do batalhão (particularmente a SA Ap Log) desdobram-se nas bases de combate de valor unidade. A área de apoio logístico desdobra-se em local que permita atender ao grosso da GU.

c. O desdobramento de mais de uma SA Ap Log cria alguns problemas para a articulação dos meios. Porém, não raro, é essa a única maneira de assegurar um apoio cerrado a elementos de combate de valor unidade muito dissociados e localizados, a maior parte das vezes, a cavaleiro das grandes vias de penetração da selva, terrestres ou fluviais.

d. Eventualmente e por curtos espaços de tempo, parte dos meios do batalhão podem ser desdobrados nas bases de combate de unidade ou subunidade, como reforço.

e. Tendo em vista as peculiaridades da guerra na selva, o apoio do escalão superior pode ser levado diretamente à A Ap Log, à SA Ap Log e até mesmo às bases de combate das unidades. O apoio do escalão superior é materializado pelas seguintes ações:

(1) entrega de todas as classes de suprimentos nas instalações logísticas da GU; para tanto, desdobra instalações logísticas avançadas ou utiliza processos especiais de suprimento, particularmente o aéreo;

(2) suplementação das atividades de manutenção e saúde;

(3) realização da evacuação de feridos, PG, mortos e salvados a partir da A Ap Log ou SA Ap Log e complementação, quando necessário, da evacuação de feridos e mortos desde as bases de combate;

(4) entrega, na A Ap Log ou na SA Ap Log, dos recompletamentos devidamente processados e aclimatados;

(5) reforço da GU com pelotões ou equipes de assuntos civis, pelotão de sepultamento e meios de transporte.

ARTIGO III

OPERAÇÕES AEROMÓVEIS E AEROTERRESTRES

9-11. GENERALIDADES

a. **Operação aeromóvel** — É uma operação na qual as forças de combate com seus equipamentos deslocam-se em aeronaves orgânicas, em reforço ou sob controle operacional, nas proximidades da área de combate, sob o controle do comandante da força terrestre, para cumprir uma missão no quadro de uma manobra tática ou engajar-se no combate.

b. **Operação aeroterrestre** — É a operação combinada relacionada com o movimento aéreo e a introdução de forças de combate, com seus respectivos apoios, numa determinada área para a execução de missão tática ou estratégica.

c. Os elementos das forças terrestres, integrantes das operações aeromóveis e aeroterrestres, são normalmente organizados em três escalões: de assalto, de acompanhamento e recuado. (Fig 9-3).

d. Nas operações aeroterrestres importantes, o assalto inicial normalmente é realizado por pára-quedistas.

9-12. APOIO LOGÍSTICO

a. A operação aeroterrestre (ou aeromóvel) é caracterizada por um grande consumo de munições, relativo consumo de combustíveis, óleos e lubrificantes, aumento das necessidades de manutenção e evacuação de material salvo e capturado, grande número de baixas e acentuado aumento nas necessidades de transporte de feridos.

b. A natureza dispersa das operações em sua fase inicial, a dificuldade de definição do inimigo e a atuação em terreno desconhecido, longe da base de partida, refletem-se no apoio do B Log emprestando ao mesmo os seguintes reflexos:

- (1) necessidade de apoiar todos os grupamentos de forças;
- (2) descentralização inicial do apoio logístico;
- (3) necessidade de conservar meios disponíveis para o apoio em todas as fases da operação;
- (4) dificuldade de determinação exata dos meios necessários, implicando em equacionar o apoio logístico com base em estimativas, ensejando excessos ou faltas de material nas fases iniciais do assalto.

c. A quantidade e o tipo dos suprimentos e equipamentos transportados pelas forças aeromóveis ou aeroterrestres de assalto são indicados pelas necessidades iniciais de combate. São influenciados pelas possibilidades de manuseio da unidade aeroterrestre, pela disponibilidade e capacidade de carga das aeronaves, pela data prevista para a junção ou o retraimento, pelas condições meteorológicas previstas e pelas possibilidades do inimigo.

d. As fases de suprimento empregadas nas operações são o suprimento de assalto, de acompanhamento e normal.

(1) Os suprimentos de assalto são aqueles introduzidos na cabeça-de-ponte aérea pelas unidades no momento de sua chegada; são distribuídos às unidades antes do aprestamento, a fim de permitir a preparação para o movimento aéreo e o lançamento durante o assalto.

(2) Os suprimentos de acompanhamento são os enviados após o desembarque de assalto inicial, a fim de suprir as unidades até que os procedimentos normais de suprimento possam ser estabelecidos. A remessa é feita pela aterragem de aeronaves, por meio de lançamento por pára-quedas ou pelo lançamento em queda livre.

e. Atividade de suprimento

(1) Classe I — As rações de assalto e individuais de combate são transportadas por todas as unidades que entram na área do objetivo. As rações de combate são normalmente empregadas para o suprimento do escalão de acompanhamento das forças.

(2) Classe III — Os veículos e máquinas são embarcados nas aeronaves com os tanques de combustíveis cheios até um nível de segurança (geralmente 3/4 da capacidade do tanque). O combustível e os lubrificantes adicionais são transportados em cada veículo. Inicialmente, o suprimento de combustível e lubrificantes para os veículos é enviado em pequenos recipientes. Durante as fases subseqüentes da operação, os combustíveis podem ser remetidos, em grosso, para a área do objetivo. O posto de suprimento e as reservas prescritas de classe III (aviação) são localizados nas proximidades do aeródromo base.

(3) Classe IV — Nas operações aeromóveis, deve-se dar particular atenção aos suprimentos usados no preparo de zonas e pistas de aterragem.

(4) Classe V (munições) — A quantidade e o tipo de suprimento de munições para o assalto varia em cada operação. A dotação prescrita das unidades é determinada para cada operação. Os suprimentos de acompanhamento incluem os tipos de munição necessária e permitem a continuidade das operações de combate. A situação do inimigo na área do objetivo, freqüentemente, exige mudanças nas quantidades e tipos de suprimentos de acompanhamento planejados para a remessa.

(5) Classe VIII — As necessidades em suprimento de saúde são incrementadas, devendo o escalão de assalto transportar suprimento suficiente para durar até a ocasião prevista para o reabastecimento ou junção.

(6) Demais classes — Normalmente, o escalão de assalto não transporta suprimento de outras classes. Quando necessário, estes serão fornecidos mediante pedido.

f. Nas operações de duração limitada, os elementos de saúde em apoio devem estar preparados para reter os pacientes até 72 horas, se a evacuação da cabeça-de-ponte aérea se tornar retardada. As instalações de saúde necessárias devem ser localizadas nas proximidades de adequadas instalações de aterragem.

g. Uma norma de evacuação rígida para um longo período não pode ser esta-

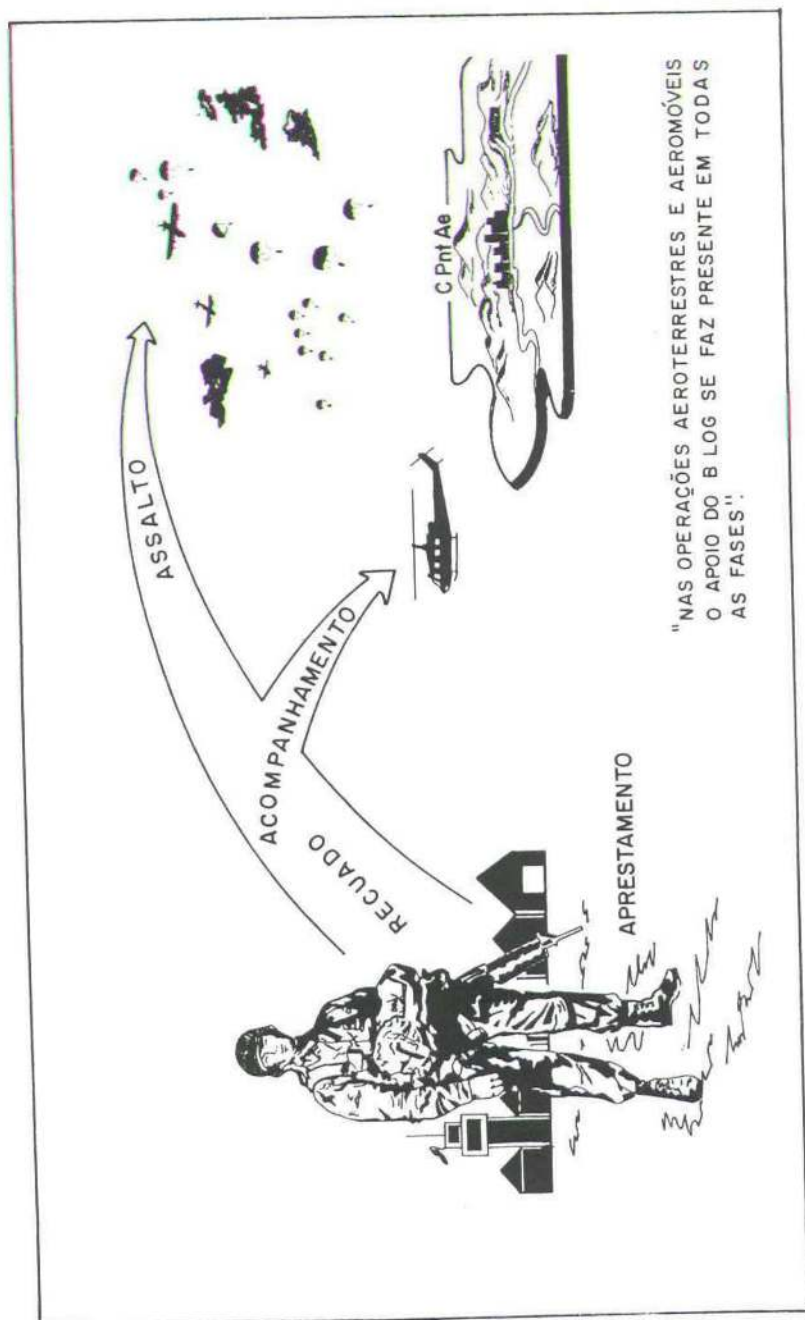


Fig 9-3. Apoio do B Log nas operações aeromóveis e aeroterrestres

belecida com antecedência; ela é modificada segundo o que permitem ou exigem as circunstâncias. O serviço de saúde da força aeroterrestre supervisiona o transporte de feridos para a instalação de aterragem designada para a evacuação aérea do objetivo. Durante as fases iniciais do assalto, os feridos podem ser evacuados diretamente dos postos de socorro das unidades.

h. Os meios de transporte na cabeça-de-ponte aérea são limitados. Por conseguinte, é maior a dependência dos meios da força aérea para a entrega dos suprimentos diretamente aos usuários. Deve ser feita a máxima utilização dos veículos inimigos capturados, a fim de complementar os limitados recursos de transporte.

i. O problema da manutenção é ampliado pelo limitado número de tropas de material bélico na área do objetivo, e pelos danos resultantes do mau funcionamento durante o lançamento aéreo do equipamento. A fim de reduzir ao mínimo as necessidades, deve ser realizada antes da partida uma manutenção intensiva para assegurar o mais elevado grau de prontidão operacional de todo o equipamento que deve ser encaminhado à área do objetivo. A manutenção durante o assalto inicial é normalmente executada pelo pessoal de material bélico orgânico das unidades apoiadas, complementada por elementos do Pel L Mnt. Nas operações da brigada pára-quedista, a Cia MB (menos os elementos de suprimento, de evacuação e leves de manutenção) e equipes em reforço (se for o caso), entram na área do objetivo juntas com o escalão de acompanhamento.

9-13. ORGANIZAÇÃO PARA O APOIO

a. Conseqüente da característica descentralizada da operação, o B Log Pqdt organiza suas subunidades para o apoio ao combate segundo um escalonamento que atenda às necessidades de apoio durante todas as fases da manobra concebida pela GU. Esta composição normalmente pode modificar-se logo que seja estabelecido o controle centralizado.

b. Comando do batalhão

(1) Escalão de assalto — Acompanham este escalão os elementos necessários ao estabelecimento do núcleo do PC do B Log; normalmente, o S Cmt e elementos do EM da unidade.

(2) Escalão de acompanhamento — Cmt e restante do EM do B Log.

c. Companhia de saúde

(1) Escalão de assalto — Inicialmente elementos do Pel Trg se lançam com os Pel S das unidades apoiadas para fins de coordenação do apoio a ser prestado; em seguida às primeiras vagas, são lançados destacamentos avançados constituídos de padioleiros e elementos do Pel Amb com suas respectivas viaturas. O grosso do escalão de assalto, constituído pelos elementos restantes do Pel Trg e equipes de cirurgia, normalmente aerotransportado, é desembarcado nas últimas vagas do escalão de assalto.

(2) Escalão de acompanhamento — Compreende todo o restante do material pesado, pessoal e equipamento não incluídos nos escalões de assalto e recuado.

(3) Escalão recuado — Normalmente, compreende o pessoal da administração e o material pesado não necessário à operação.

d. Companhia de intendência

(1) Escalão de assalto — São lançados elementos de reconhecimento da Cia Int para identificar e reconhecer o local da companhia e os locais de desdobramento das instalações. Elementos do Pel Sup são também introduzidos na cabeça-de-ponte aérea.

(2) Escalão de acompanhamento — Em princípio, a Cia Int (—) acompanha este escalão. Chegando à cabeça-de-ponte aérea, o Cmt da subunidade reassume a responsabilidade e o controle dos suprimentos e providencia a instalação dos P Distr da GU.

(3) Escalão recuado — É composto por elementos da administração da Cia e de controle de suprimento, tudo em função da disponibilidade de meios de transporte e da missão recebida pela GU.

e. Companhia de material bélico

(1) Escalão de assalto.

(a) Em consequência da capacidade das aeronaves e da pouca probabilidade da execução da manutenção na fase do assalto, as viaturas oficinas e o equipamento pesado na companhia não acompanham o escalão de assalto. Ele é normalmente equipado com viaturas leves, jogos de ferramentas e suprimentos de peças de reparação de material bélico de acordo com o tipo de material lançado pelas unidades apoiadas.

(b) As equipes são formadas normalmente por mecânicos de armamento e de viaturas leves, tendo em vista a predominância destes tipos de material no escalão de assalto, sendo controladas pelo Pel L Mnt e lançadas juntamente com os Pel Mnt e Trnp das unidades apoiadas.

(c) Equipes de coleta e evacuação de salvados do Pel Sup Ev também integram o escalão de assalto.

(2) Escalão de acompanhamento — É constituído do pessoal, viaturas e equipamentos não necessários à fase do assalto, ou que não possam ser lançados ou desembarcados das aeronaves de assalto. Normalmente é constituído pela Cia MB (—).

(3) Escalão recuado — Constituído de elementos da administração da companhia, assume os encargos administrativos da subunidade nos aeródromos de partida de onde vai remetendo para a companhia os suprimentos que sejam necessários.

f. Companhia de comando e serviços

(1) Escalão de assalto — Em princípio, elementos do Pel Cmdo (Sec Com) são lançados juntos com elementos do comando do B Log para a instalação de um núcleo de PC do batalhão.

(2) Escalão de acompanhamento — Neste escalão desloca-se a maioria dos meios da subunidade.

(3) Escalão recuado — Constituído pelos elementos da administração da subunidade.

9-14. OPERAÇÕES DO BATALHÃO LOGÍSTICO DA BRIGADA DE INFANTARIA PÁRA-QUEDISTA

a. Inicialmente, durante a fase do assalto, elementos do comando do B Log instalam, junto ou nas proximidades da 4ª seção da Bda, um núcleo de PC/B Log que utiliza as instalações de comunicações do posto de comando da GU. À medida que elementos adicionais do comando do B Log entram na área do objetivo, este é expandido e assume a sua missão normal.

b. O carregamento de combate distribui os suprimentos de assalto pelas aeronaves de tal modo que o essencial, ao início do combate, esteja prontamente disponível para as unidades na ocasião do desembarque. O equipamento crítico pode ser duplicado para a segurança contra perdas ou danos. Os suprimentos do escalão de acompanhamento são carregados por classes nas aeronaves que os transportam, a fim de facilitar o descarregamento, o manuseio e a entrega na cabeça-de-ponte aérea.

c. Todos os pedidos que têm origem na cabeça-de-ponte aérea, referentes ao apoio logístico a serem fornecidos de fora da cabeça-de-ponte aérea, são processados por intermédio do B Log.

d. Antes que estejam disponíveis instalações de aterragem melhoradas na cabeça-de-ponte aérea, os suprimentos são remetidos para as unidades usuárias por meio de pára-quedas, queda livre, ou aterragem de assalto em zonas de aterragem não preparadas. Os suprimentos de acompanhamento são desembarcados, ao máximo possível, em instalações de aterragem preparadas, ainda que precárias. Os artigos de grande peso são desembarcados o mais à frente possível. Os artigos de baixo consumo são remetidos aos postos de suprimentos. Os helicópteros não especializados, em reforço, são empregados para compensar a falta de transporte terrestre.

e. A evacuação de pessoal, de material salvado ou capturado é realizada pelas aeronaves de retorno, segundo prioridades estabelecidas pelo comando da GU.

f. As operações de transporte terrestre na cabeça-de-ponte dependem do número e dos tipos de veículos que podem ser introduzidos na área do objetivo ou que tenham sido capturados.

g. Em princípio, as considerações para instalação de uma A Ap Log de GU aeroterrestre seguem os mesmos princípios preconizados para as demais GU. Como norma geral, o desdobramento do batalhão é realizado em uma posição central dentro da cabeça-de-ponte aérea, mantendo-se a devida distância de segurança em relação à linha de contato.

CAPÍTULO 10

LIGAÇÕES E COMUNICAÇÕES

10-1. MEIOS DE COMUNICAÇÕES

a. A capacidade de apoio do batalhão depende, entre outras coisas, da eficiência de um sistema de ligações e de comunicações, o qual deve proporcionar segurança e flexibilidade, permitindo ao comando um efetivo controle administrativo da unidade.

b. Os sistemas de comunicações devem ser planejados de modo a utilizar, plenamente, as possibilidades do pessoal e do material de comunicações para obter a máxima eficiência sob condições de combate e suficiente flexibilidade nas mudanças de missão.

c. Os meios de comunicações normalmente disponíveis no batalhão são os meios por fio, rádio, mensageiros, visuais e acústicos. Seu emprego depende, em cada subunidade, do pessoal, equipamento e viaturas constantes dos respectivos quadros de organização e dotação.

d. Os vários meios de comunicações apresentam diferentes possibilidades e limitações; em consequência, devem ser utilizados de modo que se complementem sem haver dependência exclusiva de um deles. Em uma determinada situação, os meios empregados devem ser os que proporcionem maior confiança, flexibilidade, sigilo e rapidez, com o mínimo de esforço e material.

10-2. NECESSIDADES INTERNAS DE COMUNICAÇÕES

a. As necessidades internas incluem os meios indispensáveis ao controle e coordenação das atividades da unidade. A instalação e manutenção do sistema de comunicações interno é da responsabilidade do comandante do batalhão.

b. O sistema interno deve proporcionar ao comando os meios para o desem-

penho das seguintes funções:

- (1) direção e controle do apoio logístico;
- (2) controle tático e administrativo da unidade;
- (3) troca de informes e informações;
- (4) operações de segurança de área de retaguarda.

10-3. NECESSIDADES EXTERNAS DE COMUNICAÇÕES

a. As necessidades externas de comunicações incluem as instalações por meio das quais a unidade mantém comunicações com o escalão superior, com as unidades vizinhas, apoiadas, de apoio e em reforço, com a finalidade de receber dados e informações necessárias ao cumprimento da missão.

b. O sistema externo proporciona meios para a execução das seguintes missões:

- (1) controle do apoio logístico;
- (2) controle tático e administrativo;
- (3) troca de informes e informações;
- (4) coordenação com as unidades apoiadas e com o escalão logístico superior;
- (5) coordenação das frações empregadas em apoio direto;
- (6) recepção de alarmes;
- (7) controle das operações de segurança de área de retaguarda.

10-4. SISTEMA DE COMUNICAÇÕES POR FIO

a. O desenvolvimento do sistema de comunicações por fio depende, principalmente, de:

- (1) meios disponíveis;
- (2) prazo para estabelecimento;
- (3) necessidades imediatas da unidade;
- (4) necessidades futuras da unidade;
- (5) tempo que a unidade vai permanecer na área de apoio logístico.

b. No estabelecimento do sistema por fio do batalhão a maior prioridade deve ser dada aos circuitos necessários à execução do apoio logístico (Fig 10-1).

c. O sistema por fio é constantemente aperfeiçoado, quer pela duplicação dos circuitos por itinerários diferentes, quer pela transformação dos circuitos rastejantes em aéreos, ou pelo remanejamento de linhas situadas próximas a pontos críticos do terreno.

d. O número de centrais telefônicas depende da quantidade de circuitos necessários a da capacidade das respectivas centrais. Pode tornar-se necessário o uso de duas centrais justapostas, notadamente, na área do PC do batalhão, a fim de dar real flexibilidade e segurança ao sistema.

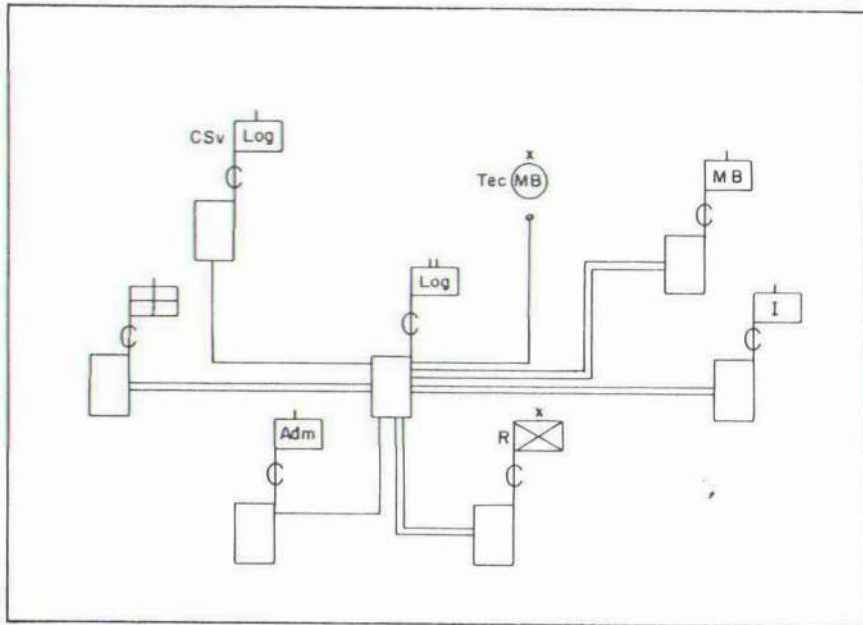


Fig 10-1. Diagrama dos circuitos físicos do B Log (típico)

10-5. SISTEMA RÁDIO

a. Dobrando ou substituindo os circuitos telefônicos, ou muitas vezes, como o único meio com possibilidades de utilização, o rádio tem largo emprego no apoio logístico, principalmente nas situações de movimento.

b. O rádio deve estar sempre em condições de ser utilizado, como o único meio de comunicações ou substituindo os outros meios de comunicações, total ou parcialmente, para permitir que a unidade cumpra sua missão sem solução de continuidade.

c. A rede-rádio é uma série de postos rádio, de mesmas características, operando na mesma frequência e coordenados por um dos postos, denominado posto diretor de rede (PDR). O batalhão instala ou participa das seguintes redes (Fig 10-2):

- (1) rede do comandante da GU;
- (2) rede administrativa da GU;
- (3) rede administrativa do Ex Cmp;
- (4) rede de alarme (escuta);
- (5) rede de comando do batalhão.

d. Os indicativos e as frequências constam das Instruções para a Exploração das Comunicações (I E Com).

e. No batalhão, normalmente, os motoristas dos Gp Cmdo desempenham

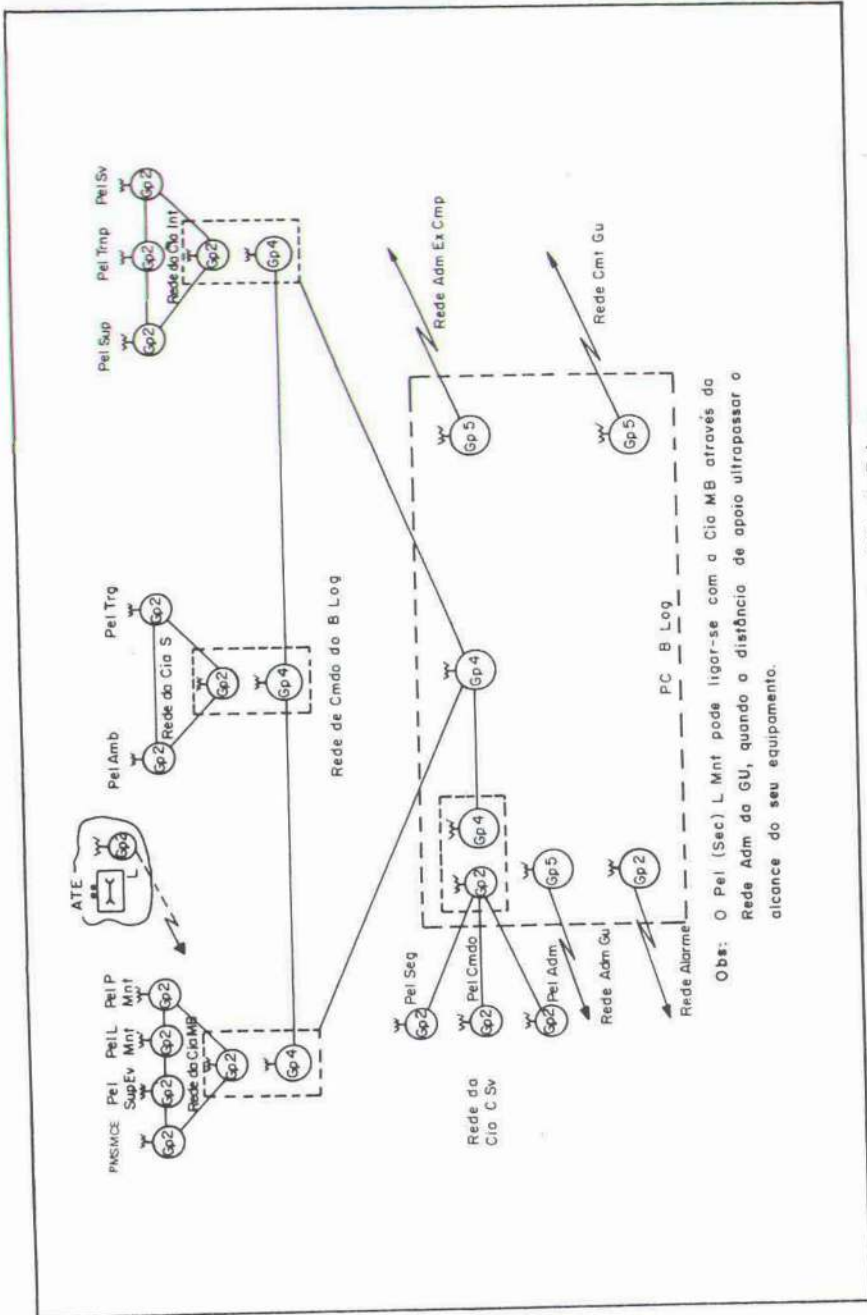


Fig 10-2. Diagrama das redes-rádio do B Log

cumulativamente as funções de radioperador.

10-6. SISTEMA DE MENSAGEIROS

a. Dependendo em grande parte do pessoal, o sistema de mensageiros exige uma cuidadosa seleção dos homens que devem desempenhar a função.

b. A situação tática ou a falta de disponibilidade de outros meios de comunicações, em dado momento, pode determinar o amplo emprego dos mensageiros.

CAPÍTULO 11

SEGURANÇA

ARTIGO I

SEGURANÇA DA UNIDADE

11-1. SEGURANÇA IMEDIATA

a. O comandante do batalhão é o responsável pela segurança da unidade. Executa as medidas determinadas pelo comando da GU, bem como adota medidas relativas à segurança imediata da unidade.

b. A segurança inclui todas as medidas tomadas por um comando para proteger a unidade da espionagem, sabotagem, observação, inquietação ou ataques surpresa. Elas podem ser **ativas** ou **passivas**. As medidas ativas envolvem poder de fogo e o emprego de tropa. As medidas passivas incluem a observação, cobertura, dispersão, camuflagem e o aproveitamento do terreno. O B Log, normalmente, emprega uma combinação de medidas ativas e passivas.

c. É preciso ter sempre presente a possibilidade de atuação do inimigo, causando danos a pessoal e material. Tal consideração, entretanto, não deve implicar na adoção de uma mentalidade defensiva, mas, ao contrário, estimular o emprego de medidas ativas de segurança.

d. Os destacamentos de segurança são necessários em qualquer situação. Sua missão é proteger a unidade contra o ataque de surpresa e a observação terrestre do inimigo. Eles garantem ao comando da unidade a liberdade de ação e o tempo necessário para desdobrar seus meios em caso de ação inimiga. Estes destacamentos devem ser móveis e devem possuir um eficiente sistema de alarme, inclusive meios de comunicações e de observação que lhes permitam alertar imediatamente a unidade quanto a qualquer ação terrestre ou aérea do inimigo.

11-2. SEGURANÇA DURANTE OS MOVIMENTOS

a. O batalhão logístico, ao se deslocar isoladamente, é responsável por sua própria segurança. Quando realiza uma marcha, o faz motorizado; em consequência, seus elementos de segurança são também motorizados. Podem variar desde uma pequena patrulha até o valor de uma subunidade.

b. A segurança à frente é exercida por uma vanguarda. Sua organização varia com as condições locais e a situação tática.

c. A segurança nos flancos pode restringir-se a manter a velocidade do movimento com observação constante sobre eles. Quando surge a necessidade de adoção de outras medidas, organizam-se pequenas patrulhas para emprego a curta distância e com missões específicas. O patrulhamento contínuo dos flancos somente é assegurado quando existem estradas paralelas, mas o emprego efetivo de pequenas patrulhas fora das estradas, em terrenos dominantes e postos de observação, proporciona uma vigilância razoável. Os destacamentos de flancoguarda não são suficientemente fortes para deter o inimigo; sua missão é alertar o comando, em tempo útil, das atividades inimigas, motivo pelo qual devem ser equipados com rápidos e eficientes meios de comunicações.

d. A segurança da retaguarda da coluna é obtida por uma força denominada retaguarda. Esta pode ser mais fraca que a vanguarda, salvo se houver perigo iminente de ser surpreendida por uma força de maior mobilidade.

11-3. SEGURANÇA NOS ALTOS

a. Sempre que o batalhão realiza um alto temporário, estabelece um sistema de postos avançados. A missão dos postos avançados é proteger o grosso da tropa contra a surpresa e a observação aproximada do inimigo.

b. A composição do sistema varia em cada situação. Estabelecem-se comunicações entre os elementos do sistema de postos avançados e o grosso da tropa. Se o inimigo consegue penetrar em qualquer parte do sistema de proteção, o grosso imediatamente adota medidas para sua própria defesa.

c. Os altos devem ser realizados, em princípio, em áreas não habitadas ou pouco populosas. Se não é possível observar esta prescrição, devem ser tomadas medidas para conservar os civis afastados da área.

11-4. SEGURANÇA NOS ESTACIONAMENTOS

a. Na sua maioria, as ações do inimigo, contra as quais se devem precaver as unidades de apoio logístico em estacionamentos ou nos locais de trabalho, são realizadas por patrulhas a pé, incursões motorizadas ou blindadas, ataques aéreos e por elementos aeroterrestres ou aerotransportados.

b. A não ser em situação excepcional, a segurança contra a intervenção de elementos terrestres pode ser obtida, normalmente, por meio de pequenos destaca-

mentos de segurança, cobrindo as vias de acesso prováveis.

c. Em posições excessivamente expostas, pode ser necessário um completo e coordenado sistema de segurança, com elementos preparados para resistir energicamente. A segurança contra ataques aéreos é sempre necessária, devendo existir um plano de ação bem definido nesse sentido.

11-5. SEGURANÇA NA ÁREA DE APOIO LOGÍSTICO

a. Em geral, as medidas para reduzir a vulnerabilidade de uma área com relação a um tipo de ameaça, podem acarretar o aumento desta vulnerabilidade em relação a outros tipos de ataque e prejudicar a eficiência do elemento considerado, pon-do em risco o cumprimento da missão. A dispersão para evitar os efeitos de um ataque aéreo, por exemplo, aumenta a vulnerabilidade à infiltração do inimigo e facilita as ações de sabotagem. Assim, esse conflito de necessidades deve ser bem considerado, e em cada situação particular, é buscada uma solução aceitável.

b. A maior vulnerabilidade de uma instalação logística resulta da própria natureza dos trabalhos que nela são realizados, obrigando a uma maior permanência numa mesma área. Dessa maneira, há maior probabilidade de sua localização e de ataque, pelo inimigo, terrestre ou aéreo, havendo necessidade de previsão de uma ou mais áreas de muda, da (s) qual (is) o B Log possa continuar prestando o apoio.

c. Uma nova área de apoio logístico torna-se, normalmente, altamente vulnerável, logo após a sua ocupação, devido ao desconhecimento e à adaptação ao novo local. O tempo de permanência, por sua vez, permite melhorar os sistemas de segurança, aumentando-os até um ponto ótimo. Daí em diante, a estabilização dos sistemas tende a reduzir a sua eficiência, pelo uso de rotinas, particularmente se o inimigo não se mostra muito ativo durante períodos relativamente longos. Especial atenção deve ser dada à camuflagem.

d. Uma situação muito estável e prolongada, torna muito difícil a manutenção de um espírito ofensivo. A fim de dinamizar a defesa, é necessário que todo o pessoal participe, ativamente, de uma maneira ou de outra, no esforço das medidas de segurança, as quais devem ser freqüentemente mudadas e testadas, por intermédio de inspeções e de exercícios.

e. Quando o inimigo terrestre (guerrilheiros ou elementos infiltrados) se mostram ativos na região da nova área, é preferível ocupá-la durante o dia. Isso depende, também, das atividades e possibilidades aéreas do inimigo. Se necessário, a área pode ser ocupada por meio de um movimento por escalões. Neste caso, devem ser tomadas medidas especiais de contra-emboscada.

f. Antes da ocupação de uma nova área, o Cmt do batalhão faz um estudo, sob o ponto de vista de segurança, considerando todas as informações existentes sobre a mesma. Em seguida, dentro das disponibilidades de tempo e de meios, particularmente de reconhecimento aéreo, realiza um reconhecimento da área a ser ocupada, procurando selecionar os pontos e as áreas que devem ser mantidos com vis-

tas à segurança.

- g. Na ocupação de uma nova área, as seguintes medidas devem ser tomadas:
- (1) estabelecimento de postos de guarda no perímetro da área;
 - (2) patrulhamento no exterior da nova área;
 - (3) preparação e camuflagem dos locais destinados às diversas instalações logísticas, de administração e de pessoal;
 - (4) estabelecimento de uma seqüência para ocupação da área, por parte de cada elemento;
 - (5) exigência, ao máximo, de esforço na segurança, no período inicial da ocupação.

h. Após a ocupação da nova área, devem ser tomadas as seguintes medidas de segurança, na seqüência que se segue:

- (1) estabelecimento de um plano de defesa aproximada para a área;
- (2) estabelecimento das comunicações internas e com o escalão superior;
- (3) estabelecimento de normas de controle de circulação, das quais devem participar todos os elementos da área sem que tal controle dificulte as missões de apoio;
- (4) melhoria do sistema de defesa, tais como a colocação de obstáculos, artifícios de detecção e outros meios julgados convenientes;
- (5) aperfeiçoamento dos planos de patrulhas.

i. Além dessas providências, o Cmt do batalhão deve manter uma **força de reação** no interior da A Ap Log. Essa força, formada por elementos orgânicos ou em reforço, de apoio ou de combate, atua como uma reserva sob o comando do responsável pela defesa das instalações.

ARTIGO II

SEGURANÇA DE ÁREA DE RETAGUARDA

11-6. RESPONSABILIDADES

a. O termo segurança de área de retaguarda (SEGAR) refere-se às ações realizadas pelas forças da área de retaguarda para evitar ou minimizar a interferência do inimigo, um evento destruidor ou catástrofes da natureza.

b. As medidas de SEGAR consistem em maximizar as possibilidades de defesa e apoio entre os elementos de apoio administrativo e de apoio ao combate, sem que haja necessidade de emprego de efetivos consideráveis de elementos de combate em seu auxílio. O objetivo é evitar interrupções nas missões dos elementos de apoio ao combate e de apoio administrativo.

c. A SEGAR divide-se em dois tipos de ações: **defesa de área de retaguarda (DEFAR)** e **controle de danos (CD)**.

d. Dentro do plano de segurança geral, o E4 da GU é o responsável pelo pla-

nejamento e execução de medidas de segurança na área de retaguarda.

e. A área de retaguarda da GU é dividida em “subáreas” de retaguarda. Normalmente, cabe ao batalhão logístico as missões de SEGAR no interior de uma subárea cabendo a responsabilidade pelo planejamento e conduta das ações no seu interior ao comandante do batalhão.

11-7. MISSÃO DO BATALHÃO NA SEGAR

a. A missão do batalhão em uma subárea é proteger os recursos existentes no seu interior, para evitar ou minimizar a interferência do inimigo, de um evento destruidor ou catástrofe da natureza, particularmente sobre as atividades de apoio administrativo e de apoio ao combate.

b. A missão, contudo, não inclui as ações de defesa aérea ou a neutralização de ameaças inimigas que comprometam a A Rg como um todo. Uma ação inimiga em larga escala torna-se parte de um combate e, como tal, deve ser tratada como um assunto operacional.

c. A missão é cumprida tendo como base o planejamento, diretrizes, procedimentos e normas baixadas pelo escalão superior.

d. No desempenho de sua missão, o comandante de uma subárea pode vir a desempenhar as seguintes funções, conforme determinado pelo escalão superior:

(1) assessorar o escalão superior quanto à localização de unidades na subárea e à determinação de seus limites de responsabilidade;

(2) baixar diretrizes quanto ao controle de pessoal e de recursos da subárea;

(3) realizar a coleta, processamento e difusão da situação inimiga e de elementos amigos na subárea;

(4) planejar as medidas de CD e as ações de DEFAR na subárea de sua responsabilidade;

(5) exercer o comando e o controle de forças de DEFAR, conforme as necessidades;

(6) prestar o apoio logístico aos elementos de combate designados como força de DEFAR.

e. O comandante de uma subárea é subordinado, para fins de SEGAR, ao comandante da A Rg da GU, e o seu planejamento segue as diretrizes do escalão imediatamente superior.

f. O comandante da subárea coordena os planos de DEFAR e CD de todos os elementos situados no interior da subárea. Assim sendo, todos os elementos estacionados ou em trânsito na subárea ficam subordinados ao comandante do B Log para fins de SEGAR.

g. Todos os assuntos referentes à segurança de área de retaguarda devem ser submetidos à coordenação de estado-maior, por meio do E4 e ficam sujeitos à sua supervisão.

ARTIGO III

DEFESA DE ÁREA DE RETAGUARDA

11-8. RESPONSABILIDADES

a. As medidas de DEFAR são ações desenvolvidas para impedir ou neutralizar ameaças do inimigo às unidades, instalações e atividades na área de retaguarda. Excetuam-se as operações de defesa aérea ativa ou as operações que possam comprometer as forças como um todo.

b. Enquanto a ameaça inimiga não for de molde a comprometer a segurança das forças, nem exigir o desvio de elementos de combate, cabe ao E4 da GU a responsabilidade pelo planejamento e execução das atividades que visem a prevení-la ou neutralizá-la. Caso contrário, constituindo-se em uma ação em força contra a área de retaguarda, colocando em risco a integridade das forças como um todo, cabe ao E3 da GU a supervisão das ações a serem realizadas.

c. O objetivo da repartição da área de retaguarda em subáreas é descentralizar as atividades iniciais de DEFAR e possibilitar imediata intervenção na ocorrência de ação inimiga, ainda que considerando-se a própria segurança local estabelecida em cada unidade localizada na área de retaguarda.

11-9. ORGANIZAÇÃO DA SUBÁREA

a. Baseando-se nos efeitos prováveis da linha de ação de maior possibilidade de adoção pelo inimigo, o comandante da subárea a divide em áreas de objetivos prováveis.

b. As áreas de objetivos podem ser tanto uma instalação de apoio administrativo como um grupo de instalações dentro de uma região. As dimensões dessas áreas de objetivos dependem das possibilidades do inimigo e da natureza das suas ações.

c. Na determinação do grau de defesa desejável em cada porção da subárea, o comandante deve analisar, entre outros, os seguintes fatores:

- (1) as possibilidades do inimigo;
- (2) as forças disponíveis;
- (3) o terreno;
- (4) o desenvolvimento das diversas atividades administrativas.

d. Baseado nos fatores citados e em outros que possam surgir durante o estudo de situação, o comandante da subárea designa as áreas a seguir especificadas (Fig 11-1).

(1) Regiões a defender — Trechos da subárea onde deve ser mantido, efetivamente, o controle e a posse por parte dos elementos encarregados da DEFAR, sob pena de tornar inviáveis as instalações e as atividades. A extensão e a quantidade dessas regiões independem dos meios existentes para a sua defesa; antes, são dita-

das pela necessidade de defendê-las.

(2) Áreas de patrulhamento — Trechos da subárea externos à (s) região (ões) de defesa, onde o patrulhamento deve ser intensivo, a fim de detectar o inimigo e, se possível, destruí-lo. As patrulhas devem fornecer, no mínimo, alerta com tempo suficiente para que as regiões de defesa possam se proteger contra os ataques inimigos.

(3) Áreas de vigilância — Trechos do terreno circunvizinhos à subárea, que são de interesse para sua defesa. Normalmente, permitem a observação para o interior da subárea e a montagem de ações por parte do inimigo. Trechos das EPS de interesse para a subárea e oleodutos são considerados áreas de vigilância.

e. Após haver estabelecido as áreas de objetivos, o comandante da subárea determina zonas de reunião para os elementos encarregados da DEFAR. Essas Z Reu, principais e alternativas, devem ser localizadas fora das áreas de objetivos e servem para que os elementos de DEFAR se reúnam para coordenação final das operações.

11-10. PLANEJAMENTO DAS AÇÕES

a. O planejamento das operações de DEFAR deve levar em conta a pior hipótese, isto é, aquela que exige o maior emprego de meios simultaneamente. Uma vez posto o plano em execução, dificilmente será possível empregarem-se meios que não constem do planejamento, particularmente devido à rapidez das ações.

b. Os planos devem ser revistos constantemente. O comandante da subárea deve manter-se sempre informado, a fim de adaptá-los às novas situações; do mesmo modo, os executantes devem estar alertados para tais modificações e serem suficientemente flexíveis para readaptarem seus dispositivos e atitudes.

c. O planejamento deve iniciar-se com as medidas de defesa do local de cada elemento da subárea. A partir deste plano inicial básico, deve ser realizado o plano geral de defesa da subárea. A ocupação de uma instalação logística, área de apoio logístico ou área de reserva, implica na adoção imediata de segurança da área ocupada, sem que haja necessidade de ordens específicas do escalão superior para que tal ocorra.

11-11. DEFESA DA ÁREA DE APOIO LOGÍSTICO

a. A missão de um elemento de apoio logístico, quando atacado em sua área de trabalho, é de evitar a sua destruição e minimizar os danos que o inimigo possa causar à área como um todo.

b. O comandante do setor atacado deve comunicar o fato, de imediato, ao comandante da subárea ou ao comandante da A Rg da GU. Entretanto, não deve perder tempo, tentando estimar a extensão do ataque. Normalmente, todos os trabalhos cessam e o pessoal é empregado nas ações de defesa.

c. Os meios existentes no setor atacado são totalmente utilizados em sua de-

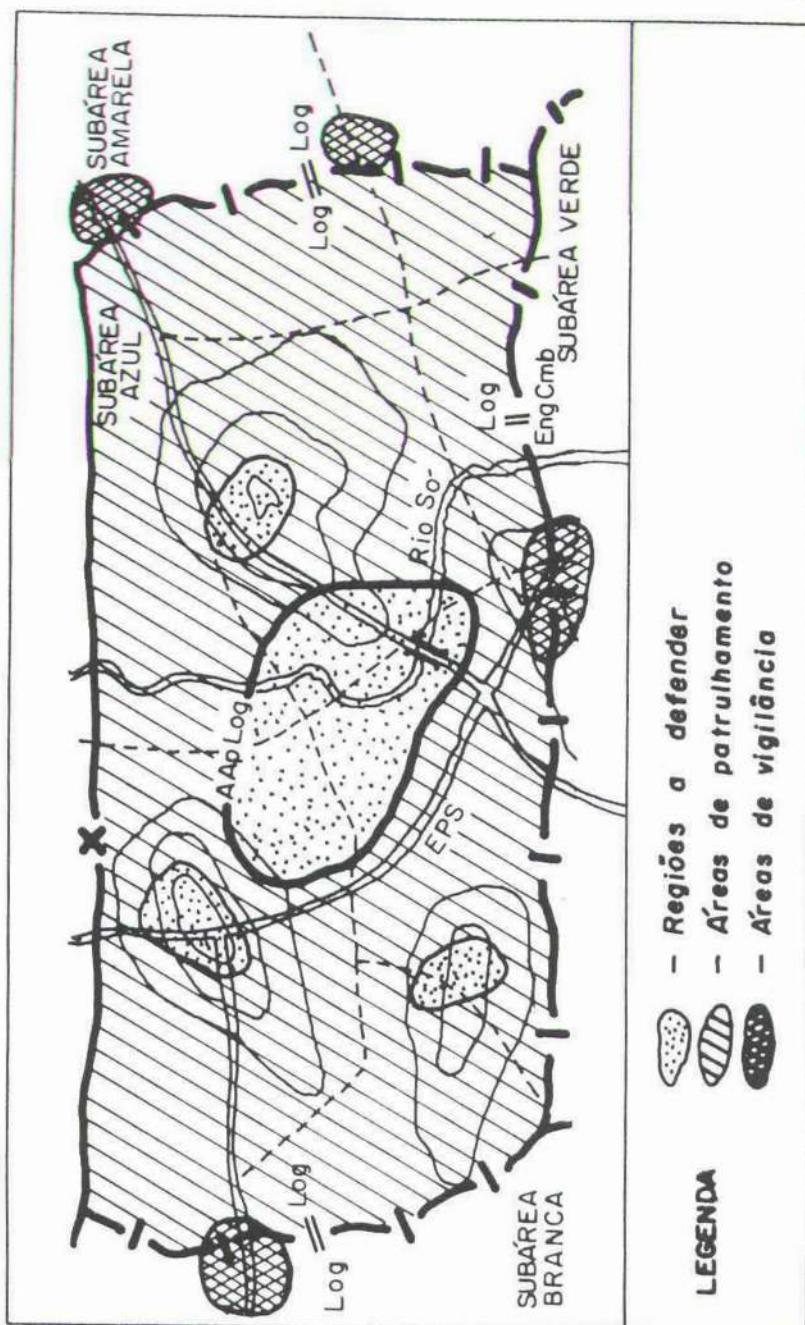


Fig 11-1. Organização da subárea para as ações de DEFAR, a cargo do B Log

fesa, o que significa o emprego, inclusive, do material bélico já recuperado ou em recuperação, que possa ser utilizado contra o inimigo. Assim, o armamento de um carro de combate, cujo trem de rolamento esteja sendo recuperado, pode ser utilizado pelo pessoal de MB (ou pela guarnição do carro de combate) para a defesa da área.

d. O comandante da área de apoio logístico exerce o comando por meio do elemento designado como comandante da defesa da área, na condução do plano de defesa, cuja atitude deve ser essencialmente ofensiva. As operações ofensivas são iniciadas o mais cedo possível pelo emprego dos elementos em reserva, quer do próprio setor atacado, quer da subárea ou de ambas simultaneamente.

e. O sigilo é essencial no planejamento e execução das ações de defesa. Geralmente o inimigo planeja as suas ações levando em conta o que ele conhece sobre as rotinas e, particularmente, sobre as contramedidas executadas anteriormente. Assim, cada plano de defesa, em princípio, deve ser utilizado uma só vez.

11-12. DEFESA DA SUBÁREA

a. É impraticável a defesa em todos os pontos de uma subárea, por intermédio do emprego de meios em todos esses pontos, simultaneamente. Se por um lado, a defesa de uma instalação logística ou de uma área do apoio logístico permite o emprego concentrado de elementos de defesa, por outro lado o mesmo não ocorre com as vias de transporte de superfície (EPS e oleodutos), áreas de homizio, faixas de infiltração e pontos críticos no interior da subárea, pela impossibilidade de se manter uma força de reação em toda a extensão da subárea.

b. Portanto, no caso particular do apoio logístico, a defesa da EPS e dos trechos de oleodutos na subárea é extremamente difícil, tendo em vista a natureza linear dos mesmos, tornando-os mais susceptíveis aos ataques inimigos do que as instalações fixas, por contarem estas com maiores meios de defesa.

c. Entretanto, a vulnerabilidade da EPS e oleodutos, pode ser minimizada pelo emprego de elementos de defesa (F DEFAR), com capacidade de pronta reação, e, também, aproveitando-se da presença de elementos que normalmente utilizam as EPS, como os elementos da PE e de transporte dos escalões superiores.

d. A segurança da subárea pode assumir uma ou mais das formas que se seguem.

(1) Segurança passiva — Consiste nas medidas tomadas com relação à segurança, sem, contudo, haver o emprego significativo de meios de pessoal e material; as medidas de segurança passiva são empregadas em todas as situações e sob todas as condições, em conjunto com as demais medidas de segurança; essas medidas são o produto de um programa longo e continuamente aperfeiçoado, com vistas a um sistema integrado de segurança.

(2) Reconhecimento — Para fins de DEFAR, o reconhecimento é entendido como a observação de pontos ou regiões ao longo de uma via de transporte,

faixa de infiltração ou áreas de homizio, com uma frequência tal que permita o emprego da F DEFAR em tempo útil.

(3) Patrulhamento terrestre — O patrulhamento, com relação à DEFAR, implica na capacidade do emprego de poder de fogo na atividade de reconhecimento; o patrulhamento de uma via de transporte terrestre ou faixas de infiltração engloba a via em si e as áreas adjacentes que possam ser utilizadas como área de homizio ou das quais o inimigo possa lançar operações do tipo emboscada; portanto, no estabelecimento de missões de patrulha, deve ser levado em conta o tempo necessário para que a patrulha possa reconhecer, em minúcias, todos os pontos e áreas ao longo de um itinerário considerados de interesse para a segurança da subárea.

e. As tropas de engenharia, comunicações e outras, localizadas na subárea de defesa, são responsáveis pela defesa de suas próprias instalações e canteiros de trabalho, cujo planejamento deve ser coordenado com o comandante da subárea.

f. Os elementos em reserva, normalmente motorizados, mecanizados, blindados e, eventualmente, helitransportados, devem ser mantidos em zona (s) de reunião, com possibilidades de atender, dentro de um prazo de reação compatível, as diversas hipóteses de emprego dentro da subárea.

g. Estes elementos de combate, designados como F DEFAR de uma subárea, devem ser empregados conforme suas características básicas. Normalmente, uma subárea recebe elementos de combate valor subunidade ou pelotão. Sua principal missão é fixar e destruir o inimigo ou manter os elementos hostis suficientemente desequilibrados, para impedir que eles lancem operações ofensivas com sucesso. No caso de ocorrerem ataques, empregam-se as forças de DEFAR rapidamente para destruir o inimigo ou para contê-lo, até que sejam fornecidos reforços.

ARTIGO IV

CONTROLE DE DANOS

11-13. RESPONSABILIDADES

a. O controle de danos (CD) consiste em medidas preventivas e de controle levadas a efeito antes, durante e após ataque inimigo (convencional, nuclear, químico e biológico) ou catástrofe natural, destinadas a reduzir a probabilidade de danos e minimizar seus efeitos sobre as operações de combate, de apoio ao combate e de apoio administrativo.

b. Nas operações de CD, usa-se o termo **incidente** para indicar a ocorrência de danos, resultantes de um único ataque ou uma catástrofe causada pela natureza.

c. Todos os escalões de comando e instalações em geral têm responsabilidades referentes ao controle de danos, devendo existir um planejamento para responder às possíveis eventualidades.

d. Os principais meios disponíveis para o CD na área de retaguarda são o pessoal e o equipamento dos elementos de apoio administrativo que operam na A Ap Log, cujas instalações podem propiciar ao inimigo as melhores oportunidades de causar danos globais. O emprego deste pessoal, entretanto, deve ser bem avaliado a fim de não comprometer o funcionamento das atividades de apoio.

e. O comandante do batalhão logístico, responsável por uma subárea na SE-GAR, é também o responsável pelo planejamento, coordenação e execução das medidas e ações de controle de danos.

11-14. PLANEJAMENTO DAS OPERAÇÕES DE CONTROLE DE DANOS

a. Uma vez estabelecidas as áreas de objetivos e as Z Reu, o comandante da subárea planeja as operações de CD (Fig 11-2).

b. Cada área de objetivos deve ter uma prioridade de atendimento. Isto pode ser feito atribuindo-se às áreas uma numeração em ordem de prioridade de operações de CD.

c. Dentro das áreas de objetivos, cada comandante prepara planos de CD para execução por seus elementos. O comandante da subárea coordena os planos das instalações e das unidades, e os integra num plano único para a subárea.

d. As áreas que não tenham interesse militar (áreas civis), também podem ser designadas como áreas de objetivos. A prioridade de tais áreas inicia-se, normalmente, após a numeração da última área de objetivos militares de interesse para as operações. Cabe ao escalão superior à subárea baixar diretrizes quanto ao CD em áreas civis.

11-15. LEVANTAMENTO DE DANOS

a. O levantamento de danos é uma providência inicial importante da segunda fase das operações de CD. Consiste num exame direto da área afetada, a fim de estimar os danos causados. O levantamento de danos constitui a base para as ações subsequentes de CD.

b. Baseado no levantamento dos danos causados pelo incidente, o comandante da área ou subárea de retaguarda determina as equipes necessárias para a execução das operações de CD.

c. Essas equipes, formadas com elementos, seções, grupos ou pelotões, pertencentes às unidades e subunidades de apoio ao combate, de apoio administrativo e elementos civis, são organizados de modo “funcional”, isto é, orientadas para os diversos tipos de incidentes que podem ocorrer no controle de danos, tais como equipes de bombeiros, equipes de saúde, tratoristas, etc. Em princípio, as equipes permanecem juntas às unidades ou subunidades de origem, realizando os seus trabalhos normais, e são acionadas conforme as necessidades das operações de CD.

d. A maioria das funções necessárias às medidas de CD são melhor desempenhadas por elementos que, em sua atividade normal, já as exercem. As equipes para

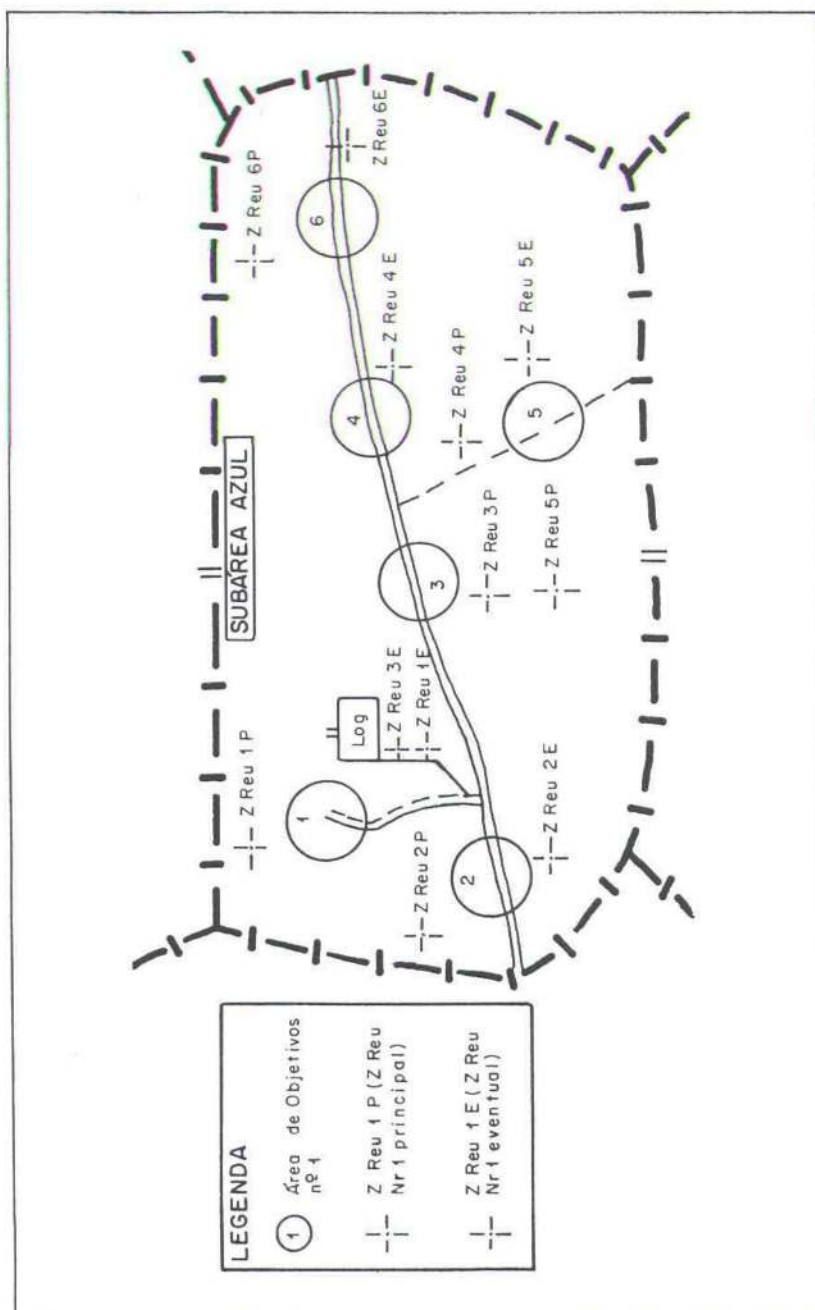


Fig 11-2. Organização de uma subárea para as ações de controle de danos

o desempenho de funções especiais devem ser organizadas conforme o planejamento para o seu emprego, considerando-se as diversas especialidades dos elementos de uma fração de tropa.

e. É importante, para a manutenção da eficiência das equipes, que elas sejam organizadas e empregadas por **frações constituídas**, isto é, mantendo-se a organização com a qual desempenham suas atividades normais e sendo comandadas pelos respectivos comandantes. Isto não somente evita a necessidade de treinamento para o pessoal não acostumado com a função ou atividade que dele se espera no CD, como também, provavelmente causa menos impacto no desempenho de sua missão principal de apoio.

ANEXO A

MEMENTO DE ESTUDO DE SITUAÇÃO DE LOGÍSTICA

(Como oficial de estado-maior especial — Estudo de 1ª fase)

(Classificação Sigilosa)

Unidade / GU
Local PC (da GU)
Data-hora

ESTUDO DE SITUAÇÃO DE LOGÍSTICA

Rfr: (Cartas, mapas, calcos e outros documentos necessários à compreensão do estudo)

1. MISSÃO

- a. Missão do elemento apoiado
- b. Missão do B Log

2. SITUAÇÃO E LINHAS DE AÇÃO

- a. Considerações que afetam as possíveis linhas de ação
 - (1) Características da região de operações
 - (a) Condições meteorológicas
 - (b) Terreno

(Classificação Sigilosa)

(Classificação Sigilosa)

(2) Situação do inimigo

(3) Nossa situação

b. Possibilidades do inimigo

c. Nossas linhas de ação

3. ANÁLISE DAS LINHAS DE AÇÃO OPOSTAS

4. COMPARAÇÃO DAS NOSSAS LINHAS DE AÇÃO

5. CONCLUSÃO

a. Indicar se, sob o ponto de vista logístico, a missão da GU pode ser cumprida.

b. Indicar a (s) linha (s) de ação que pode (m) contar com o melhor apoio logístico.

c. Indicar os inconvenientes, sob o ponto de vista logístico, apresentados pelas linhas de ação não relacionadas no subparágrafo b.

d. Relacionar os principais problemas e restrições, com respeito ao batalhão, que devem ser levados ao conhecimento do comandante da GU. Apresentar propostas específicas para a solução de tais problemas.

a) _____
Cmt B Log

Anexos:

(Classificação Sigilosa)

ANEXO B

MEMENTO DE ESTUDO DE SITUAÇÃO DE LOGÍSTICA

(Como comandante de tropa — Estudo de 2ª fase)

(Classificação Sigilosa)

Unidade / GU
Local PC (da GU)
Data-hora

ESTUDO DE SITUAÇÃO DE LOGÍSTICA

Rfr: (Cartas, mapas, calcos e outros documentos necessários à compreensão do estudo)

1. MISSÃO

- a. Manobra da força apoiada
- b. Enunciado da missão — Finalidades
- c. Ações a realizar — seqüência
- d. Condições de execução
 - 1) Imposições do escalão superior
 - 2) Prazos
 - 3) Limites da Z Aç
 - 4) Outras

(Classificação Sigilosa)

(Classificação Sigilosa)

e. Conclusão — Novo enunciado da missão

2. SITUAÇÃO E LINHAS DE AÇÃO

a. Considerações que afetam as possíveis linhas de ação

- 1) Operações a apoiar
- 2) Características da área de operações
 - a) Condições climáticas e meteorológicas
 - (1) Situação existente
 - (2) Efeitos sobre as operações do inimigo
 - (3) Efeitos sobre a missão de apoio
 - (4) Efeitos sobre o emprego do agente QBN
 - b) Terreno
 - (1) Situação existente
 - (a) Observação
 - (b) Cobertas e abrigos
 - (c) Obstáculos
 - (d) Acidentes capitais
 - (e) Vias de acesso (rodovias e ferrovias)
 - (f) Construções existentes na área
 - (g) Portos e praias (somente para operações anfíbias)
 - (h) Outros
 - (2) Efeitos sobre as operações do inimigo
 - (3) Efeitos sobre a missão de apoio
 - c) Situação da área
 - (1) Recursos locais
 - (2) Apoio das autoridades civis
 - (3) Apoio da população
 - (4) Efeitos sobre as operações do inimigo
 - (5) Efeitos sobre a missão de apoio
- 3) Situação do inimigo
 - a) Dispositivo
 - b) Atividades importantes recentes e atuais
 - c) Efeitos sobre a missão de apoio
- 4) Nossa situação
 - a) Situação tática
 - (1) Dispositivo atual das tropas a apoiar
 - (2) Nosso dispositivo atual
 - (3) Dispositivo para as operações projetadas
 - (4) Determinação das necessidades em cada dispositivo

(Classificação Sigilosa)

(Classificação Sigilosa)

- (a) Suprimento
- (b) Transporte
- (c) Saúde
- (d) Evacuação de material
- (e) Manutenção
- b) Situação logística
 - (1) Localização de instalações logísticas do escalão superior
 - (2) Localização de instalações logísticas vizinhas
 - (3) Localização de nossas instalações
 - (4) Determinação das disponibilidades
 - (a) Suprimento
 - (b) Transporte
 - (c) Saúde
 - (d) Evacuação de material
 - (e) Manutenção
 - (5) Distâncias de apoio
 - (6) Nossos meios
- c) Efeitos sobre a missão de apoio

b. Dificuldades previstas

- 1) Possibilidades do inimigo
- 2) Terreno
- 3) Nosso dispositivo
- 4) Outras

c. Nossas linhas de ação

3. ANÁLISE DAS LINHAS DE AÇÃO OPOSTAS

a. Dificuldades que mais afetarão nossas linhas de ação

- 1) Possibilidades do inimigo mais prováveis
- 2) Terreno
- 3) Nosso dispositivo
- 4) Outras

(Classificação Sigilosa)

(Classificação Sigilosa)

b. Análise propriamente dita

1) LA 1

- a) Inimigo
- b) Terreno
- c) Nosso dispositivo
- d) Outras

2) LA 2 – (Idêntica à LA 1)

4. COMPARAÇÃO DAS NOSSAS LINHAS DE AÇÃO

LA	FATORES	VANTAGENS	DESVANTAGENS
	Inimigo		
	Terreno		
	Nosso dispositivo		
	Outras		

5. DECISÃO

Transcrever a linha de ação selecionada, fazendo referência a quem apóia quem, de onde apoiar, como apoiar (forma de emprego) e missões a atribuir aos elementos subordinados.

a) _____
Cmt B Log

Anexos:

(Classificação Sigilosa)

ANEXO C

MODELO DE ORDEM DE OPERAÇÕES DO B LOG

(COM CALCO DE DESDOBRAMENTO)

(Classificação Sigilosa)
(Confirma ordens verbais)

EXEMPLAR Nr 2
15º B Log
Faz G PAULA SILVA
D-3/0800
MB-1

ORDEM DE OPERAÇÕES Nr 8

Rfr: Carta SP — 1:50.000
Fls: Foz Rio TURVO — CARDOSO
Composição de meios
(Parágrafo 3º)

1. SITUAÇÃO

- a. Forças inimigas — Possibilidades do inimigo
1) Atuar com guerrilheiros (Elm F Esp)
2) Atuar com F Ae

(Classificação Sigilosa)

(Classificação Sigilosa)

b. Forças amigas

- 1) A 15ª Bda Inf Mtz defenderá no corte do Rib do MARINHEIRO
- 2) A 16ª Bda Inf Mtz defenderá o flanco Sul
- 3) O 8º RC Mec defenderá o flanco Norte
- 4) O 21º Gpt Log A apoia a Bda durante toda a operação
- 5) O 26º Gpt Log R apoia a Bda durante toda a operação
- 6) O 5142º Pel Op As Civ apoiará a Bda
- 7) A F Ae cooperará com 8 sortidas de Ev Aem

c. Meios recebidos e retirados

- 1) Recebidos
 - a) 1051º Pel Cir Mv (Ct Op).
 - b) 1º/5º Esq C Mec (DEFAR).
- 2) Retirados — nenhum.

2. MISSÃO

A fim de proporcionar apoio logístico à 15ª Bda Inf Mtz, apoiar, desde já, as operações de defesa, no corte do Rib do MARINHEIRO.

3. EXECUÇÃO

a. Conceito da Operação

- 1) Manobra
 - a) O 15º B Log executará o Ap Log desdobrando-se, desde já, na Faz G. PAULA SILVA (14-83), de onde apoiará a operação. Se necessário, e mediante ordem, realizará uma mudança de A Ap Log para a R de Faz JOSÉ RIBEIRO (13-85), de onde continuará apoiando as Aç da Bda.
 - b) Apoiará os Elm orgânicos da Bda, o 1051º Pel Cir Mv e o 5142º Pel Op As Civ e a 15ª Cia Adm.
 - c) Abertura da A Ap Log
 - (1) Em Faz G. PAULA SILVA — D-3/1800.
 - (2) Em Faz JOSÉ RIBEIRO — A regular.
 - d) Prioridade de apoio — Elm de 1º Escalão.
- 2) Desdobramento logístico — Anexo A, Calco de Desdobramento.

b. Cia Cmdo Sv:

- 1) Planejar a segurança da A Ap Log
- 2) Anexo C — Plano de DEFAR
- 3) Anexo D — Plano de CD

(Classificação Sigilosa)

(Classificação Sigilosa)

c. Cia Int

1) Suprimento

a) CI I

- (1) P Sup CI I — No 21º Gpt Log A, em PONTES GESTAL
- (2) P Distr — Anexo A
- (3) Horário de distribuição de Sup — NGA
- (4) Pedidos de R2 — Dias ímpares a partir de D-3

b) OUTRAS CLASSES

- (1) P Sup OUTRAS CLASSES — Nº 21º Gpt Log A, em PONTES GESTAL.
- (2) A entrega do Sup será feita pelo Esc Sup diretamente nas unidades no período de D-3 a D+1. Após D+1 — A regular.

c) CI III

- (1) P Sup CI III — No 21º Gpt Log A, em PONTES GESTAL.
- (2) P Distr — Anexo A.
- (3) Horário de distribuição de Sup — NGA.
- (4) Crédito diário para o período de D-3/D
 - (a) 151º e 152º BI Mtz — 1.500 litros.
 - (b) 153º BI Mtz e 15º GAC 105 AR — 1000 litros.
 - (c) Demais Elm — 800 litros.

d) CI X

- (1) Localização do P Sup água — Anexo A.
- (2) Cartas — NGA.
- (3) Coordenar o funcionamento das cantinas móveis a serem desdobradas na A Ap Log, às 3ªs e 6ªs feiras.

2) Transporte

- a) EPS: Anexo A
- b) PCC Tran e PC Tran: Anexo A
- c) Movimentos diurnos somente permitidos por infiltração
- d) Prioridade
 - (1) Até D+1 — Sup, Tropa, Ev.
 - (2) Após D+1 — Tropa, Ev, Sup.

3) Serviços em campanha

- a) Não haverá Distr de alimentos refrigerados e fornecimento de pão no período de D-3 a D-1
- b) P Ban
 - (1) Localização: Anexo A.
 - (2) Funcionamento: 151º, 152º, 153º BI Mtz: 2ªs, 4ªs e 6ªs feiras. Demais elementos, 3ªs, 5ªs e sábados.

(Classificação Sigilosa)

(Classificação Sigilosa)

(3) Horário de funcionamento: NGA.

c) P Lav

(1) Localização: Anexo A.

(2) Funcionamento para toda a Bda: 3^{as} e 6^{as} feiras.

d. Cia MB

1) Organização do apoio

a) 1 Sec L Mnt Ref (Elm Ev) — Ap Dto ao 152º BI Mtz (+) a partir de D/0600

b) 1 Sec L Mnt Ref (Elm Ev) — Ap Dto ao 151º BI Mtz a partir de D/0600

c) Pel L Mnt (—) — Na ATE do 153º BI Mtz (—), prestando apoio ao conjunto ao 153º BI Mtz (—), ao 15º GAC e 15ª Cia Eng Cmb, ECD apoiar o 153º BI Mtz (—), quando empregado

d) Cia MB (—) — Em apoio ao conjunto, devendo complementar o apoio ao Pel L Mnt

2) Prioridades

a) Atendimento: 152º e 151º BI Mtz, Art e demais Elm, nessa ordem; para a Res quando empregada

b) Manutenção

(1) Até D+1: Armt, Vtr S/R, CC, Com.

(2) Após D+1: Armt, CC, Com, Vtr S/R.

3) Instalações da Cia

a) Anexo A

b) Suprimento das classes de material bélico: distribuição conforme

NGA

4) Controle da munição

a) 212º P Sup CI V, em PONTES GESTAL; abre em D—3/1800h

b) PCM: An A

c) Prioridade: 152º, 151º BI Mtz, Art e demais Elm, nesta ordem

d) Restrição, Mrt P 4.2 — 60% da necessária

e) A entrega será feita diretamente nas Unidades, no período de D—3 a D+1, para os seguintes tipos de munição:

(1) minas AP e AC;

(2) obuses 155 mm.

f) Crédito: Prio para 152º, 151º BI Mtz, Art e demais Elm, nesta ordem

(Classificação Sigilosa)

(Classificação Sigilosa)

e. Cia Saúde

- 1) Recebe o 1051º Pel Cir Mv, em Ct Op, em D-4/1800
- 2) O 852º HEv, encontrar-se-á em PONTES GESTAL, durante toda a operação
- 3) Planejar a Ev Aem, contando com 8 (oito) sortidas diárias após o dia D, de acordo com a seguinte prioridade: 152º e 151º BI Mtz; para a Res quando empregada; em princípio a prioridade obedecerá a gravidade e urgência dos casos
- 4) Instalações da Cia
 - a) Anexo A
 - b) Organizar uma ZPH nas imediações do P Cir Mv
 - c) Suprimento CI VIII: distribuição conforme NGA

f. 1051º Pel Cir Mv (controle operacional)

Desdobra-se na A Ap Log, conforme anexo A

g. 1º/5º Esq C Mec

Anexo C (DEFAR)

h. Prescrições diversas

- 1) Limites: em vigor a partir de D-3/1800
- 2) Dispositivo pronto: em D/1800
- 3) Distância de Seg A Ap Log: 10km dos últimos núcleos de aprofundamento
- 4) Distância máxima de apoio: 60 km
- 5) LEP: Rib TOMAZÃO
- 6) LET: Transversal Faz MARINHEIRO (10-84) — Faz S. JOSÉ (08-93)
- 7) Plano de Deslocamento da A Ap Log: An B
- 8) O 5142º Pel Op As Civ instalará na área de apoio logístico um posto de coleta de civis
- 9) A 15ª Cia Adm permanecerá sob o controle operacional do B Log para fins de desdobramento, deslocamento e segurança. Desdobra-se na A Ap Log, conforme Anexo A

4. ADMINISTRAÇÃO

a. Organização do apoio

- 1) Localização das instalações do Esc Sp

(Classificação Sigilosa)

(Classificação Sigilosa)

a) Do I Ex Cmp

- (1) 21º Gpt Log A: PONTES GESTAL, desde já.
- (2) Centro de Recuperação: R 40km E de PONTES GESTAL.
- (3) Cemitério de campanha: R a 35km E de PONTES GESTAL.

b) Da 15ª Bda Inf Mtz

- (1) P Col PG: Faz BOTAFOGO (08-85), abre em D-3/1200.
- (2) P Col Civ: na A Ap Log (Anexo A).
- (3) P Col Mor: na A Ap Log (Anexo A).

2) Elm a serem apoiadas

a) Apoio na AT do B Log

- (1) Orgânicos do batalhão.
- (2) 15ª Cia Adm.
- (3) 1051º Pel Cir Mv.
- (4) 1º/15º Esq C Mec.
- (5) 5142º Pel Op Ass Civ.

b) Apoio nas AT das unidades da Bda — Elementos das SU que foram destacados.

b. Logística

1) Suprimento

a) Horários de entrega de pedidos: NGA

b) Classe I

- (1) Autorizado o consumo de Rç R-2 nas ações de Patr.
- (2) Pedidos de R-2: dias ímpares a partir de D-3.
- (3) Cozinhas descentralizadas.

c) Classe II/IV — Entregue na A Ap Log pelo Esc Sp

d) Classe III — Crédito diário para o batalhão no período de D-3/D 800 litros

e) Classe V (Munição)

- (1) Minas AP e AC — Entregues na A Ap Log pelo Esc Sp.
- (2) PCM — An A.

f) Demais classes, NGA (sem restrições)

2) Transporte — NGA

3) Saúde

a) PS do 15º B Log: An A

b) Evacuação: NGA

4) Manutenção — NGA

5) Serviços diversos

a) Não haverá distribuição de pão e alimentos refrigerados no período de D-3 a D-1

(Classificação Sigilosa)

(Classificação Sigilosa)

b) Banho e lavanderia — NGA

c) Reembolsável: cantinas móveis, na A Ap Log, às 3^{as} e 6^{as} feiras

c. Pessoal

1) Efetivos, registros e relatórios

a) Sumário diário: as SU darão entrada até às 16 horas

b) Efetivo base: Tomada às 12 horas do dia considerado

2) Repletamentos — Informar as necessidades em QM críticas, diariamente, mesmo negativamente

3) Prisioneiros de guerra — Os Of Sp capturados deverão ser encaminhados ao P Col PG da Bda

4) Moral e assistência ao pessoal

a) Cotas Dspn no C Rcr (período de 8 dias); cada Cia/ (inclusive Cia Adm) terá uma cota de 1 Of e 4 Pr, por período de 2 dias

b) Cotas Dspn no C Rpo (período de 8 dias): idem cotas C recreação

c) Escalas: a cargo do S/1

d) Todos os estabelecimentos do tipo bar, café, restaurante e similares estarão interditados para frequência por Elm da tropa

5) Sepultamento — Todos os esforços serão envidados para que os mortos sejam identificados pela própria unidade, de forma completa, em seus P Col

d. Assuntos civis

1) O S-3 coordenará com o 5142º Pel As Civ, a evacuação total de civis das seguintes áreas e faixas

a) A Ap Log/15ª Bda Inf Mtz

b) Faixa junto à fronteira com o país verde (Faz S. JOSÉ — PORTO MILITÃO — R SUL FOZ R TURVO)

2) P Col Civ: Faz MARINHEIRO (10-84)

3) Outras prescrições

a) Hora de recolher: 18:00 hs

b) Hora de liberação: 06:00 hs

c) Rodovias e trânsito para civis: fica restrito à Rv que liga FAZ MARINHEIRO às FAZ S. JOSÉ e S. ANTONIO (12-86)

d) É vedado o uso de mão-de-obra civil

5. LIGAÇÕES E COMUNICAÇÕES

a. Comunicações

1) Índice das IE Com: 1-30

(Classificação Sigilosa)

(Classificação Sigilosa)

2) Anexos

- a) E — QRR
- b) F — Diagrama de Circuitos

3) Rádio

- a) Em silêncio
- b) Restrito: para a DEFAR
- c) Livre: Para a F DEFAR, ao estabelecer Ctt com o inimigo; para os demais, Mdt O

4) Outros meios

- a) Explorar ao máximo as ligações por fio
- b) Mensageiros de escala partindo do PC do B Log às horas ímpares
- c) Não são permitidas as ligações óticas no interior da A Ap Log
- d) Acústicos

(1) Atq Aéreo — três toques breves de sirene, com intervalos de cinco segundos.

(2) Atq de Bld — dois toques breves, com intervalos de três segundos.

b. Postos de comando

- 1) PC/Bda: Faz BOTAFOGO
- 2) PCR/Bda: A Ap Log/Bda
- 3) PC/B Log: An A
- 4) Elm Subrd: An A

Acuse estar ciente

a) _____
Cel Cmt 15º B Log

Anexos: A — Calco Desd
B — Plan Desloc A Ap Log
C — Plano de DEFAR
D — Plano de CD
E — QRR
F — Diagrama dos circuitos físicos

Distribuição: — Lista A
— 15º Cia Adm
— 1051º Pel Cir Mv
— 1º/15º Esqd C Mec

CONFERE — 5142º Pel Op As Civ

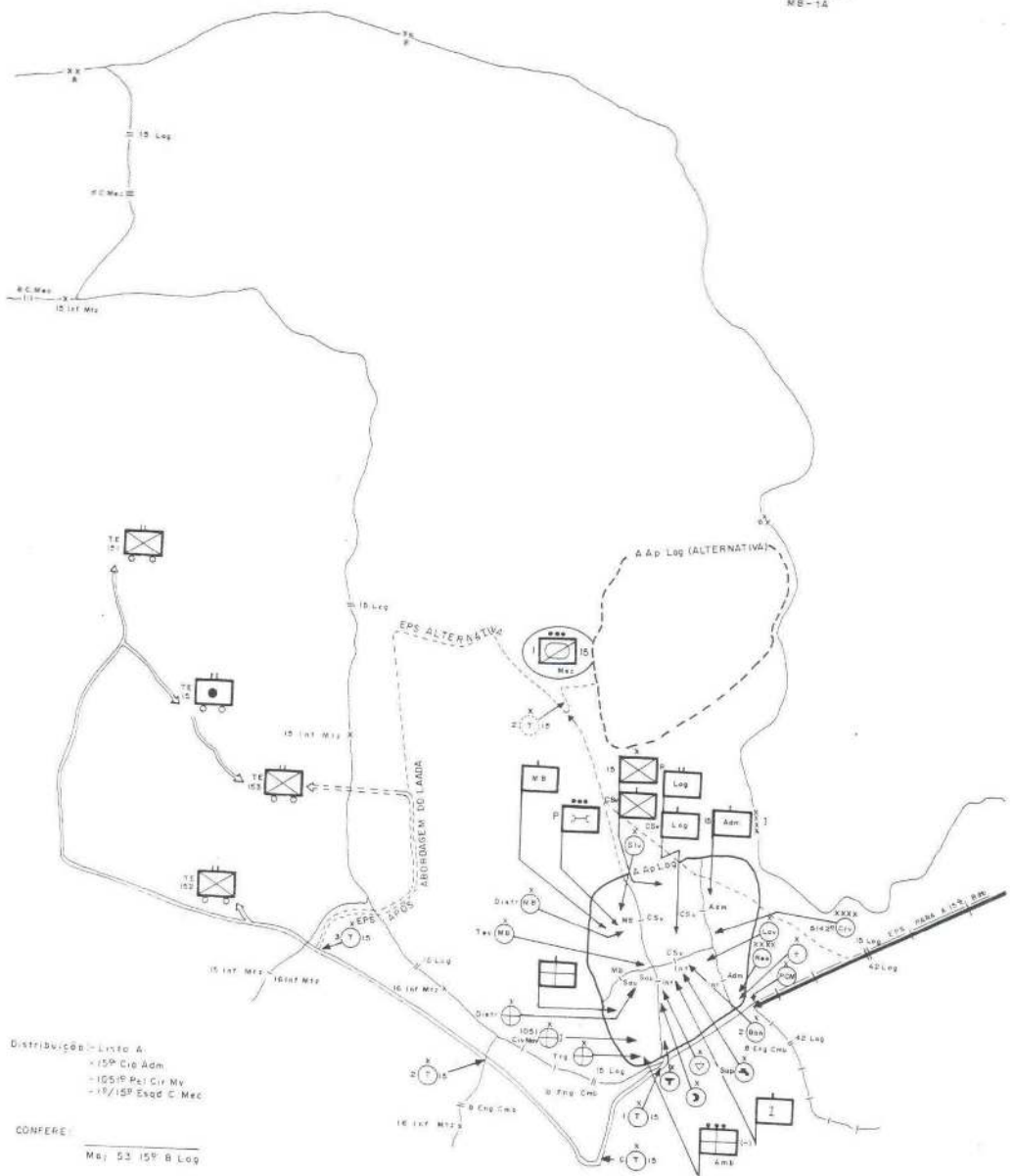
Maj S 3 15º B Log

(Classificação Sigilosa)

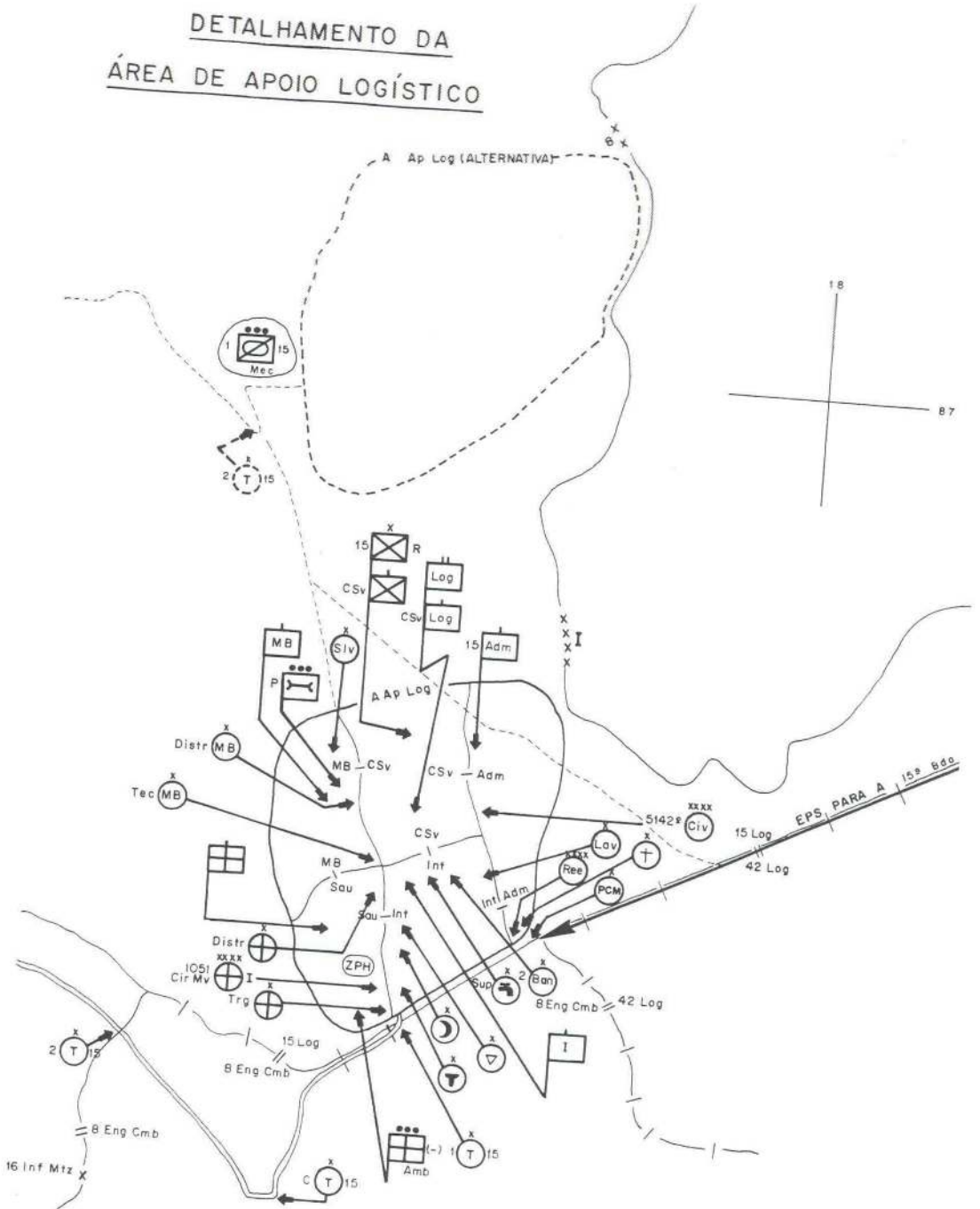
ANEXO A (CALCO DE DESDOBRAMENTO) A O Dp Nr 8

Rtr: AMPLIAÇÃO DA REGIÃO DE CARDOSO (Crt SP) - Esc: 1/25.000

EXEMPLAR Nr 2
15º B Log
Por G. PAULA SILVA
D-3/0800
MB-14



DETALHAMENTO DA
ÁREA DE APOIO LOGÍSTICO



ANEXO D

MEMENTO DO PARÁGRAFO 4º – ADMINISTRAÇÃO DA ORDEM DE OPERAÇÕES DE GU (DE)

(Classificação Sigilosa)
(Confirma ordens verbais)

Exemplar Nr
12ª DE
PC (local)
Data-hora
Código

ORDEM DE OPERAÇÕES Nr

Rfr: Carta
Composição dos meios

1. SITUAÇÃO

.....

2. MISSÃO

.....

3. EXECUÇÃO

4. ADMINISTRAÇÃO

a. Generalidades

1) Ba Log – Desd na R de ITAJAÍ

(Classificação Sigilosa)

(Classificação Sigilosa)

- 2) 12º B Log — Desd na R de ITAJAÍ, Ap a 1ª/531º BI Mtz na Op aeromóvel, até a sua junção, após o que, será Ap pelo 53º B Log
- 3) Desdobramento administrativo — An E (Calco)

b. Logística

1) Suprimentos

a) Classe I

- (1) Autorizado o consumo de Rç R2—A e R3.
- (2) Reajustamento de Ped Sup Cl I: período de 5 dias, a partir de D+2

b) Classe III — Crédito diário a partir de D+3

- (1) Base divisionária.

ELEMENTO	GAS A	GAS B	ÓLEO DIESEL
12º. RC Mec	4000		5.000
Cia Cmdo 12ª DE	1000		
12ª Cia PE	1000		
12º GAC 155 AR	5000		
12º G Can Au AAe 40 AP	5000		
12º BE Cmb	6000	3000	10.000
12º BE Com Div	6000	5000	5.000
12º B Log	6000		
12ª Cia Adm	1000		
12ª Cia As Cívís	6000		
5203º Pel Loc As Civ	2000		

- (2) 53ª Bda Inf Mtz — Gas A (31.000), Gas B (1.000) e OD (4.000).

- (3) 45ª Bda Inf Bld — Gas A (25.000), Gas B (19.000) e OD (8.000).

- (4) Crédito a partir de D+6 — A regular.

c) Classe IV — Os pedidos deverão dar entrada no PC 48 horas antes do seu emprego

d) Classe V (munição) — Munição disponível, a necessária.

e) Classe VI

.....

.....

- f) Suprimentos especiais — O 12º B Log deverá estabelecer horário
- (Classificação Sigilosa)

(Classificação Sigilosa)

para banho e suprimento de água, mediante entendimento com o Cmto da 12ª DE

2) Transporte

a) Plano de Circulação e Controle de Trânsito

b) Mvt diurnos — Somente por infiltração, em casos absolutamente indispensáveis

c) Prioridade

(1) Até D+4 — Tropa, Sup, Ev Pes.

(2) A partir de D+5 — Sup, Tropa, Ev Pes.

3) Saúde

a) Evacuação

(1) Ev Aem — Prioridades.

(a) De D a D+4 — 53ª Bda Inf Mtz e B Div

(b) Após D+4 — 45ª Bda Inf Bld, B Div, 53ª Bda Inf Mtz

(2) Coordenação dos pedidos a cargo das GU.

b) Hospitalização — 538º H Ev em ITAJAÍ, Ap a 12ª DE

4) Manutenção

a) Prioridade

(1) Até D+4 — Armt, Vtr SR

(2) A partir de D+5 — Armt, VBTP, CC, Vtr SR

b) Ref aos Elm Subrd — Equipes de Mnt da Cia MB do 12º B Log

5) Serviço em campanha — Somente a partir de D+7 haverá fornecimento de pão e alimentos refrigerados

c. Pessoal

1) Efetivos, registros e relatórios

a) Sumário diário de pessoal — Até 0400 h, com término de período às 18:00 h do dia anterior

b) Relatório periódico de pessoal — Até 10:00 h das segundas-feiras, com término de período às 24:00 h dos domingos

2) Repletamentos

a) Somente a partir de D+4 serão fornecidos Rcp

b) Pedidos normais — Fim do período às 18:00 h do dia anterior

c) Pedidos de emergência — Quando os claros de QM ou totais ultrapassarem 20% do efetivo previsto

d) A 1ª/51ª B Rcp em ITAJAÍ, com previsão de distribuição de 120 Rcp, a partir de D+7

3) Prisioneiros de guerra

a) Campo de PG — CURITIBA

(Classificação Sigilosa)

(Classificação Sigilosa)

- b) P Col PG/12ª DE — R de ITAJAÍ
- c) Os Of Sp aprisionados, antes de serem encaminhados para a ZA, deverão ser conduzidos ao E2 da 12ª DE
- 4) Moral e assistência ao pessoal
 - a) C Rpo — CURITIBA
 - (1) Período de 3 dias a partir de D+6.
 - (2) Distribuição de vagas para as OM da B Div.
 - (a) Cia C 12ª DE — 1 Of, 4 Gr e 10 Sd
 - (b) 12ª Cia PE — 1 Of, 4 Gr e 10 Sd
 - b) Serviço postal
 - (1) Agência postal distribuidora — Desd em ITAJAÍ.
 - (2) Agência postal 12ª DE — Desd em ITAJAÍ.
- 5) Sepultamento
 - a) Cem 12ª DE — CURITIBA
 - b) P Col mortos — R de ITAJAÍ
- d. Assuntos civis
 - 1) Trânsito de civis — Impedido o trânsito de civis pelas BR 101 e BR 470
 - 2) Localização e funcionamento de P Col civis
 - a) P Col civis — Abertura a partir de D+5
 - b) Localização — Anexo E (calco Desd Adm)
 - 3) Diversos
 - a) Autorizada a utilização de pessoal civil, indispensável, respeitando-se as condições de segurança e mediante indenização, a partir de D+2. Qualquer outro uso, mediante proposta ao Cmt 12ª DE
 - b) Toque de recolher — 19 00 h em toda a C Pra
 - c) Hora de liberação 06 00 h
 - d) Proclamação — O 5203º Pel Loc As Civ prepare e submeta ao Cmt 12ª DE proclamação sobre as Atv Civ
 - e) Atividades de governo — O 5203º Pel Loc As Civs conduza, com a cooperação das autoridades civis locais, a direção das funções essenciais à manutenção dos serviços públicos essenciais das localidades da D Pra
 - f) Avisos — O 5203º Pel Loc As Civs prepare avisos conclamando a população civil a obedecer as leis, cooperar com FT Cbn na expulsão dos invasores e, ainda, orientando-a sobre o desempenho de suas atividades, cujo controle será exercido pelo Cmt da DE

(Classificação Sigilosa)

(Classificação Sigilosa)

e. Diversos

1) Os comboios deverão deslocar-se sob escolta até a conquista dos objetivos

2) Abertura das instalações do 12º B Log — D+2/1800

3) Abertura das instalações da Ba Log — D+7/1800

4) SEGAR

a) DEFAR — An F (Plano de DEFAR)

b) CD — An G (Plano CD) (omitido)

D — Plano de Circulação e Controle de Trânsito (omitido)

E — Calco do Desd Adm (omitido)

F — Plano de DEFAR

G — Plano CD (omitido)

H — Comunicações (omitido)

a) _____
Cmt 12ª DE

Distribuição: Lista A

FT Anf Cbn

Bda FN

Confere: _____
E 3 F Dbq / 12

(Classificação Sigilosa)

ÍNDICE ALFABÉTICO

A

	Prf	Pag
Apoio administrativo no âmbito do batalhão logístico	2-15	2-21
Apoio às operações		
— (contraguerrilha)	9- 5	9- 6
— de reconhecimento	6-18	6-16
— de segurança	6-19	6-18
Apoio logístico		
— às operações de contraguerrilha	9- 3	9- 2
— (ataque coordenado)	6-11	6- 9
— (marcha para o combate)	6- 4	6- 3
— (movimentos retrógrados)	8- 2	8- 1
— (operações aeromóveis e aeroterrestres)	9-12	9-14
— (operações defensivas)	7- 2	7- 2
— (zonas de reunião)	4- 2	4- 1
Apoio nos diversos tipos de contato (marcha para o combate) . . .	6- 8	6- 6
Área de apoio logístico	2-11	2-19
Aspectos doutrinários		
— (operações defensivas)	7- 1	7- 1
Atividades logísticas na contraguerrilha rural		
— (contraguerrilha)	9- 4	9- 3

B

Batalhão logístico (generalidades)	2- 2	2- 1
--	------	------

C

Caracterização		
— (movimentos retrógrados)	8- 1	8- 1

	Prf	Pag
Companhia de		
— comando e serviços	2— 6	2— 9
— intendência	2— 4	2— 5
— material bélico	2— 5	2— 7
— saúde	2— 3	2— 3
Conceituação		
— (Batalhão logístico)	2— 1	2— 1
— da contraguerrilha rural	9— 1	9— 1
— da contraguerrilha urbana	9— 2	9— 1
Considerações doutrinárias		
— ataque coordenado	6—10	6— 8
— marcha para o combate.	6— 3	6— 2
Considerações particulares sobre o emprego	2—10	2—18
Considerações táticas		
— (aproveitamento do êxito).	6—16	6—15
Considerações logísticas		
— (marcha para o combate)	6— 6	6— 4
Condicionantes para o apoio logístico		
— (operações em selva)	9— 8	9— 8

D

Defesa da área de apoio logístico	11—11	11— 7
Defesa da subárea		
— (defesa da área de retaguarda)	11—12	11— 9
Desenvolvimento das operações de mudança de área.	5—10	5—12
Desenvolvimento do estudo de situação	3—14	3—11
Desdobramento		
— do batalhão (área de apoio logístico).	5— 1	5— 1
— do batalhão (operações em selva)	9—10	9—13
— (operações defensivas)	7— 7	7— 6
— e segurança (ataque coordenado)	6—15	6—15
— (zona de reunião)	4— 4	4— 2
Desdobramento e desbordamento		
— (marcha para o combate)	6— 9	6— 7
— (movimentos retrógrados)	8— 6	8— 6
Distribuição e arquivo	3—16	3—17

E

Elaboração de documentos	3—15	3—16
------------------------------------	------	------

	Prf	Pag
Emprego como infantaria	2-14	2-21
Escolha da área		
— (área de apoio logístico)	5- 6	5- 7
Estado-Maior		
— (comando e controle)	3- 3	3- 2
Estudo de situação do comandante	3-12	3-10
Execução do reconhecimento	5- 5	5- 6
Exercício do comando	3- 1	3- 1

F

Fatores para localização da área de apoio logístico.	5- 2	5- 2
Finalidades (do manual)	1- 1	1- 1
Formas de emprego	2- 8	2-17

G

Generalidades		
— (estudo de situação)	3-11	3-10
— (movimentos preparatórios)	6- 1	6- 1
— (operações aeromóveis e aeroterrestres)	9-11	9-14
— (operações em selva)	9- 7	9- 7
— (zonas de reunião)	4- 1	4- 1

I

Introdução		
— (emprego geral do batalhão)	2- 7	2-17

L

Levantamento de danos	11-15	11-11
---------------------------------	-------	-------

M

Manobra logística	2-13	2-20
Meios de comunicações	10- 1	10- 1
Missão do batalhão na SEGAR	11- 7	11- 5
Movimentos em rodovia	6- 2	6- 1

N

Necessidades de reconhecimento	5- 3	5- 3
Necessidades externas de comunicações	10- 3	10- 2
Necessidades internas de comunicações	10- 2	10- 1

O

Ocupação da área	5- 7	5- 8
Oficiais especialistas do batalhão	3-10	3- 9
Oficial de munições e de guerra QBN da GU	3- 8	3- 8
Organização do apoio nas operações de ataque	6-14	6-12
Organização da subárea		
- (defesa de área de retaguarda)	11- 9	11- 6
Organização para o apoio ao combate		
- (marcha para o combate)	6- 7	6- 5
Organização para o apoio ao combate na defensiva	7- 6	7- 5
Organização para o apoio		
- (operações aeromóveis e aeroterrestres)	9-13	9-17
Organização da unidade para o apoio		
- (movimentos retrógrados)	8- 5	8- 6

P

Peculiaridade do apoio		
- na contraguerrilha urbana	9- 6	9- 7
- (operações defensivas)	7- 5	7- 4
Planejamento (mudança de área)	5- 8	5- 8
Planejamento das ações		
- (defesa de área de retaguarda)	11-10	11- 7
Planejamento e operações		
- (operações em selva)	9- 9	9- 9
Planejamento das operações de controle de danos	11-14	11-11
Planejamento do apoio		
- (movimentos retrógrados)	8- 3	8- 2
- nas operações defensivas	7- 3	7- 2
- (zonas de reunião)	4- 3	4- 1
Planejamento para o apoio ao ataque	6-12	6- 9
Plano de apoio logístico		
- (marcha para o combate)	6- 5	6- 3

	Prf	Pag
Plano de desdobramento do batalhão		
— (mudança de área)	5— 9	5—11

R

Reflexos nas atividades logísticas		
— (ataque coordenado)	6—13	6—10
— (movimento retrógrado)	8— 4	8— 3
— (operações defensivas)	7— 4	7— 3
Reflexos para o apoio logístico		
— (aproveitamento do êxito).	6—17	6—16
Relações com os comandantes subordinados.	3— 9	3— 8
Responsabilidades		
— (controle de danos)	11—13	11—10
— (defesa de área de retaguarda)	11— 8	11— 6

S

Seção de estado-maior		
— 1ª seção.	3— 4	3— 3
— 2ª seção.	3— 5	3— 4
— 3ª seção.	3— 6	3— 5
— 4ª seção.	3— 7	3— 7
Segurança		
— durante os movimentos.	11— 2	11— 2
— imediata	11— 1	11— 1
— na área de apoio logístico	11— 5	11— 3
— nos altos	11— 3	11— 2
— nos estacionamentos	11— 4	11— 2
Sistema		
— de comunicações por fio	10— 4	10— 2
— de mensageiros	10— 6	10— 5
— rádio.	10— 5	10— 3
Sistemática do estudo de situação.	3—13	3—10
Subárea de apoio logístico.	2—12	2—19
Subcomandante	3— 2	3— 2

T

Trabalhos preparatórios		
— (reconhecimento, escolha e ocupação).	5— 4	5— 4

V

Vinculação de comando	2- 9	2-18
-----------------------------	------	------

DISTRIBUIÇÃO

1. ÓRGÃOS

Gabinete do Ministro	1
Estado-Maior do Exército	15
DMB, DEC, DGS	1
DEE, DFA	1
DAM, DME, DMM, DMCE	1
D Telecom	1
DMI, D Sau	1
SGEx	1

2. GRANDES COMANDOS E GRANDES UNIDADES

Exércitos	2
Comandos Militares de Área	2
Regiões Militares	2
Divisões	2
Brigadas	2
Grupamentos de Engenharia	2
Artilharias Divisionárias	2
Artilharia de Costa	2

3. UNIDADES

Inf	2
Cav	2
Art	2
Eng	2
Com	2
Ap Log	5

4. SUBUNIDADES (autônomas ou semi-autônomas)

Inf	1
Cav	1

Art	1
Eng	1
Com	1
MB	2
Int	2
Pel MB	2

5. ESTABELECIMENTOS DE ENSINO

ECEME	30
EsAO	120
AMAN	60
EsSA	8
CPOR	6
CPOR / R e RJ	10
NPOR / MB	5
EsMB	30
EsSE, EsCom, EsACosAAe, EsIE, CIGS, CEP, CI Pqdt GPB	3
EsPCEX	2

6. OUTRAS ORGANIZAÇÕES

Arq Ex	1
Arsenais	2
BIBLIX	1
C Doc Ex	1
D C Armt	1
D C M M	1
D R A M	1
D R M M	1
E G G C F	1
H C E	1
Hospitais Gerais e de Guarnições	22
M M B I P	2
Pq C M M	2
Pq D M C E	2
Pq R Armt	2
Pq R Mnt	2

**Este manual foi elaborado com base em anteprojeto apresentado pela
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.**



1.^a Edição
Tiragem: 1.000 exemplares
Abril de 1985